

# ESSA VIDA CHAMADA ESCOLA

o olhar para dentro e para  
fora nos caminhos de  
outra educação possível



ORG.  
Leila Rocha Sarmiento Coelho

*Essa vida chamada escola*

# ESSA VIDA CHAMADA ESCOLA

O OLHAR PARA DENTRO E PARA FORA NOS  
CAMINHOS DE OUTRA EDUCAÇÃO  
POSSÍVEL

ORG.

Leila Rocha Sarmiento Coelho

*Essa vida chamada escola*

Copyright © 2022 MOANE – Movimento de Alternativas para  
uma Nova Educação

Todos os direitos reservados.

ISBN: 978-65-00-49332-0

*Essa vida chamada escola*

Dedicamos este livro a todas as pessoas  
apaixonadas pela educação.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todos os que tornaram o sonho de escrever esse livro real.

## CONTEÚDO

<u>PREFÁCIO</u>	<u>8</u>
<u>APRESENTAÇÃO</u>	<u>12</u>
<u>DA IDEALIZAÇÃO À CRIAÇÃO E SUAS TRANSFORMAÇÕES</u>	<u>23</u>
<u>A ORGANIZAÇÃO DO AMBIENTE ESCOLAR E SUA RELAÇÃO COM O CORPO E A APRENDIZAGEM</u>	<u>40</u>
<u>O PERCURSO PEDAGÓGICO NA BUSCA DE UMA EDUCAÇÃO INTEGRAL E TRANSFORMADORA</u>	<u>55</u>
<u>O CURRÍCULO TRANSDISCIPLINAR COMO INTEGRADOR DA ESCOLA E DA COMUNIDADE</u>	<u>65</u>
<u>OS CAMINHOS NA CONSTRUÇÃO DE UMA GESTÃO DEMOCRÁTICA</u>	<u>73</u>
<u>COMO SINTO MINHA ESCOLA: RELATOS DE VIVÊNCIAS DE EDUCANDOS E EDUCANDAS</u>	<u>84</u>

<u>A ESCOLA COMO PARTE INTEGRANTE DA FAMÍLIA: RELATO DA VIVÊNCIA DE PAIS E MÃES</u>	<u>93</u>
<u>A ESCOLA EM MIM E EU NELA: RELATO DE VIVÊNCIAS DE EDUCADORES</u>	<u>100</u>
<u>PELOS OLHOS DE QUEM BUSCA NOVAS ALTERNATIVAS EM EDUCAÇÃO: RELATOS DOS QUE PISAM NO CHÃO DA ESCOLA COMO VISITANTE</u>	<u>130</u>
<u>REFERÊNCIAS</u>	<u>150</u>

## PREFÁCIO

Estávamos na cozinha da escola, que podia ser a cozinha da casa da gente, algumas cozinham, outros ajudam, e outras apenas sentavam-se à mesa e tomavam café recém coado. Muitas conversas, muitas risadas, afeto, acolhimento, tudo junto e misturado. Crianças, adultos, jovens, entravam e saíam, com a alegria que transparece no trabalho coletivo, no fazer com propósito, com sentido. Estávamos nos preparando para a I Conane Regional Paraíba, organizada e realizada pela equipe da ENSC Bananeiras e do coletivo Núcleo de Educação Transformadora da Paraíba.

Num canto da mesa estava um menino, enrolava doces de forma cuidadosa, tamanhos iguais, colocava nas formas. Sentei-me à frente dele e perguntei se podia ajudar na tarefa. Ele concordou e me informou sobre as regras: forma de enrolar, tamanho do doce, como colocar na forminha. Começamos o trabalho e ele logo determinou que eu enrolasse o doce e que ele colocaria na forma, pois era mais ágil para abrir os papéis e encaixar os doces. Segui o fluxo e

o comando. Definida a autoridade sobre a tarefa, iniciamos uma conversa boa. Ele estava feliz, os doces eram a sua contribuição para a verba de construção do novo espaço da escola.

Lembrei-me do desenho do arquiteto, logo na entrada da escola, para que todos se lembrassem sempre do sonho e do que fazer juntos para chegar até ele. E ali estava o menino, enrolando doces que seriam vendidos no evento, e esta verba se juntaria a outras tantas, de rifas, festas, venda de velas no dia de Finados, doações. Um dia, todos e todas entrariam naquele espaço tão sonhado, tantas vezes imaginado.

No meio da conversa, o menino diz: este é o meu último ano na minha escola, no ano que vem irei estudar em outro lugar. Naquele momento eu pensei: ele não estará no novo espaço, não será mais a escola dele — mas, o menino, compenetrado em enrolar doces, ali, à minha frente, estava feliz porque sua contribuição ia gerar a realização de um sonho para muitos, embora ele não fosse desfrutar mais daquele espaço. Se isso não é educação, eu não sei o que pode ser.

Sentada naquela mesa da cozinha, enrolando doces, orientada por um menino feliz, eu lembrei da minha primeira escola, em uma cidade pequena do interior desse país, na casa de Dona Vicentina. A escola era o mundo, amigos, pequenas e grandes descobertas, livros, cadernos, lápis, tudo era transformador. Quando eu cheguei, aos 5 anos, já sabia ler e minha professora perguntou se eu queria ajudar os que ainda não sabiam. E eu descobri que, além de aprender, uma menina de 5 anos também pode ensinar e que todos podem aprender e ensinar.

O menino e eu estávamos felizes, de vez em quando ele me tirava do passado e dizia: este doce está menor que os outros, precisam ficar todos iguais, e eu lhe disse: - tem gente que gosta de doce grande e gente que gosta de doce pequeno. Ele me olhou por alguns segundos e disse: está bem, e seguimos.

Está bem também que sejamos diferentes, que sejamos diversos, mas nessa escola, espaço que nos acolhe com amor e respeito à individualidade, o sonho coletivo prevalece. Cada um de traz o que tem de melhor, tudo é bem-vindo, tudo é contribuição, tudo é doce.

Ao final do dia aconteceram as rodas de conversas sobre o que foi aprendido em cada projeto. Juntei-me a uma delas. Pedi permissão para participar, as crianças concordaram, estavam sentadas no chão, em roda. Ao notarem a minha dificuldade para sentar-me no chão, uma menina levantou-se e trouxe um banco. Ninguém me chamou de senhora, ninguém falou da minha dificuldade. Um menino começou a me explicar o projeto sobre energia eólica: Sonia, estamos pesquisando sobre... Meu coração ficou aquecido com o reconhecimento entre meus pares, eu estava acolhida por quem sou.

Cada um disse o que havia aprendido durante a pesquisa diária. Alguém perguntou: qual é o tamanho do “poste de vento”? Um disse: acho que é 25 metros e outro disse: eu acho que é 300 metros. Silêncio, o número 300 foi impactante demais. Alguém me pergunta se eu sei e digo que não faço ideia. Uma menina bem pequena disse: 300 é muito, vamos procurar no google. Vamos todos juntos e descobrimos o número 197. Ninguém foi recriminado, não escutei nenhum “você estava errado”. Apenas aprendemos juntos e nos sentamos novamente para imaginar quão alto é um poste de 197 metros e começamos a conversar sobre o que é energia eólica, a partir do que cada um descobriu. Fomos construindo o mosaico, cada um trouxe seu saber. Ali, naquela roda, vivenciei, renovadamente, a alegria de aprender juntos.

Essas duas histórias que vivenciei são para mim a essência da ENSC Bananeiras, o espaço onde tantos aprendem e ensinam juntos. A cozinha, o jardim, o quintal, os corredores, os espaços de projetos, tudo é a casa da gente.

Esse espaço tão rico de aprendizagem me lembra em tudo Paulo Freire, quando diz: Ensinar e aprender não pode

se dar fora da procura, fora da boniteza e da alegria. É isso que encontram todos os que entram naquele espaço, a boniteza de estarmos juntos, nos reconhecendo como indivíduos dentro de um coletivo e a alegria de fazer junto, da pintura no muro à descoberta dos postes de vento.

É essa procura diária, de educadoras e educadores, dos caminhos para uma educação possível, para esta vida que chamamos de escola.

Saboreiem este livro e em cada trecho dele lembrem-se das crianças acolhidas amorosamente pelas educadoras e educadores da ENSC Bananeiras. Sintam a alegria que esses e essas têm em contribuir com o sonho de todos, das cidadãs e cidadãos que sairão desse espaço, firmes na esperança de um mundo melhor, ao qual não assistirão passar em branco, mas construirão com todas as possibilidades de juntos irem aprendendo e ensinando durante o caminho.

Se isso não é educação, eu não sei o que pode ser.

*Sonia Goulart*

Coordenação Geral da CONANE Nacional  
Janeiro/2021

## APRESENTAÇÃO

LEILA ROCHA SARMENTO COELHO

*Uma ave voa em mim. Seu nome? Não sei. Não sei ainda. Maior do que eu, ela parece guardar de mim mesmo o melhor do que sou ser. Do que imagino poder vir a ser um dia. Ela voa em mim e vai e me leva de mim aos outros. Por seu intermédio, saio da estranha pessoa que se chama Carlos em busca do outro, de outros, de meus outros, daqueles com quem de perto ou de longe comparto frações da vida que nos irmana. E volto a mim mesmo carregado do afeto que eles deixam em mim. Essas serão, entre asas, as raízes. Quando busco um nome entre as palavras das ciências em que fui me exercendo pela vida afora, todos eles me parecem pobres. Pobres, complicados demais e limitados. A ciência pensa conceitos e talvez o nome desse estranho pássaro esteja um tanto além deles. Os conceitos andam devagar, as ideias voam. Quando procuro esse estranho nome em algum lugar de fronteira entre a ciência, a arte e as falas da vida de todos os dias, algumas palavras me vêm. Não são muitas e de tal sorte se assemelham que quase poderiam ser sinônima. Escolho uma e é ela quem nos acompanhará, leitora amiga, amigo leitor, ao longo destas páginas. Já disse antes o seu nome e ele me volta:  
amor.*

Carlos Brandão (2005, p. 26)

É sempre comum escutarmos um discurso recorrente nas escolas entre todos (pais, educandos, professores, gestores) de insatisfação com o ensino-aprendizagem e quase sempre atribuindo uns aos outros o resultado dessa insatisfação.

Para os pais, o problema está quase sempre nos alunos, que deveriam estudar e não estudam, que têm preguiça, que são distraídos. Em menor escala, nos professores, que poderiam ser mais exigentes ou se interessar mais pelos alunos. Alguns assumem a responsabilidade do problema atribuindo a falta de tempo para ensinar as tarefas, para acompanhar, ou mesmo por falta de domínio dos conteúdos.

Os professores, por sua vez, enfatizam seu olhar para as salas de aulas numerosas, programas desvencilhados do interesse dos alunos, falta de material didático, sem falar na desvalorização da profissão, com os salários injustos e a sobrecarga de atividades. Reconhecem os problemas, mas se sentem impotentes para promover transformações.

Para os alunos, acostumados à liberdade do brincar, do ser e estar, de uma vivência calcada na curiosidade, na imaginação, na visão investigativa e na fala descontraída, ao se depararem com o ambiente escolar, não passam a ver e encontrar nele uma ligação direta com a vida, com seu cotidiano. A curiosidade dá lugar a um comportamento padronizado, a imaginação é tolhida pela aula previamente construída e imposta, a visão investigativa por um currículo distante de sua realidade, a fala descontraída é silenciada pela norma culta da língua nativa.

O discurso da lei é uma escola para todos, integral, equitativa e democrática. Entre a lei e a realidade há sempre um grande distanciamento, que a desvirtua do alvo e chega sempre ao destino deixando muito a desejar.

O fato é que a escola educa e instrui só uma minoria; a maioria é excluída e marginalizada. O olhar mais atento, vimos que nem todos têm acesso à escola, ao buscarmos os

dados estatísticos, muitos dos que entram são reprovados ou evadiram; poucos são os que conseguem concluir a educação básica.

Nesse universo, são as crianças oriundas das camadas populares e do campo as mais excluídas, as vítimas desse sistema desigual, injusto e desumanizante. A escola que deveria ser um instrumento que promovesse a dignidade humana em todas as suas dimensões, acaba fortalecendo, em sua grande maioria, essa realidade de exclusão e marginalidades.

Engessada em sua formalidade e vivendo ensimesmada, o grande desafio da escola tem sido buscar ser parte integrante da comunidade da qual está inserida e lugar de fortalecimento da cultura de seu entorno.

O trabalho desenvolvido na Escola Nossa Senhora do Carmo aponta o esforço de construir essa ponte com a família, de fortalecer o território, aprofundar e alargar a cultura local, de ser espaço de redução dessas distorções citadas acima, de dar vez e voz a todos os seus sujeitos, de promover o protagonismo no processo de construção do conhecimento.

Isso pode ser percebido pelas temáticas de trabalho pedagógico, discutidas e escolhidas por toda a comunidade escolar, diante de uma necessidade apresentada, pelos encontros de formação, de avaliação e planejamento das práticas e pela proposta pedagógica. Também pode se notar através dos instrumentos de inclusão, das palestras e oficinas, pelo trabalho voluntário presente, pela participação dos pais nas atividades e assiduidade na escola.

Essa relação de troca e reciprocidade, como princípios do campo e da escola, fortalece as práticas na escola, fortalece os saberes prévios, agrega novos e torna-se vínculo de unidade.

Tentamos e lutamos para que a escola não seja um espaço isolado na comunidade, no esforço contínuo de ajudar as pessoas de seu entorno em suas necessidades, no fortalecimento de sua cultura e na promoção do bem

comum. Dentro de suas possibilidades, luta-se com a clareza de que ainda há muito a percorrer na sua importância e papel diante de seu povo, como também tem-se a clareza de que não passa inerte, ensimesmada, ‘aparente e fria’ diante de seus sujeitos.

Todo esse trabalho apresenta um diferencial que passa a trazer mais a presença e participação da família no espaço escolar e a escola a ser parte integrante da comunidade na qual está inserida. Caminhos encontrados para estreitar as relações, fortalecer e construir saberes; caminhos que apontam um trabalho desenvolvido, mas, também, um processo contínuo de construção.

O diálogo exercitado tem estabelecido uma relação de confiança no trabalho desenvolvido, de laços de solidariedade, acolhida e afetividade. Diálogo que tem permitido a construção de diagnósticos, nem sempre fáceis de serem resolvidos. Um desses é a continuidade e permanência do trabalho familiar no campo hoje, do homem do campo no campo, devido a violência que tem adentrando a zona rural e amedrontado todos, resultando numa evasão do campo. Outra realidade presente é uma grande invasão de condomínios construídos pela exploração econômica e turística na região. Essa tem levado os agricultores a vender seu pequeno pedaço de chão atraídos pela especulação imobiliária.

Olhamos para trás e vemos já uma grande construção. É significativa a presença dos pais na escola, embora ainda queremos mais. Esse é um diferencial, cuja presença tem se tornado uma luta para as escolas. Essa participação também pode ser percebida como vínculo de unidade na presença dos estudantes e funcionários.

Tem-se uma frequência de alunos muito boa na escola, apesar de toda a apresentação da realidade campesina, como dificuldades de acesso no período chuvoso, a falta de consciência de vê-la como espaço de transformação social do meio e de si, a necessidade das ausências para o plantio, bem como a valorização pela escola.

Pode-se apontar como consequência dessa frequência significativa, a forma como são acolhidos em suas diferenças, respeitados em suas identidades, escutados e amados.

A criança e o jovem têm, em sua essência, a necessidade de serem cuidados, de atenção e de amorosidade. A vida dura do campo torna-se fator de enrijecimento das relações afetivas na família, as crianças sentem uma carência afetiva que suprem dentro da escola, pelo aconchego acolhedor de todos que compõem a escola. As relações estabelecidas entre educadores e entre educadores e educandos, as práticas desenvolvidas, os instrumentos constituídos, demonstram uma construção que traz uma relação de pertencimento, de bem estar e de sentimento de cuidar e ser cuidado, amar e ser amado. Este é outro grande diferencial da escola, onde os educandos sentem uma vontade enorme de permanecer dentro dela, usufruindo de seus espaços.

Os educadores se sentem instigados ao desafio da proposta, nessa busca de partir de uma necessidade local para chegar ao global e intervir no local. As práticas e os instrumentos incorporam todos no tudo da escola, assim, se sentem integrados e partes do processo, o que motiva a estarem dentro dela. Sentem a responsabilidade e exigência da proposta educativa, assumem a coautoria e criam laços efetivos e afetivos, quando conseguem unir realização pessoal e profissional.

A necessidade de formação contínua para responder às demandas apresentadas, gerou um diferencial significativo, bem como os encontros promovidos, os conselhos, os planejamentos, têm se tornado veículos de integração, fortalecimento do grupo e vínculos fraternos e de unidade.

Os demais membros da escola sentem-se acolhidos em sua identidade, estabelecendo uma relação de igualdade com todos, se reconhecendo também como sujeitos na construção pedagógica e no caráter educativo em sua função.

Tem-se um número de ausências no trabalho muito

pequeno. Isso é atribuído ao fato de se sentirem partícipes do processo, acolhidos em sua identidade, respeitados e amados, incorporando sua importância dentro da escola e o compromisso ético com a docência.

Ao enveredar seus caminhos por uma educação construída com seus sujeitos e para eles, embasando seus fundamentos na educação popular e na educação do campo, a escola desenvolve práticas que promovem autonomia, liberdade e consciência crítica, buscando fortalecer e alargar os valores e a cultura do seu entorno. A simplicidade da vida campesina, as relações de troca e reciprocidade, vistos como valores da cultura campesina, já tão fortemente persuadidos pelos valores e cultura do capitalismo, da competitividade e do individualismo, são princípios que a escola tem fortalecido na construção da parceria. Essas práticas, compreendem o voluntariado, as temáticas e valores trabalhados pedagogicamente nos mutirões, nas campanhas de arrecadação de fundos e de ajuda comunitária, bem como na construção de uma gestão compartilhada e democrática. Ainda como contribuição, a escola tem tentado fortalecer e resgatar a afetividade, fortemente abafada pela rudeza da labuta campesina.

Os momentos de encontros com os pais, constituídos como práticas, servem de interação e inserção ao meio, mas, também, se constituem de busca do que já está inscrito no modo de ser e de viver das pessoas do lugar. Esses abrem campos para o trabalho pedagógico na busca do diálogo que promove a liberdade de falar o que se pensa e sente, bem como da passividade diante da aceitação das políticas públicas, das relações de poder e do pouco diálogo na configuração campesina, percebidas pela convivência.

A escola se configura como parte da comunidade, pela forma como é cuidada, não só nos mutirões para sua manutenção, mas pelo fato de nunca ter sofrido roubo, depredação e arrombamentos, comuns nas escolas hoje, pelos altos índices de violência. Isso nos leva a crer que os ideais prevalecidos no trabalho pedagógico e as relações

estabelecidas têm conduzido à sensação de pertencimento, de respeito e valorização da escola, necessários para o bem viver em coletividade.

Uma aprendizagem significativa na vivência com os sujeitos do campo, resulta que toda e qualquer ação transformadora do meio, tendo a escola como parte integrante do processo, não se dá sem antes existir a confiança. Confiança que nasce na relação exercida, nas trocas e partilhas, oriundas da convivência.

Hoje, a escola é uma referência na comunidade por todo seu trabalho desenvolvido. Recebe o apoio das comunidades de seu entorno em suas necessidades. Dessa forma, se estabelece uma relação de uma transformação mútua, na medida em que a escola integra nos seus processos de ensino/aprendizagem anseios da comunidade, o que querem que se tranforme em objeto de conhecimento para os filhos.

Ao mesmo tempo em que ajuda na transformação desse meio, é transformada, para se adequar à realidade apresentada.

A Escola tem se tornado referência e grande tem sido a procura por vagas, devido, fundamentalmente, aos ideais propostos, aos fundamentos que toma como base para seu fazer educativo. A busca pela inteireza humana, pelos valores humanizantes, tem atraído não só os moradores do entorno e os pais. Quando convocados para dizerem o que querem que a escola trabalhe com os filhos, sempre enfatizam a questão dos valores, como requisito fundamental para uma vida mais fraterna e feliz. Assim, os valores humanos têm sido um dos requisitos na formação da identidade da escola.

Outro fator relevante na identidade da escola são as práticas constituídas para o desenvolvimento de uma proposta educativa libertadora, transformadora e promotora da autonomia. Para subsidiar essa construção, tem buscado fundamentos em experiências humanísticas utópicas, de base socialista, bem como nos princípios da

educação popular e da educação do campo.

Para fortalecer essa caracterização de uma escola humanista, tem procurado desenvolver disposições internas/estrutura funcional, centrada em uma gestão democrática, na criação de colegiados e conselhos, bem como em instrumentos que possibilitem uma escola humanizada e humanizadora, integrada e integradora, liberta e libertadora.

O trabalho pedagógico desenvolvido com base nos princípios humanísticos, através do fortalecimento e alargamentos dos valores, como pode ser visto no decorrer do livro tem proporcionado um diferencial na caracterização da escola e motivo de crescente busca por vagas.

Esses valores têm movido as relações entre todos os integrantes da Escola e se constituído como a mola propulsora de todas as ações e de todos os resultados obtidos. Eles têm atravessado as práticas, ajudando a consolidar e construir saberes que auxiliam na convivência em comunidade e na busca da felicidade. Também fortalecem as relações que fazem a diferença na união de todos em busca dos mesmos ideais, numa harmonia grupal, na alegria pessoal e coletiva, dando sentido à escola, fazendo a vida acontecer. Vem humanizando na medida em que se humaniza, integrando na medida em que é integrada e libertando na medida em que se liberta.

Ressalta-se, ainda, como fator relevante a construção coletiva do trabalho pedagógico. A participação coletiva fortalece e é fortalecida pelos encontros avaliativos e de formação, os conselhos e colegiados, promovem o sentimento de pertencimento e comprometimento e se constitui como instrumento de (auto)formação e (auto)avaliação. Isso ajuda na definição de metas, no amadurecimento do grupo e construção de relações afetivas, da compreensão mútua, do acolhimento ao outro como legítimo outro na convivência e na construção educativa.

Por fim, a grande relevância dessa escola tem sido

mostrar como com tão pouco pode se fazer tanto. Com uma escassez de recursos financeiros que limita muito seu crescimento, a escola tem mostrado que a força de vontade de fazer melhor supera as limitações e empecilhos encontrados, proporcionando, dentro do pouco que tem, um trabalho educativo significativo.

Dessa maneira, o trabalho pedagógico da escola caracteriza-a como um espaço que vai além da estrutura física de seu interior fechado. A construção do conhecimento ultrapassa seus muros e envolve pais e comunidade. A busca do envolvimento de todos, a partir do exercício da participação coletiva, proporciona a conscientização e incentivar a responsabilidade social em nosso entorno. Esta realidade tem propiciado condições que viabilizam a cidadania, a socialização de informações, abrindo espaço para discussões, gerando uma nova forma de pensar, uma nova cultura escolar. Sobretudo, valoriza-se a formação de pessoas que assumam uma postura crítica e promotora de soluções diante de seus problemas. Essa é uma postura de decisão, que leva à inserção de cada um de nós na história, não como espectadores, mas como autores, o que faz das intenções educacionais dessa entidade o próprio processo de humanização, que considera não apenas a história existente, mas também uma história possível de ser construída, tecida pelo fio condutor que costura todo o processo educativo da escola: o amor.

Sempre quisemos escrever um livro, como registro de nossa história. Mas, também, como um percurso formativo para quem deseja fazer transformações em seus espaços escolares.

O presente livro tem como objetivo contar a história da Escola Nossa Senhora do Carmo, uma escola comunitária, localizada no Sítio Monte Carmelo, na cidade de Bananeiras, Paraíba, sua origem, seus desafios ao se constituir como um projeto social, suas estruturas (física, pedagógica e relacionais), suas transformações, sua gente, as pilastras que norteiam toda a ação educativa, sua proposta pedagógica e

sua metodologia de ensino, enfim, seus fundamentos epistemológicos, filosóficos na busca de uma educação possível,

Ao estruturá-lo, tentamos fazer um percurso didático, a fim de enveredar primeiro sobre sua história, desde sua fundação, passando pela mudança de entidade mantenedora até chegar aos dias atuais, na luta pela construção de uma sede própria, pelo olhar de uma educadora, que fincou os pés no chão da escola, desde sua idealização.

Em seguida, demonstraremos nossa concepção de ambiente e sua importância na estruturação de uma educação integral e transformadora, sua relação com os valores que permeiam o chão da escola. Também como tudo isso perpassa nossa corporeidade, escrito pelo olhar dos educadores no núcleo de iniciação, o primeiro círculo de aprendizagem na escola, que compreende crianças de quatro a seis anos de idade.

Depois, apresentamos o percurso formativo da proposta metodológica da escola, suas práticas e instrumentos desenvolvidos, fundamentados na busca da autonomia e protagonismo do educando(a). Esse capítulo é escrito pelo olhar dos educadores do núcleo de desenvolvimento, o segundo círculo de aprendizagem que compreende educandos de sete a dez anos, em média.

Após, falamos um pouco sobre nosso currículo e sua relação com a comunidade, na busca de uma educação que faça sentido na vida de seus sujeitos. Esse capítulo é redigido pelo olhar dos educadores do núcleo de aprofundamento, terceiro e último círculo de aprendizagem da escola, que congrega educando(a)s na faixa etária de onze a quatorze anos.

Em sequência, pelo olhar do comitê gestor da escola, se abordará a configuração da gestão, com todos seus instrumentos, na busca de uma gestão democrática.

Por fim, achamos que seria importante para o leitor(a) ver a escola por relatos de experiências de quem pisa e pisou seu chão, no olhar de educandos, pais, educadores e

visitantes.

Assim se constitui esse livro em uma história de vida. Vida de uma escola que busca em seus princípios do fazer educativo, ser vida. Vida para seus integrantes, que ao viverem dentro dela respiram sua vida e dão vida às suas vidas. Vida para seu entorno, suas comunidades, que ao caminharem em seu chão, embasam o chão de suas vidas. Vida para todos nós, sujeito dessa escola, que revigoramos nossas energias cada vez que adentramos em seus espaços e, ao adentrar, recebemos o calor humano e o abraço acolhedor das crianças, uns dos outros, que nos faz sempre voltar por nos sentirmos parte integrante dessa vida chamada Escola Nossa Senhora do Carmo.

Convidamos você, leitor(a) a mergulhar nessa vida chamada Escola Nossa Senhora do Carmo, em breve, Escola dos Sonhos.

## DA IDEALIZAÇÃO À CRIAÇÃO E SUAS TRANSFORMAÇÕES

LEILA ROCHA SARMENTO COELHO

Tudo começou em 1999, quando a cidade de Bananeiras, na Paraíba, recebeu a presença de um mosteiro de monjas contemplativas, o Carmelo Sagrado Coração de Jesus e Madre Teresa, vindo do Rio de Janeiro para se estabelecer no município.

Bananeiras, cidade interiorana, situada a 140 km da capital, possui uma população em torno de 22.000 habitantes, em sua maioria localizada na zona rural e tem como meio de subsistência predominante o cultivo da terra.

A priora do Carmelo, Madre Terezinha, identificando que as pessoas do entorno onde o Carmelo está situado, na zona rural, era de lavadroses e, em sua maioria analfabetos, viu nessa realidade um apelo de Deus. Nesse pensamento, reuniu o grupo Amigos do Carmelo, que se encontravam com frequência no Carmelo para buscar a espiritualidade carmelitana e relatou seu desejo e pediu a colaboração para a edificação de uma escola que ensinasse esse povo a ler,

mas, ressaltando a importância de ir muito além, dando-lhes, sobretudo, o saber da dignidade humana, presente nos ensinamentos do Evangelho.

Realizou-se um levantamento da realidade do entorno do Carmelo e com a parceria dos Irmãos Maristas e da Fundação Banco do Brasil iniciou-se o funcionamento da escola, em uma sala da casa de um lavrador aluno, com um corpo diretivo e docente constituído por um grupo de leigos, subsidiados à luz do Carmelo, uma vez que as irmãs não podiam assumir as funções, pelo estilo de vida contemplativa, de clausura.

O suporte teórico era a pedagogia freiriana, que inspirou os principais programas de alfabetização de jovens e adultos e constituiu um novo paradigma pedagógico para a educação popular. Assim, nascia a Escola Nossa Senhora do Carmo, em 16 de julho de 2005, data em que se comemora o dia dessa Santa Carmelitana e que, por isso, levou seu nome.

Tomando conhecimento da realidade dos camponeses pela convivência, emergia a vontade de desenvolver uma educação que promovesse a consciência de sujeito de sua história, das transformações de si e do meio, de uma educação humanizada e humanizadora, liberta e libertadora, integrada e integradora. Essa proposta de uma educação popular, centrada nos ideais freirianos, também nos remetia à teologia da enxada, expressão mais nordestina da teologia da libertação, empregada pelo Pe. José Comblin, como expressão da “Igreja na Base”. Surgia, então, a necessidade de trabalhar o educando em suas múltiplas dimensões: cognitiva, humanista, psicológica e espiritual.

A escola, que se iniciava como um projeto social, tinha de se tornar inclusiva para atender aos seus objetivos. Como alunos, tínhamos lavradores e filhos de lavradores em diferentes faixas etárias, jovens e adultos, alguns com deficiências físicas e mentais.

Com o aproveitamento das carteiras substituídas de colégios da rede pública, iniciamos as aulas, a princípio nas

tardes de sábado e, posteriormente, todos os dias no período da noite. Com isso, a escola cresceu ampliando seus horizontes com a inserção de novos alunos, que chegavam querendo ampliar seus conhecimentos e motivados pelos ideais, de modo que a sala do lavrador, onde as aulas eram ministradas se tornou pequena. As aulas passaram, então, a ser oferecidas em uma área externa da casa do lavrador, construída em regime de mutirão, a fim de ajustar a nova realidade, uma vez que nossos alunos não cabiam mais na sala da casa do lavrador. No entanto, pelo frio que faz à noite nessa região, tida como região do brejo paraibano, com clima ameno e temperatura sempre mais baixa durante à noite, fomos obrigados a voltar para dentro de casa.

A priora do Carmelo, tomando conhecimento de tal realidade, bem como do desejo dos pais de que aquele tipo de trabalho educativo também se estendesse aos filhos em idade regular de ensino, pelo diferencial de trabalho que vivam, tratou de resolver o problema. Entrou em contato novamente com os Irmãos Maristas que, sensibilizados pelo projeto, resolveram colaborar mais uma vez, enviando uma verba para a compra de um terreno e a construção de duas salas de aula.

Diante da demanda e da vontade de desenvolver um projeto que realmente edificasse o homem em sua totalidade, mandou-se fazer um projeto de uma escola que se consolidaria no meio deles, a fim de atender às suas necessidades e de seus filhos. Buscando compatibilizar a necessidade atual, com a perspectiva de crescimento futuro, aliado aos recursos existentes, idealizamos uma construção modulada, onde no primeiro momento, foram construídas duas salas de aula, uma cantina e um banheiro.

A Escola Nossa Senhora do Carmo, assim, ia se configurando como uma instituição nascida da interação entre um grupo de leigos, a vida contemplativa e a população local, que promovia a esperança de uma prática transformadora na realidade do homem do campo bananeirense, bem como para as irmãs do Carmelo, que

teriam dessa realidade experienciada matéria para suas orações, tornando a fé uma realidade personificada no chão da vida.

## O CHÃO DE BARRO

Com a consolidação das atividades desenvolvidas, abriu-se a perspectiva de realização de novas ações, a partir da carência identificada. Era preciso ampliar o trabalho desenvolvido até então para atender às crianças, aos filhos dos lavradores, aos adolescentes, enfim, para assistir à família como um todo, aproximadamente, 276 famílias, que residiam em comunidades do entorno da escola.

Mais uma vez a priora, com sua visão de uma fé sedimentada na realidade da vida e do desejo do grupo de leigos que geria a escola em oferecer uma educação transformadora para os lavradores, foi em busca de concretizar esse desafio. Em contato com Frei Betto, amigo seu e colocando-o a par de todo esse ideal, ele a tranquilizou, dizendo que ela conseguiria a verba necessária para a ampliação da escola com o Ministério de Educação (MEC), na Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI) e fez a mediação entre o Carmelo e o MEC. No contato, foi solicitado que elaborássemos um projeto com todas as necessidades para a edificação da escola.

Elaboramos um projeto com mais salas de aula, cozinha, refeitório, telecentro, almoxarifado, sala de professor, cisterna, parque infantil e salas de apoio pedagógico, bem como todo o mobiliário e os equipamentos necessários ao seu funcionamento.

A empolgação era tamanha que começamos o ano letivo de 2007 com a primeira parte do projeto em construção, as paredes sendo levantadas, sem reboco, chão batido e com a decisão, em conjunto, de iniciar também já com as crianças. Assim foi feito e passamos a funcionar pela manhã com a

educação infantil e os anos iniciais do ensino fundamental, com 79 crianças matriculadas, organizadas no sistema de multiseriação, onde em uma sala, colocamos as crianças da educação infantil e, na outra, as demais do ensino fundamental. À noite, com uma lâmpada presa a um cabo de vassoura, atendíamos aos pais dos alunos, pois a escola ainda estava em construção e naquele início sem energia elétrica, sem água encanada, sem cozinha e sem banheiro. A merenda trazia da minha casa, os pratos, copos e talheres lavávamos em bacias e usávamos o banheiro da casa mais próxima da escola.

Em outubro de 2007, por fim, foi finalizada a construção da escola, toda equipada e mobiliada para o pleno funcionamento. Um ano difícil. Tudo era novo para nós, constituindo-se como um grande desafio toda essa construção: física, estrutural e pedagógica.

## MÃOS NA MASSA

Quando tudo parecia ir se acomodando, novos desafios foram surgindo: as crianças do quinto ano entregaram todas as avaliações do último bimestre sem respostas. A professora, sem entender o fato, comunica à gestão, que em diálogo com elas, obteve como resposta o desejo delas de repetir o ano para permanecerem na escola. Desejo reforçado pelos pais na última avaliação sobre todo o trabalho desenvolvido durante o ano letivo e o atendimento das expectativas dos pais. Na oportunidade, enfatizaram a importância da permanência dos filhos na escola, salientando que seria um retrocesso terem de retornar para as escolas anteriores.

Esse fato serviu de reflexão para a continuidade da proposta pedagógica embrionária desenvolvida, para pensarmos as possibilidades de atendimento da necessidade dos alunos e pais sem, contudo, perdermos o senso de responsabilidade que abrigaria a implantação dos anos finais

do ensino fundamental, com todas as consequências, inclusive financeiras, advindas daquela decisão.

Com o apoio de novos parceiros, iniciamos o ano letivo de 2008 com a escola maior. Agora, contávamos com um universo de 149 educandos, com todos os alunos do quinto ano no sexto ano do ensino fundamental, que foi sendo implantado de forma gradativa.

Com o crescimento da escola, aumentavam também as dificuldades da sua manutenção, que nos levava à promoção de campanhas na busca da adoção de um aluno ou de um educador, onde se repensou a continuidade ou o fechamento do fundamental-anos finais, pela falta de recursos financeiros.

No entanto, a escola começou a se tornar referência, no município e nas regiões circunvizinhas, devido à educação promovida, baseada na concepção multidimensional do ser humano e na busca da construção de uma escola de educação popular, pautada na construção coletiva (docentes, discentes e comunidade) de todas as ações pedagógicas, em que o “aluno é gente, o professor é gente, o diretor é gente, o pai é gente, cada funcionário é gente”, como enfatiza Paulo Freire.

Com todo esse trabalho desenvolvido, a procura por vagas aumentou, simbolizando a sede do povo de dar aos filhos uma educação que ensinasse muito mais do que ler e escrever.

## A LUTA PELA SOBREVIVÊNCIA

Como projeto social, a vida da escola é movida por doações, uma vez que ela é totalmente gratuita, nenhum(a) educando(a) paga para estudar nela. Assim, é muito importante que todos entendam sua configuração desde o princípio, pois a escola, que surgiu na comunidade e para a comunidade, exige o comprometimento e o envolvimento de todos para que ela possa funcionar.

Diante dessa realidade, desde o início incentiva-se a presença dos pais e da comunidade, para uma participação voluntária mais ativa no cotidiano escolar, enfatizando a importância da presença deles para alcançar os resultados desejados no ensino, bem como no alcance das metas construídas coletivamente e, ainda, para o funcionamento da escola.

Ficou proposta em uma das assembleias gerais a criação do “Dia da Partilha”. Sempre no início de cada mês, escolhe-se um dia para que todos contribuam com algum gênero alimentício ou material de limpeza, para a merenda escolar e a manutenção da escola. Aquilo que precisa ser complementado é conseguido por campanhas e parcerias. Desde o início, contamos com a ajuda de alguns parceiros, pessoas físicas, que fazem doações e, com o passar dos anos, instituíram-se convênios com o município, o estado e algumas empresas. Ainda se conta com o apoio de campanhas, brechós, pedágios, eventos, dentre outros, realizados pela comunidade escolar.

## A MUDANÇA METODOLÓGICA NA BUSCA DE UMA EDUCAÇÃO INTEGRAL E TRANSFORMADORA

O desejo era fazer da escola nova uma nova escola. No diálogo tecido de diversas formas – leituras coletivas, participação em eventos, troca de experiências, discussões colegiadas – e na observação de outras instituições com propostas alternativas para uma outra educação, a escola entendeu que precisava mudar, para acompanhar a evolução dos educandos(as) e fazer sentido na vida de todos e todas que pisam seu chão. Assim, buscamos experiências humanísticas utópicas, de longe e de perto, para melhor subsidiar nossa proposta pedagógica, como: a Escola da Ponte, em Portugal; as experiências de Anton Makarenko, na Rússia; Summer Hill, na Inglaterra; Freinet, na França;

Montessori, na Itália; Helena Antipoff e Paulo Freire, aqui no Brasil, e tantas outras que fomos conhecendo ao longo da nossa caminhada.

Nas avaliações da cultura do fazer educativo, inquietávamos a forma pela qual fomos educado(a)s, em uma escola com suas salas de aula cheias de carteiras enfileiradas, com os alunos a olhar o tempo inteiro para um professor à sua frente. Esses, ditando padrões, comportamentos e impondo saberes, em sua maioria, desligados da realidade dos educandos e com uma avaliação de aprendizagem mais excludente do que formativa.

Costumo dizer que passamos alguns anos com um pé dentro e outro fora de uma educação integral e transformadora. Desde o início, instituímos instrumentos de construção coletiva, como os conselhos de classe e escolar, o colegiado estudantil, as assembleias e um currículo contextualizado, discutido com a comunidade. Mas, ainda funcionando com o sistema de seriação, de aulas previamente construídas, de carteiras enfileiradas e um professor à frente, com a lousa como objeto de transcrição de um saber, um livro aberto como percurso de construção do conhecimento a ser seguido e de provas como a avaliação principal.

Em 2013, fomos chamados para apresentar nossas práticas educativas em um seminário sobre Educação do Campo, no Campus da UFPB, de Bananeiras. Como palestrante de abertura do evento foi convidado o professor Carlos Rodrigues Brandão, que após ouvir educadores, educandos e pais falarem de nossas práticas educativas, iniciou sua fala dizendo que o Rubem Alves precisaria vir a Bananeiras e reescrever a história da Escola da Ponte, desta vez com uma escola do interior da Paraíba. Sua fala nos enchemos de orgulho e força para continuar com nosso propósito de colocar os ‘dois pés’ dentro de uma outra educação. No final do evento, conversando com ele, que nos falou do Projeto Âncora, assessorado à época pelo professor José Pacheco, fundador da Escola da Ponte.

Havia o desejo de conhecer a Escola da Ponte, mas parecia um sonho muito distante; conhecer o Projeto Âncora já parecia mais fácil de se concretizar, uma vez que ficava no Brasil, em Cotia-SP.

Passamos a sonhar com toda a comunidade sobre como seria uma escola parecida com as experiências estudadas nas formações. Passamos vídeos sobre elas em assembleias e, juntos, esse sonho foi tomando forma. Entramos em contato com o Projeto Âncora para saber do processo de visitas e descobrimos que era possível se fazer uma vivência de uma semana. Em assembleia, definimos ações de arrecadação de recursos para irmos em grupo. Com o envolvimento de toda a comunidade escolar, fizemos rifas, brechós, pedágios, ajuda de amigos parceiros da escola e até barraca em dia de finados para vender água, velas e lanches.

Com o recurso arrecadado, conseguimos ir com seis educadores e passar uma semana dentro do Âncora. Alguns de nós, andando pela primeira vez de avião e fazendo a primeira viagem para longe de casa. Nossa chegada em São Paulo e de lá até o Âncora daria outro livro.

Assim, no final de novembro de 2014 estávamos nós, fazendo a vivência. Vivência que nos impulsionou no retorno a fazermos as mudanças necessárias na colocação dos ‘dois pés’ dentro de uma outra educação possível.

O ano de 2015 foi um divisor de águas para todos nós. Depois de dez anos de existência, a escola alçou um voo novo. Decidimos começar o ano letivo sem a seriação, com os educandos integrados e interagindo em suas diferentes faixas etárias, sem salas de aulas, nem planos de aulas construídos previamente pelo professor, nem ensino centralizado na lousa. As salas se transformaram em espaços coletivos de aprendizagem, utilizados pelos educandos, segundo sua disponibilidade e necessidade; os professores se transformaram em tutores e mediadores de projetos; os educandos foram desafiados a serem protagonistas e exercerem sua liberdade de dizer o que gostariam de aprender, como e quando. O ponto de partida de toda a

ação pedagógica, passou a ser a curiosidade dos educandos, tomando como referência Paulo Freire, onde diz que sem ela, nem ensinamos e nem aprendemos. Daí nasceram os projetos de pesquisa, que se desdobraram em roteiros de aprendizagem, construídos levando em consideração a individualidade do processo de construção do conhecimento de cada educando e substituímos as provas por rodas de avaliação, tutorias e autoavaliações.

O desenvolvimento dessa nova metodologia nos conduziu a um constante processo de avaliação pedagógica e de nossa prática educativa. A sensação que temos é que, quanto mais livre a escola, mais ela exige de todos nós um contínuo processo de avaliação e planejamento. A sensação muitas vezes é de que todo nosso esforço é por romper com a forma pela qual fomos educados, por cuidar para que nossa nova prática não seja permeada de costumes de nossa formação. Enfim, não usar “remendo velho em calça nova”.

Com a transformação, em 2016, fomos certificados pelo MEC, como Referência em Inovação e Criatividade em Educação Básica do Brasil, sendo uma das 178 experiências, certificadas e uma das quatro da Paraíba.

No ano de 2017, outro fato importante para a escola, foi o ingresso dentro da Rede das Escolas Transformadoras, iniciativa da Ashoka e Instituto Alana. A primeira da Paraíba a entrar para essa rede.

Em 2020, fomos convidados a fazer parte de um programa, denominado Escolas 2030, como uma das quatorze, instituições que compõem o grupo de Organizações-polo. Um programa global de pesquisa-ação, com o objetivo de avaliar, desenvolver e disseminar boas práticas de educação integral e transformadora, para que sirvam de novos parâmetros na avaliação da aprendizagem, com vistas a garantir o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 4 (ODS 4). Com duração de dez anos (2020 a 2030), em dez países no mundo e com cem instituições em cada país. A Fundação Aga Khan é responsável pela coordenação global e aqui no Brasil é implementado por

meio de uma parceria entre Ashoka, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo e Itaú Social.

À essa altura, a importância da escola também passou a transcender sua comunidade e se tornar conhecida pela relevância do trabalho educativo desenvolvido na promoção uma educação cujo, primeiro passo, seja o coração da pessoa humana.

## A TRANSFORMAÇÃO EM UMA ESCOLA COMUNITÁRIA

No final de 2016, fomos chamados ao Carmelo e, lá, as irmãs anunciaram a impossibilidade de continuarem a responder como entidade mantenedora do projeto. Depois de tantos anos de dedicação ao projeto, de repente, nos vimos diante de uma situação muito difícil. Era também nossa vida que estava lá e sabíamos da importância para todos do trabalho desenvolvido até então. Com a notícia, restavam-nos dois caminhos: ou deixaríamos a escola fechar ou teríamos a coragem de nós mesmos darmos continuidade a ela. Nos reunimos em conselho e assembleia geral para buscarmos juntos uma decisão.

A escola é para nós muito mais do que um emprego, se constitui como nossa vida, nossa casa, nosso lar. A vida que pulsa dentro dela não pode ser definida com palavras, só nos debruçando sobre seu chão é que podemos sentir seu valor, sua grandiosidade, sua vida.

Eram muitas inseguranças, como dar continuidade a escola sem o Carmelo, onde não tínhamos o compromisso de lidar com o financeiro até então? Como manter financeiramente a escola sem ter mais os parceiros que ajudavam pelo vínculo com o Carmelo, que não tínhamos contato? Quem agora responderia juridicamente por ela?

O caminho mais fácil talvez fosse simplesmente converter a escola numa instituição particular, mas, isso, desvirtuaria nosso objetivo; seria desconfigurá-la. Assim,

preferimos seguir lutando para oferecer uma educação transformadora, gratuita, para os educandos camponeses de nossas comunidades, bem como crianças e jovens em situação de vulnerabilidade social.

Com a cara e a coragem, como diz o ditado popular, resolvemos assumir a escola e torná-la uma escola comunitária, constituindo uma organização sem fins lucrativos: a Cooperativa de Desenvolvimento Social Monte Carmelo (COODESC). A finalidade seria de responder como entidade mantenedora, mas sem alterações na proposta inicial, nem nos ideais que sempre constituíram os pilares da escola.

Embora, perdendo a maioria das doações dos benfeitores ligados ao Carmelo, conseguimos manter os dois convênios (prefeitura e estado), que respondem pela folha de pagamento dos recursos humanos e com o Instituto Alpargatas, no apoio ao material esportivo e cultural. As demais despesas de manutenção são realizadas com campanhas, rifas, brechós, pedágios e doações de pessoas físicas, em sua maioria, que vem conhecer nosso trabalho educativo e passam a ser benfeitores.

Aos poucos também vamos conseguindo ampliar a rede de parcerias com Instituições e pessoas físicas, de longe e de perto, que nos conhecem e se tornam parceiros.

Hoje, vencido o medo do novo que se apontou diante de nós e do enorme desafio de manter a escola viva, vivemos uma mudança de postura que exige uma constante reflexão não só na práxis, mas de nosso comportamento diante do lugar que ocupamos, ao deixarmos de ser funcionários e passarmos a nos ver como gestores da escola. A configuração de sermos todos agora cooperados, gerou um valor de pertencimento muito maior, bem como de outros valores, como organização, responsabilidade e comprometimento na busca de sua manutenção e partilha de atribuições, além de educadores.

## A ESCOLA DOS SONHOS

Com todas as mudanças metodológicas desenvolvidas, passou a nos incomodar a estrutura física da escola, pensada e construída para uma educação tradicional. Por mais que tentássemos reinventar a estrutura, estávamos dentro dela e acabávamos sempre tomados por sua lógica; embora, conscientes de que as primeiras estruturas, a serem rompidas, eram as internas, nossas concepções arraigadas dos anos de docência.

Pedimos autorização das irmãs carmelitas para transformarmos as salas de aulas em salões, a fim de ajustar melhor em nossa proposta. A não autorização de quebrar as paredes internas das salas e formar os salões onde agregaria um número maior de educando(a)s e romperia com a estrutura de salas/série, bem como o aumento do aluguel que passamos a pagar pelo uso do prédio, nos levou a sonhar com uma escola configurada aos nossos desejos.

Iniciamos o ano de 2017 com esse objetivo de sentarmos, todos, para construir o projeto da escola dos nossos sonhos.

Essa construção, para dar certo, não podia ser só nossa, dos educadores. Passamos a nos reunir em assembleias, com a participação de educandos, educadores, funcionários, comitê gestor e pais, para pensarmos como gostaríamos que fosse nossa escola, desde sua estrutura física, metodologia, vivências e valores.

Começamos pela estrutura física. Reunidos no pátio da escola, nos dividimos em pequenos grupos, que foram incumbidos de desenhar a escola sonhada e depois socializá-la. Partiu-se de uma discussão coletiva em torno de alguns pontos: 1) Como são nossos espaços – salas, direção, coordenação, secretaria, banheiros, pátio, refeitório, parque, cozinha, jardins... 2) Há algo que gostaria de acrescentar ou mudar? O quê? 3) Como imagina a escola dos sonhos nesse terreno ao lado, que pretendemos ocupar?

Ao final, juntamos todos os desejos em um só desenho,

um esboço de uma planta arquitetônica da estrutura física da escola dos nossos sonhos. Nos desenhos das crianças, apareciam os mais diversos desejos, tais como piscina, brinquedoteca, o muro pintado, pula-pula, piscina de bolinhas, parque e um lago com peixes, mais árvores, balanço e escorrego, além de uma casa na árvore.

Os desejos emergiam e ganhavam forma nos desenhos e todos queriam apresentá-los. E assim foi se completando e ganhando novas formas. Os maiores, por sua vez, desejaram um laboratório para fazer experiências, uma praça com bancos para conversar, uma sala de enfermagem, para quando se machucarem ir para lá, uma quadra de esporte coberta para fazer várias atividades e para a festa de São João e uma sala de relaxamento, para relaxar, bem como salas maiores e mais coloridas, sala de dança com espelho, de teatro e cinema e um refeitório maior, com mesas maiores.

Queriam, ainda, na escola dos sonhos as janelas sem grades e ter armários nos banheiros, sala de música com instrumentos para aprender a tocar e cantar e uma impressora colorida para as atividades.

Para os educadores e pessoal de apoio, também não foi diferente. Em grupos, sentaram, discutiram e desenharam seus sonhos, para, em seguida, partilhá-los com toda a comunidade escolar. Gostariam de encontrar nessa escola um pátio bem grande, para conversar, se abraçar. Também queriam uma escola sem paredes que dividissem salas, uma escola aberta e integrada à natureza, ao campo, com mais plantas no jardim, plantas coloridas, árvores frutíferas, com mesas e banco embaixo de suas copas, bem como uma sala do diálogo e um espaço que se pudessem descansar quando não estivessem bem.

Os pais também não deixaram de se manifestar. Reunidos em grupos, desenharam a escola dos sonhos que queriam para os filhos. Mais brinquedos no parquinho, um ginásio coberto, uma piscina, um poço artesiano, um espaço de música, um espaço de artesanato e dança também, bem como a reativação da horta.

Diante de tudo isso, vimos que tínhamos sonhos a curto, médio e longo prazo. Como ações a curto prazo, ficou definida a construção da cerca-viva para delimitar o terreno onde seria construída a escola dos nossos sonhos; a pintura da escola atual, um poço artesiano, reativação da horta, arborização do terreno. No médio prazo, ficamos de elaborar campanhas para a construção dos espaços de oficinas e de aprendizagem da nova escola, assim como o refeitório e o parquinho. A longo prazo ficou a construção da quadra coberta, piscina e da pista de skate.

Passada essa primeira etapa de pensar sobre a estrutura física, demos continuidade às assembleias para revisarmos toda a proposta pedagógica. Nela, avaliamos os conselhos (escolar e de classe), as assembleias gerais, o colegiado e os comitês estudantil e a escola de pais, bem como a metodologia (os projetos, os roteiros de aprendizagem, as tutorias, pareceres e a avaliação do dia). Ainda passaram pelo processo avaliativo os momentos de oração e relaxamento, bem como as oficinas. Por fim, avaliamos os círculos de estudos pedagógicos, as formações (espiritual e psicológica) e as socializações das sextas-feiras, bem como o instrumento de avaliação contínua, o “parabenizo, critico e proponho”.

Tudo foi avaliado na perspectiva de apurar o que estava bom e o que precisava ser melhorado. E dentro do que precisava melhorar, como fazer, quando realizar e quem seriam os responsáveis pelas ações de melhoramento.

Na análise dos instrumentos de gestão e participação, levantaram-se diversas propostas, como, por exemplo, maior representatividade de pais no conselho escolar; a exposição em mural das decisões colegiadas; que os comitês estudantis também se estendessem aos educandos do núcleo de iniciação. Viu-se, ainda, a relevância da escola de pais na contribuição da melhoria do diálogo entre pais e filhos.

O olhar para as práticas nos levou à avaliação de que a transdisciplinaridade ainda continuava sendo um grande

desafio para nós, educadores, acostumados às nossas práticas anteriores, que nos colocavam somente como especialistas de nossas respectivas áreas do conhecimento. Assim, integrar a curiosidade dos educandos como objeto de pesquisas aos respectivos conteúdos curriculares da base comum, numa perspectiva transdisciplinar, tem exigido a formação contínua, a partilha de saberes e ajuda entre os docentes e a equipe pedagógica.

Ao final desta etapa, obtivemos uma avaliação ampla, que nos permitiu traçar ações de melhoramento em torno dos pontos que não se consideraram satisfatórios. Isso nos impulsionou a olhar para os nossos valores e também reavaliá-los. Pais, tutorandos, tutores e equipe de gestão foram então convidados a apontar aqueles que consideravam mais importantes, que ofereceram um panorama ético da escola dos nossos sonhos, no qual predominaram respeito, solidariedade, responsabilidade, confiança, amizade, alegria, liberdade e gratuidade.

Também se gerou uma reflexão sobre a configuração da escola, que rosto gostaríamos de dar a ela para além de sua feição física. Seria uma escola centrada no ato de ler e escrever, em preparar as crianças para o mercado de trabalho, em ensiná-las à competitividade e ao individualismo? Ou queríamos uma escola com outros valores e vivências?

Toda a comunidade escolar voltou a se manifestar a respeito e cada setor registrou em seus anseios a decisão em rumar para outra educação, centrada em outros valores.

Os pais disseram querer que a escola também lhes oferecesse oficinas de costura, culinária e artesanato; os tutorandos, que a escola fosse mais divertida e que reservasse um dia só para as oficinas (de circo, dança, teatro, cinema, capoeira...); e os educadores, que houvesse mais momentos e espaços de encontro, integração, lazer e autoconhecimento.

Por fim, achamos que seria importante pensar qual o perfil do educando, do educador, comitê gestor,

funcionários e pais dessa escola dos nossos sonhos. Cada um dos sujeitos que integram a comunidade escolar foi convidado a manifestar seus desejos em relação a si e aos demais, cruzando autocrítica e expectativas. Os pais, por exemplo, disseram querer filhos mais estudiosos e responsáveis, reconhecendo que eles próprios deveriam ser mais compreensíveis e dedicados. Já os tutorandos registraram o desejo de que os pais fossem menos estressados, mais divertidos, presentes e carinhosos, que escutassem mais os filhos e substituíssem os castigos e reprimendas pelo diálogo. Por outro lado, afirmaram que eles próprios deveriam ser responsáveis, estudiosos e solidários. Para os educadores ressaltaram a importância de educandos e pais mais comprometidos com a educação e com a escola.

Em todas as respostas, prevaleceu o anseio de uma comunidade mais humana, pautada pelo respeito, pela escuta e pelo cuidado do outro, no esforço comum por sempre melhorar.

Ao término de todo esse processo, o olhar para o trabalho desenvolvido nos permitiu ter um projeto completo de uma escola pensada por todos e com o planejamento de uma construção com metas para curto, médio e longo prazo.

Resta-nos agora o desafio de construí-la. Uma escola onde a vida pulsa, dinâmica e amorosamente partilhada, onde todos se sintam felizes.

## A ORGANIZAÇÃO DO AMBIENTE ESCOLAR E SUA RELAÇÃO COM O CORPO E A APRENDIZAGEM

ANA PAULA OLIVEIRA DA SILVA  
ANDRÉA MIRANDA FONTES DOS SANTOS  
DANIELE BEZERRA SILVA DOS SANTOS  
JEORGEANA SILVA BARBOSA  
MARIA ALEUDA DE OLIVEIRA NÓBREGA  
BÁRBARA EUSÉBIO DA SILVA  
MARIA DE FÁTIMA BARBOSA PEREIRA

Sempre quisemos fazer da escola nova uma nova escola. Nos inquietava essa estrutura de seriação, professor dando aula, de carteiras enfileiradas, o livro didático como o instrumento que rege a aprendizagem e um currículo imposto e previamente construído. Isso gerou em nós alguns questionamentos, reflexões: Que escola temos e que escola queremos? Em que consiste o ato de educar? Educar quem? Para quê? Como? Por meio de uma educação de reprodução de saberes ou de uma em que se constroem conhecimentos? É preciso definirmos qual desses caminhos

queremos para a escola. Isso define as práticas, a metodologia de ensino, o currículo, o processo avaliativo, o ambiente educativo.

Quando começamos a escola, tínhamos a clareza que queríamos uma prática pedagógica que contribuísse na formação de um sujeito-cidadão, ciente de si, do outro e do meio ambiente. Um estudante que contribuísse para a construção de relações mais humanas, fraternas e solidárias, que valorizasse outra lógica de mercado, menos consumista e mais consciente e que promovesse uma visão de mundo orgânica e sistêmica.

Colocar o(a) educando(a) no centro do processo educativo, vê-lo como protagonista de seu percurso educativo, exigiu muitas mudanças dentro da escola. Nem sempre fáceis; na maioria das vezes desafiadoras. A sensação é de um caminho, cuja estrada é construída, na medida que caminhamos; nada está pronto, posto, fixo e acabado; pelo contrário, tudo está em constante processo de construção e transformação, porque assim é a vida, dinâmica e em constante movimento.

Como ensinar sem uma aula previamente construída? Como aprender sem um currículo previamente construído? Como avaliar sem prova? Como fazer do(a) educando(a) sujeito na construção do conhecimento?

Era preciso transformar nossa prática educativa e o ambiente escolar. Eis um grande desafio. Assim, na busca de uma educação transformadora, começamos a buscar respostas.

## UM AMBIENTE MAIS HUMANIZADO E HUMANIZADOR

A escola é constituída de gente; gente que se alegra, gente que chora, gente que cria vínculos, gente que interage, que brinca, que cria e fortalece laços. Pensar numa escola assim, exigiu de nós a busca de um ambiente mais humanizado.

Nele, educador e educando são construtores do conhecimento pela relação dialógica, sem hierarquia de saberes, de posições de poder, mas da partilha alegre e afetiva de quem ensina e aprende, aprende e ensina.

A começar, queríamos que nosso discurso fosse coerente com a prática, por isso, passamos a entender que antes de se propor humanizar alguém, deveríamos buscar nossa humanização primeiro. Todos os fatos, acontecimentos e relações na escola deveriam ser tecidas pelo profundo respeito à pessoa de si, para depois se dar no outro, para que haja uma coerência entre aquilo que se prega, com aquilo que se vive.

Esse caminho conduz ao respeito à diversidade, um ambiente que enxerga e promove a valorização da individualidade de cada pessoa. As relações se dão a partir da vivência entre os sujeitos sociais e culturais, que trazem uma bagagem de vida, a partir de seus contextos, produzidos de acordo com sua etnia, gênero, condição social e território que está inserido(a). As pessoas são constituídas de forma singular, cada indivíduo passa por experiências que a transforma, seja de forma positiva ou negativa. O ponto de partida da prática pedagógica é o ser humano em toda sua complexidade sócio-histórico-cultural, sua história de vida, seus saberes, suas necessidades, seus conflitos, seus desejos.

Acreditamos que a valorização do outro como elemento promotor na convivência social e no fortalecimento de um ambiente escolar mais humanizado e humanizador nos conduz ao exercício constante da empatia.

É preciso que os estudantes sejam estimulados a se colocarem no lugar do outro nas situações surgidas no cotidiano escolar, percebendo suas necessidades e acolhendo os sentimentos de cada um em sua individualidade. Assim, poderão se tornar reflexivos sobre suas ações e passarão a perceber o impacto causado por elas, tanto nas pessoas, como no meio ambiente. Ademais, também poder se colocar no lugar do outro, enxergando

suas necessidades, sem fazer projeções.

Ao chegar na escola todos nós trazemos consigo marcas, questões existenciais, medos, inseguranças, preconceitos, nossa história de vida, que precisa ser acolhida e compreendida da melhor forma possível. Como enfatiza o professor Carlos Brandão, somo a complexa e intensa interação de tudo o que sentimos e pensamos.

Assim a escola se constituirá num ambiente acolhedor, humanizador, onde todos e todas são capazes de aprender e ensinar, por meio das relações de troca e reciprocidade.

## UM AMBIENTE INTEGRADO E INTEGRADOR

A escola precisa elaborar um outro paradigma de educação, que favoreça a promoção humana, que inclua a pessoa como sujeito na construção de seu conhecimento e como parte de um todo que compõe um território, deve integrar seu trabalho pedagógico com toda a comunidade, interna e externa.

Devemos ir mais longe, romper os muros da escola, chegar às comunidades, conhecer sua realidade, através de visita e escuta, conviver com ela(s), construir relação. Também unir o propósito de usar o conhecimento adquirido na escola com o conhecimento popular para fazer a transformação da realidade, através do saber partilhado, das ações dos projetos desenvolvidos.

Quando falamos em união, ressaltamos a importância da parceria da família com a escola, pois, sem essa, não conseguiríamos desenvolver as pesquisas, os roteiros de aprendizagens, as ações e culminâncias dos projetos. Contamos com a união entre toda comunidade escolar para desenvolver todas as ações da escola, seja nas atividades pedagógicas, seja nas ações para manutenção física da mesma. No decorrer do ano letivo, lançamos muitas campanhas, como a partilha de alimentos e materiais de limpeza para a escola entre pais e tutores; realizamos

brechós, rifas, bingos, pedágios e eventos. Assim, seguimos a luta, buscando fortalecer e desenvolver um trabalho em grupo para alcançar as metas traçadas coletivamente.

Nessa perspectiva, primeiro a escola deve ser integrada internamente, onde suas disposições internas configurem integralidade, como parte de um todo harmônico e alinhado, mantendo uma unidade. Nela, todos e todas devem se sentir parte do processo, nas suas diferentes funções, mas na mesma importância, para se conseguir o almejado para escola.

Temos que compreender que somos seres de emoção e razão, de corpo e espírito, de consciente e inconsciente, o que nos conduz a olhar para a pessoa humana em sua multidimensionalidade da busca de uma educação integral. Somos a intrínseca interação e integração entre matéria e espírito, corpo e alma, mente e coração, razão e emoção. Nos vemos como humanos, dotados de uma multidimensionalidade (biopsicossocial e espiritual) intrinsecamente interdependentes.

Nessa perspectiva, a escola assume uma tarefa de construir um ideário que oriente a vida das pessoas, ampliando sua visão de mundo, questionando os fatos e acontecimentos, argumentando seus pensamentos e expondo com consciência seus ideais, fortalecendo o autoconhecimento e o equilíbrio emocional. Essa visão edifica uma de nossas pilastras pedagógicas: o olhar para a multidimensionalidade da pessoa humana.

Esse olhar para a integralidade, também nos fez perceber que precisaríamos mudar essa fragmentação do ensino regular de seriação, em que a busca pela interação é processo fundamental para a construção do conhecimento. Vimos, então, a necessidade de mudar, de romper com essa estrutura e passamos a trabalhar com as todos o(a)s educando(a)s integrado(a)s, sem seriação, a partir da pedagogia de projetos. Com isso, ele(a)s se agrupam pelos projetos afins, independentes de seriação. Embora, observamos um processo natural de agrupamentos, que se

constitui por níveis de curiosidades, que mudam de aspecto por faixas etárias. As curiosidades de crianças em uma faixa etária de quatro e seis são diferentes das crianças de dez anos, por exemplo. Essa observação, é lógico que não ocorre numa radicalidade dessas faixas etárias, mas, pudemos perceber que podíamos organizar nossa proposta pedagógica levando em consideração também esses aspectos na composição de três núcleos de aprendizagem, unindo-se aos níveis de aquisição de autonomia, de construção do conhecimento curricular, bem como dos valores referenciados pela proposta.

Assim, o Núcleo de Iniciação, contempla educando(a)s que iniciam seu processo de escolarização, de ampliação de suas relações sociais até o processo de aquisição da escrita e da matemática, em um processo dinâmico e natural. Esse núcleo leva em consideração o desenvolvimento psicoemocional, social, motor, físico, afetivo, emocional e cognitivo, por meio dos dois eixos estruturante das interações e brincadeiras, assegurando os direitos de aprendizagem e desenvolvimento pelo conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se.

O Núcleo de Desenvolvimento contempla educando(a)s que já adentram dentro do processo de multiletramento, tanto na área de linguagens, como na área de matemática, bem como em ciências da natureza e humanas. Um trabalho educativo voltado para a valorização do(a) educando(a) como ser livre, ativo e social, que aprende em comunidade, pelo compartilhamento de saberes, pela interação entre as diversas faixas etárias, na medida que mantém uma relação dialógica com todos os membros. Isso objetiva a formação de um saber construído coletivamente, a partir dos projetos de pesquisas, constituídos das curiosidades do(a) educando(a). Tem por finalidade promover o desenvolvimento da capacidade de aprender, o domínio da leitura, da escrita e do cálculo, a compreensão do ambiente natural e social, das artes, das tecnologias, bem como a aquisição de conhecimentos e habilidades referenciadas para

esse núcleo de aprendizagem e a formação de atitudes e valores como instrumentos para uma visão crítica do mundo.

O Núcleo de Aprofundamento contempla educandos(as) que compreendem um trabalho educativo voltado para a sua própria valorização. Nesse sentido, agem como protagonistas na construção do conhecimento, na busca da autonomia como requisito desse protagonismo, bem como na relação dialógica e colaborativa para ampliar a capacidade de aprendizagem. Para isso, utilizam variadas formas de aquisição do saber e de expressão, de linguagens e de compreensão do ambiente natural, social, político e cultural. Essas, possibilitam a promoção de uma consciência crítica e ativa e que expresse suas emoções, valores e ideias, contribuindo com a organização de um pensamento mais sistêmico e maduro.

## UM AMBIENTE LIBERTO E LIBERTADOR

A escola é um lugar cheio de vida, de alegria, onde queremos estar. Um espaço onde nos sentimos bem ao sermos ouvidos e onde temos a liberdade de falar, pensar, agir e se expressar. Tudo isso nos motiva a ser feliz diante de uma aprendizagem significativa para todos que estão envolvidos no processo de construção de conhecimentos. A partir do convívio diário entre tutores e tutorandos num ambiente harmonioso nascem laços que perduram por toda a vida. Isso nos faz perceber que a escola é o ambiente de gente feliz, do riso, que acolhe e que cria laços afetivos que marcam a vida dos sujeitos.

Por meio dos projetos de aprendizagem as relações se constroem em um ambiente libertador através dos diálogos e trocas de saberes, por meio da investigação das temáticas escolhidas, em grupo ou individualmente. Isso proporciona descobertas coletivas acerca das curiosidades dos educandos e das problemáticas oriundas das comunidades, ajudando a

formar cidadãos livres e conscientes de suas ações e responsabilidades, como agente transformador do meio em que vivem.

Liberta e libertadora, porque antes de propor uma educação libertadora, acreditamos que devemos viver os preceitos de liberdade, primeiramente, internamente, dentro de nós, educadores, para que ela se desdobre no outro como um processo natural, em seus espaços, como pessoas libertas e libertadoras.

Que todos tenham vez e voz, como agentes e não pacientes do processo. Assim, a necessidade da criação de práticas e instrumentos que proporcionem espaços de fala, de escuta, de diálogos, como serão vistos nos capítulos seguintes.

Liberdade exercida desde a escolha de seu(ua) tutor(a), na participação dos comitês e grupos de responsabilidades, no colegiado, na escolha das oficinas.

Liberdade fortalecida pela autonomia exercida, desde a escolha daquilo que quer estudar, como e quando, como ponto de partida da ação pedagógica, bem como na execução de seus roteiros de aprendizagem, podendo desenvolvê-los seja na sala, no pátio, no jardim, no parquet ou embaixo de uma árvore.

Toda essa busca da liberdade com responsabilidade promove um intenso movimento de ação-reflexão-ação, que desenvolve o senso de justiça, de ética, de valores que se fortalecem na construção de um bem comum.

## UM AMBIENTE PARTICIPATIVO/ QUE GERA PERTENCIMENTO

Os espaços de aprendizagens da nossa escola são pensados de maneira a garantir não só o desenvolvimento cognitivo, mas o desenvolvimento da pessoa humana de forma integral. Nesse sentido, a cooperação está presente em todos os espaços. Neles, os(as) educandos(as)

constroem suas próprias aprendizagens. Por isso, eles devem ser harmoniosos, cheio de possibilidades para que haja interação, um lugar onde os sujeitos compartilhem ideias, experiências, emoções e sonhos, onde os aspectos cognitivos, motor e emocionais sejam desafiados, possibilitando avanços significativos de acordo com cada fase do desenvolvimento do(a) educando(a).

Todas as atividades são desenvolvidas coletivamente; no coletivo somos capazes de juntar forças para alcançar nossos objetivos. Através do trabalho em conjunto, desenvolvemos uma série de atividades e aprendemos muito. Construimos juntos as normas que regem nossa escola, criamos nossos combinados de boa convivência, realizamos atividades, brincamos e, principalmente, ajudamos uns aos outros.

A coletividade perpassa diversos aspectos, um deles é a organização dos espaços no início do ano letivo. Para isso, são organizados grupos de responsabilidade de forma que envolva todos o(a)s educadore(a)s e educando(a)s em diversas funções como: limpar os espaços; organizar o material didático e pedagógico; se responsabilizar pelos ambientes e trabalhar a conscientização da organização dos mesmos. Nesse contexto, todos se tornam responsáveis pela manutenção e zelo do ambiente. Vivem experiências diversas, tornando-se parte integrante do ambiente escolar e tomando consciência de sua responsabilidade, onde a escola se torna um lugar de pertencimento. Na maneira que vamos trabalhando o cuidado com o ambiente, em que todos fazem parte dessa ação, vão sendo construídas as relações de respeito e zelo pelo que é nosso, desencadeando desta maneira o sentimento de pertencimento ao lugar onde estão imbricadas às relações interpessoais.

Todo esse trabalho traz como um processo natural o desdobramento na família e na comunidade. É bonito ver como as crianças passam a desenvolver com seus familiares as construções colaborativas promovidas na escola, como construção de combinados em casa, ajuda na organização

diária da família, na sensibilização de cuidar do outro, no respeito entre todos, na consciência coletiva de cuidar do meio ambiente.

## UM AMBIENTE ACOLHEDOR

Os mais diversos espaços na escola e fora dela se tornam ambientes de aprendizagem ao partirem de uma curiosidade que se situa em um contexto. Portanto, a construção do conhecimento extrapola o espaço interno escolar, utilizando-se por vezes do entorno, da comunidade, da rua, da cidade como parte(s) intrinsecamente ligada ao objeto de estudo.

Vimos que essa necessidade de formar um ambiente acolhedor, no micro e macro espaço escolar, requeria de nós o fortalecimento de valores.

O respeito permeia diversos aspectos, dentre eles o individual, o coletivo, cultural e o natural. Inicialmente é lançado um olhar para com o(a) educando(a) e sua família, em que as individualidades são percebidas e acolhidas. A partir desse acolhimento, as relações são construídas em meio às situações cotidianas e, para isso, é necessário diálogo constante entre todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. Prezamos muito pelo acolhimento, pois, esse se faz necessário não só para com as crianças, mas também com as famílias. Acolher cada família com sua individualidade, sua cultura demonstrando afeto e respeito, disponibilidade para ouvir, entender e ajudar no que for preciso.

A empatia deve estar presente nas relações entre os sujeitos, sejam eles educandos ou educadores ou familiares. É importante que em cada situação haja um mediador para dar suporte a todos os envolvidos em cada situação. O exercício de nos colocarmos no lugar do outro é sempre promovido por meio das rodas de conversa, no colegiado, nas mediações de conflito, enfim, em todos os momentos

em que estamos em coletividade.

Recebemos as crianças na escola com o maior carinho para que elas entendam que a nossa escola é um lugar acolhedor, um ambiente de leveza e amizade. A inserção da criança em um novo ambiente deve ser um processo construtivo que permita a criança criar laços afetivos com os novos colegas e todas as pessoas que ali passam e colaboram com o cotidiano escolar. Assim, a afetividade acontece durante todos os momentos e não só quando há um contato físico. Essa, também se faz importante nos momento de conversa, onde é possível sentir se o próximo não está bem.

O elogio significa reconhecimento, nós aprendemos a elogiar o outro por uma ação ou trabalho desenvolvido, desde as educadoras responsáveis pelo feitio do lance com todo o cuidado, pelas educadoras que cuidam da limpeza, a um colega pelo trabalho realizado, pelas conquistas alcançadas.

Uma escola de todos e para todos requer a cooperação. Estamos em constante ações que requerem o envolvimento de todos, tanto na avaliação e planejamento do processo curricular, pedagógico, mas também na manutenção da escola, uma vez que é comunitária. Desde cedo, ao adentrar na escola, aprendemos que como seres sociais, vivemos em comunidade e que nossas ações interagem com o outro, com o meio. Então, vivemos constantemente o processo de entrelaçada, de solidariedade, para consigo mesmo, para com o outro, para com a escola, para com a comunidade e com o planeta.

Vimos, ainda, que o fio condutor que atravessa todos esses valores seria a espiritualidade, no entendimento de seu conceito, como aquilo que produz dentro de nós mudança. Essa tem a ver com experiência, inerente ao ser humano, no desejo de restaurar a sensibilidade no coração do ser humano, que nos leva apaixonadamente a saída de si e a se abrir ao outro, a solidariedade gratuita, da reciprocidade, da partilha e da corresponsabilidade.

Fomos feitos para criar um mundo para o primado da vida e da pessoa. Fomos feitos para sermos felizes e fazer felizes os outros, assim, um espaço acolhedor é um espaço que promove o amor, como fonte originária de si, que se desdobra no(s) outro(s) e no meio ambiente.

## UM AMBIENTE QUE PROMOVA PROTAGONISMO E AUTONOMIA

A autonomia é mais um dos princípios da nossa metodologia, trabalhada através do respeito mútuo, entre todos que pisam o chão da escola. O sujeito autônomo tem a capacidade de opinar, decidir suas ações, bem como respeitar a opinião e decisão do outro, uma vez que a autonomia e o respeito estão intimamente ligados.

O(a)s educando(a)s aprendem a ter autonomia através de experiências vividas no dia a dia da escola. Todos têm o direito de fazer diversas escolhas, desde os primeiros momentos na escola, ao escolher quem será seu(ua) tutor(a), as oficinas que querem participar, os comitês estudantis, quais os projetos de pesquisa querem desenvolver e como querem estudar. Ainda, dão suas opiniões nas rodas de conversa, no colegiado e na resolução de conflitos. Dessa forma, no decorrer dos dias, vão aprendendo a fazer escolhas, opinar e refletir sobre diferentes situações. Com o passar das vivências, suas escolhas e opiniões vão sendo cada vez mais autônomas. O(a)s educadore(a)s por sua vez participam das tomadas de decisões da escola como um todo de forma democrática. Todas as nossas decisões são colegiadas.

Dessa maneira, desenvolvemos um trabalho em uma perspectiva onde oferecemos possibilidades para o sujeito ser protagonista de sua própria história, o(a) educando(a) passa a interagir de maneira ativa nas diversas situações no cotidiano escolar, tomando decisões, tornando sua vida mais feliz, demonstrando alegria na convivência com o

outro e se sentido parte importante no processo.

O espaço escolar é pensado e organizado pelos educadore(a)s junto com os educandos, a disposição de todo material pedagógico é pensado de maneira que estimule o desenvolvimento da sua independência e liberdade nesse meio. Iniciar uma prática pedagógica partindo da curiosidade dos educandos se torna um carro chefe para motivá-los a se envolver nas atividades. A motivação é algo que impulsiona a aprendizagem, uma vez que o(a) educando(a) se sente motivado(a) a aprender, logo desperta prazer em participar e interagir no espaço escolar, enriquecendo a troca de saberes entre toda a comunidade, a partir das experiências vividas no dia-a-dia.

Desse modo, acreditando nas potencialidades de cada um conseguimos entusiasma-los à ampliar suas habilidades, ajudando a formar cidadãos críticos, responsáveis e protagonista de suas próprias histórias.

Trabalhamos com o intuito de desenvolver a educação integral do indivíduo, onde todos os aspectos do ser humano se tornam foco; trabalhamos na perspectiva de encorajar o outro e mostrar o quanto ele é capaz, reafirmando que o sujeito deve acreditar sempre em seu potencial, valorizando o desenvolvimento da sua autoestima. Para que o indivíduo tenha a estima elevada é necessário que o afeto esteja presente em sua vida e que através de suas ações esse afeto seja percebido, por ser importante em todas as fases da vida de um ser humano. Trabalhamos na perspectiva de explorar as diversas inteligências, valorizando os talentos, assim como afirma a teoria do cientista Howard Gardner.

A partir daí, acreditamos que os educandos podem aprender, vivenciar e trocar experiências em todos os lugares, seja no parque, no refeitório ou até mesmo embaixo de uma árvore, assim, o educando põe em prática sua autonomia já adquirida, expressando sua liberdade e assumindo sua responsabilidade enquanto sujeito transformador, capaz de aprender e ensinar.

## UM AMBIENTE ATIVO, DIALÓGICO, CRÍTICO E CRITICIZADOR

A partir da troca de saberes todos têm a oportunidade de socializar e aprender cada vez mais. Durante os momentos de partilha na escola, percebe-se uma espontaneidade no decorrer do diálogo do(a)s educando(a)s ao compartilharem sobre suas curiosidades e descobertas já feitas até então, demonstrando uma grande felicidade.

A prática dialógica crítica e criticizadora é constituída por sujeitos em constante processo de interação, de reciprocidade, de trocas, que permite se debruçarem sobre o objeto do conhecimento de forma reflexiva e dialógica, levantar hipóteses, criar estratégias, inferir, deduzir, construir resultados.

Na medida em que o(a) educando(a) reflete sobre si mesmo e a realidade, se reconhece como sujeito, agente e paciente de suas ações, das transformações, do estar e ser no/do mundo, do seu poder criador e recriador.

Buscamos desenvolver um estudo praxiológico, na tentativa de entender nosso próprio universo escolar; conhecer nossa realidade, mergulhar nela para entendê-la, debruçar-se sobre os conflitos, suas situações-problema, seu fazer pedagógico, encontrar soluções, planejar, executar, avaliar, integrar, alinhar. Exercer um olhar dialético em seus movimentos para encontrar sua essência, sua razão de ser, solucionar seus desafios.

Em um ambiente escolar criticizador, o(a)s educando(a)s, através da prática do diálogo, constroem combinados, buscam solucionar situações que surgem no dia a dia, se tornam seres pensantes e críticos, buscando cada vez mais criar um espaço, onde cada um se posicione sobre suas ideias e escolhas.

O preparo e o cuidado com o ambiente escolar se desdobra em um processo coletivo. Ao se construir o

espaço coletivamente, o dia a dia da escola se torna um ambiente familiar e potente, capaz de envolver todos os sujeitos com suas particularidades, estreitando os laços entre todos os envolvidos. Essa prática representa uma riqueza para todos os sujeitos, pois reverbera ainda mais nosso papel de sujeito construtor de nossas práticas.

Na comunidade escolar todos os sujeitos são protagonistas de sua história. Não existe quem sabe mais nem menos, todos sabem e tem algo a partilhar. Dessa maneira, o ambiente escolar se torna um espaço propício para a construção de conhecimentos e experiência.

Somos parte integrante desse todo chamado ambiente escolar, ambiente esse que é pensado e construído a muitas mãos e cabeças, em que vão se tecendo diversos contextos de aprendizagens. Ambiente que vai muito além de uma estrutura física apenas, mas que se tece nas relações e valores propostos.

# O PERCURSO PEDAGÓGICO NA BUSCA DE UMA EDUCAÇÃO INTEGRAL E TRANSFORMADORA

ALINE MIRANDA FONTES DA SILVA  
JAILZE FELIPE DE OLIVEIRA SOUZA SANTOS  
JOANA D'ARC DE FONTES AZEVEDO SILVA  
JOSEFA CLEIDIANE DANTAS DOS SANTOS  
MARIA ISADORA ANDRADE SANTOS  
EMILIANA MARIA ALEXANDRIA DAS NEVES  
LEILA ROCHA SARMENTO COELHO

Quando uma criança chega na escola ela traz consigo toda sua história de vida, por mais nova que ela seja, mas ela não chega vazia, vem com sua cultura que foi construída dentro de casa com sua família, em seu lugar na comunidade em que vive. Cabe à escola acolher essa criança de modo que ela se sinta parte integrante também deste espaço e se sinta capaz de expressar seus conhecimentos, sentimentos, valores, emoções e críticas. Então, a escola deve proporcionar essa relação e entender que essa criança é esse ser completo, ou seja, deve acolher e tratar a criança em sua

multidimensionalidade.

A criança é um sujeito dotado(a) de muitas habilidades e precisa ser estimulada para aperfeiçoar essas habilidades. A escola precisa ser um lugar capaz de oferecer esses estímulos para que a criança consiga trabalhar e desenvolver melhor suas habilidades. Também precisa entender que o aprendizado não acontece apenas na escola, mas também fora dela, no convívio familiar, na vivência em comunidade com as outras pessoas, através de observações e interações. Dessa forma, para atender essa criança em sua integralidade a escola sozinha não consegue. O trabalho deve estar atrelado juntamente com a família e a comunidade, na articulação em rede com outros agentes educativos e sociais, de modo que possibilite o desenvolvimento da criança nos aspectos: físico, social, emocional e intelectual.

Para que a criança seja capaz de fazer escolhas, dar opiniões e tomar decisões é essencial que ela tenha espaço para falar e ser ouvida, que seja protagonista na construção do conhecimento. Para isso, a escola tem que oferecer em sua proposta pedagógica esses momentos.

Em nossa escola, tudo o que é proposto ou feito tem como ponto de partida o processo de fala e escuta. A começar, pela liberdade de estudar a partir de suas curiosidades, que se desdobram em problematização e se transformam em objeto de estudo.

Uma roda de conversa é formada entre tutorandos(a)s e tutor(a) sobre suas curiosidades, bem como os problemas de suas comunidades. Pensam juntos e, assim, nascem os projetos, que podem ser coletivos ou individuais.

A partir daí, é construída uma ficha de interesse com indagações para dar suporte a construção de um projeto de pesquisa. Nessa ficha de interesse é indagado o que ela quer saber, por que quer saber, o que já sabe sobre aquele objeto e como quer aprender. Diante desses referenciais se constrói o projeto de pesquisa, em que sua curiosidade se transforma no objetivo geral, daquilo que ela já sabe se levantam hipóteses e aquilo que quer aprender se constitui nos

objetivos específicos e o como na metodologia.

Quanto maior a criança for, mais nascem projetos individuais. Esses projetos individuais e coletivos dependem muito do grau de maturidade da criança, pois quanto menores forem as crianças, há a possibilidade de serem desenvolvidos projetos coletivos. Não há limites para a quantidade de projetos, nem de participantes; tudo vai depender da curiosidade das crianças e dos diálogos tecidos em roda.

Cada objetivo específico se desdobram em um ou mais roteiros de aprendizagem e, por isso, não tem como determinar uma data específica para terminar um projeto. Como se leva em consideração a individualidade da criança e, no seu tempo, pode ser que dure mais ou menos tempo, bem como não há limite de crianças por projetos. Assim, o projeto acaba quando se estuda todos os objetivos específicos.

O roteiro de aprendizagem é um instrumento organizado pelo tutor(a), a cada três semanas de estudos, unindo as curiosidades que se transformaram em objetos de pesquisa às áreas do conhecimento, numa perspectiva transdisciplinar, visando alcançar habilidades propostas pelo objeto de estudo e pela BNCC, bem como os valores escolhidos para referenciar o roteiro.

O roteiro é um percurso de aprendizagem que favorece a autonomia, a liberdade, a cooperação, a criatividade e o autoconhecimento.

Diante do roteiro, ao chegar na escola todos os dias, a primeira coisa que o(a) educando(a) faz é construir seu plano do dia, onde ele organiza todas as atividades que vai desenvolver durante aquele dia, tanto as que vão desenvolver na escola, quanto as que fará em casa. Nesse plano, consta tudo o que vai realizar no seu dia, como: momento de oração, realização das atividades, lanche, recreação, relaxamento, continuação das atividades, oficinas, roda de apreciação do dia e saída para casa. Ao término dessa construção, o plano do dia é apresentado ao

tutor(a) para validar e começar a ser desenvolvido. Validado, tem a liberdade de escolher onde quer executá-lo, podendo realizar suas atividades, no pátio, no refeitório, no parquinho ou até embaixo de uma árvore.

Chegando ao final do seu horário de estudo, acontece a roda de apreciação do dia, que é a socialização do aprendizado adquirido com o desenvolvimento das atividades realizadas naquele dia, bem como as dificuldades encontradas. Quando não conseguiram concluir as atividades, apresentam a justificativa e podem levar como estudo para casa. Essa partilha acontece num diálogo entre o(a) tutor(a) e os demais tutorandos. Assim, o conhecimento é construído coletivamente. Nesses momentos, o(a) tutor(a) identifica o perfil de cada um de seus educandos, como: quem tem mais facilidade de se expressar oralmente e em público, quem apresenta timidez, quem é atento e compreende facilmente o que está sendo socializado, o que se dispersa na roda e que precisa de ajuda para manter o foco. Essa é uma maneira de compreender as singularidades de cada um.

Em cada roteiro, há sempre um encontro de mediação do projeto, entre um mediador, que não necessariamente é o(a) tutor(a) para a elaboração do referencial teórico e análise de dados sobre o objeto de estudo, bem como da avaliação e planejamento do percurso pedagógico em construção.

O processo de construção da autonomia dos educandos é um dos princípios proposto na metodologia desenvolvida na escola, pois tem o educando como o agente principal do processo de ensino e aprendizagem. Para que essa autonomia seja construída, o(a) educador(a) deve ser o mediador e facilitador desse processo, tornando assim, os educandos sujeitos capazes de participar democraticamente do processo de construção do conhecimento e de uma consciência crítica que o ajude a viver em uma sociedade justa, democrática e construída para a cidadania.

A tutoria é um dos instrumentos avaliativos utilizados na

escola. Acontece sempre ao término de cada roteiro, em um diálogo entre tutor(a) e tutorando(a) com o objetivo de avaliar seu desempenho, com base nas atividades desenvolvidas no seu roteiro e nas habilidades a serem alcançadas. Nesse momento é identificado se o educando atingiu ou não o objetivo proposto em seu roteiro de aprendizagem, como também as habilidades inseridas de acordo com as áreas do conhecimento e o(s) valor(es) escolhidos. Conforme o(a) tutorando(a) vai relatando seu aprendizado, o(a) tutor(a) vai fazendo um relatório descritivo, atestando se o(a) tutorando(a) aprendeu ou se precisa rever determinada pesquisa para aprofundar mais.

Após cada término de um projeto, os tutorandos definem por uma culminância, que é pensada e planejada por todos, como forma de concretizar o que foi desenvolvido, podendo ser uma ação na comunidade ou na escola, visitas, distribuição de panfletos, palestras, exposições, oficinas, debates, dentre outros. Essa culminância também é mais uma forma de avaliar o processo de aprendizagem em que se verifica essa capacidade de interação, de inferir e de deduzir o desenvolvimento de seu pensamento crítico, científico e argumentativo. Valoriza-se o conhecimento histórico, cultural, bem como os valores como responsabilidade, empatia, cooperação e trabalho em equipe.

Ao final de cada semestre é feito um parecer pedagógico para cada tutorando(a). Esse parecer descritivo é uma maneira de avaliar a evolução da aprendizagem que o(a) tutorando(a) obteve durante seu processo de construção do conhecimento. Nesse relatório, é possível identificar o desempenho da aprendizagem, a noção de mundo, sua convivência com os demais colegas, os valores, aspectos emocionais e seu desenvolvimento social.

Este documento traz muito a identidade de cada tutorando(a). Inicialmente, se descreve como iniciou o semestre, sua interatividade com os demais colegas, o perfil e os pontos de melhoramento, em que precisam avançar.

Também é detalhado como se deu a escolha do projeto de pesquisa, como foi o processo de desenvolvimento em seus roteiros e plano do dia, habilidades alcançadas e em processo, bem como as rodas de apreciação.

Também é levado em consideração outros aspectos, tão importantes quanto o olhar para as habilidades, que são os aspectos emocionais, afetivos, as trocas de experiência, as partilhas desses saberes, ajuda mútua, a segurança, timidez, o respeito a fala do outro, seu desempenho nos grupos de responsabilidade.

Ainda é salientado seu desempenho em todas as tutorias realizadas, a participação das famílias nesse processo, a presença ou ausência dos pais na escola nas ações coletivas e no voluntariado.

Esse parecer permite olhar e ver o que o(a) educando(a) alcançou no decorrer do semestre, bem como o que ele ainda precisa avançar, que se encontra em processo. Assim, nele é apontado todo o trabalho pedagógico para o semestre seguinte.

Dispomos também de uma matriz referencial de aprendizagem, que se constitui em um conjunto de descritores que orientam o trabalho pedagógico na construção dos roteiros. É referenciada pela BNCC, que possibilita a ampliação de múltiplas linguagens, da autonomia e da relação consigo, com o outro, com a natureza, com a história, com cultura, com as tecnologias e com o ambiente.

Nela constam as habilidades referentes a cada área do conhecimento, de acordo com o nível de cada tutorando(a)s, inseridas na perspectiva transdisciplinar na relação com o projeto. Ao término de cada tutoria, são observadas as habilidades alcançadas, vivências e valores, como: responsabilidade, interação e cooperação, concentração, autonomia, participação, criatividade, comunicação, organização, planejamento, auto avaliação, concepção e desenvolvimento de projetos de aprendizagem.

O planejamento das atividades tem que ser bastante

diversificado para que possa atender o desejo das crianças de realizarem as atividades de forma mais prazerosa. A interação acontece de modo que todos se relacionam de forma mútua, uma vez que na escola não se trabalha a seriação, então elas não estudam em turmas isoladas, como também os grupos têm uma diversidade de idades e não ficam concentrados em sala de aula. As crianças têm a liberdade de estudar onde elas desejarem, sozinhas ou em grupo, estimulando a interação entre as crianças, a coletividade e o desenvolvimento do trabalho em equipe. A criança também aprende com outra criança, como também é capaz de ensinar aquilo que sabe para as que ainda não sabem e assim vão construindo saberes. Por isso, há a importância da diversificação das atividades para o compartilhamento de sabers. Proporciona-se o trabalho em grupo e a escuta das crianças na intenção de saber, o que elas querem aprender e como querem aprender e, assim, tornar o desenvolvimento das atividades de maneira mais satisfatória.

As crianças se ajudam sempre, não somente no desenvolvimento das atividades, mas também na resolução de conflitos. Por meio do comitê de mediação, que é formado por um grupo de crianças para mediar os conflitos existentes entre o(a)s próprios educando(a)s, todos os conflitos que surgem entre eles são tentados ser solucionados por meio deste comitê, que conduz os diálogos e os acertos nessa mediação. Assim, a maioria dos conflitos surgidos no ambiente escolar relacionados aos discentes, são resolvidos entre eles. Quando não conseguem sozinhos, pedem ajuda no colegiado estudantil.

Propõe-se um trabalho voltado para o desenvolvimento de atividades coletivas, ou seja, a criança não estuda sozinha, elas estudam juntas, desenvolvem as atividades em grupos, uma ajudando a outra. Quando um(a) educando(a) termina, vai ajudar o(a) outro(a) que ainda não terminou ou procura saber quem está precisando de ajuda.

São realizadas muitas atividades práticas, tendo em vista

o desenvolvimento dos projetos na escola. Então, é necessário pesquisa campo, experiências e diversas outras atividades, sempre de forma bastante lúdica, envolvendo brincadeiras e materiais diversificados.

O percurso de aprendizagem dos educandos é algo subjetivo, cada um aprende a partir de uma curiosidade e no seu tempo. Nesse espaço de tempo é trabalhado o currículo levando em consideração a perspectiva conceitual, procedimental e atitudinal. Nesse entendimento, a aprendizagem não é centrada no(a) educador(a), como detentor do saber, que dita o que fazer, como e quando. O(a) educador(a) se torna mediador(a), numa relação de troca, como em uma via de mão dupla em que ambos ensinam e aprendem.

O protagonismo é potencializado desde o processo de construção do plano do dia até sua execução. Diante do plano construído mediante esse olhar para o roteiro, ele(a) é orientado(a) pelo(a) tutor(a) para exercer esse protagonismo, indo buscar seus conhecimentos em diversas fontes de pesquisas, seja na internet, no livro didático e no trabalho em grupo. Caso surja alguma dificuldade em determinada área do conhecimento, ele(a) é orientado(a) a fazer uso de um instrumento chamado “ensinando e aprendendo, aprendendo e ensinando”, onde ele(a) pede ajuda a algum colega para tirar sua dúvida. Se a dúvida ainda persistir, por fim, ele(a) é orientado(a) a procurar um especialista na área do conhecimento.

Enxergar o sujeito como protagonista de seu percurso formativo é oferecer a ele(a) a autonomia, mostrar meios para que consiga buscar construir seu conhecimento, respeitando seu tempo de aprendizagem e levando em consideração seu nível de desenvolvimento.

Esse protagonismo e autonomia só são exercidos mediante uma relação dialógica, fio condutor importantíssimo que atravessa todo o processo de construção do conhecimento. Isso porque todo e qualquer aprendizado escolar acontece por meio da linguagem. A

língua falada e escrita permite as trocas de saberes, as interações entre os sujeitos e promove o desenvolvimento do pensamento crítico, criativo e científico.

Toda a proposta pedagógica é voltada para um trabalho dialógico e coletivo, onde se ouve propostas dos educandos, dos pais e toda a equipe de trabalho da escola.

A escola não consegue fazer um bom trabalho sozinha. É necessário que as famílias participem desse processo de construção do conhecimento da criança, não só nas atividades de casa, mas também visitando a escola, participando das atividades propostas para as mesmas, bem como na construção de toda proposta pedagógica.

A escola não é uma ilha, ela está dentro de uma realidade sócio histórico cultural das comunidades da qual ela participa. É uma relação de pertencimento, pois não se concebe escola sem a família; ela reproduz todo esse contexto familiar. As famílias estão dentro da escola desde a construção da proposta pedagógica, nos conselhos nas formações, nos momentos avaliativos, nos mutirões, como voluntariado, na manutenção, como oficinairos e no desenvolvimento dos projetos e dos roteiros.

O engajamento da família nas atividades escolares constitui um elemento muito importante que é o valor do pertencimento. Nessa perspectiva, é possível perceber que há um cuidado melhor, fortalece-se os vínculos afetivos, a criança se sente mais feliz, mais importante, mais segura, bem como contribui para o melhor desempenho do(a)s educando(a)s em seu percurso pedagógico.

Buscar uma educação transformadora é um grande desafio, pois, requer que a gente reflita sobre a escola que temos e a que gostaríamos de ter. Isso nos leva a pensar que tipo de educação e de sujeito que atravessa esse chão da escola.

A escola que contribui para a emancipação do sujeito, vai além de um espaço de aquisição de conteúdos e contribui para construção de uma nova realidade social. Essa comunidade escolar promove relações baseadas no

diálogo, no respeito, na empatia, na igualdade, vislumbrando uma sociedade que começará a ser modificada.

Ao educar para a vida, a escola deve ajudar a fortalecer saberes que contribuam para a convivência social do(a) educando(a) ao meio no qual está inserido(a). Além disso, ajudá-lo(a) a se reconhecer como agente e paciente de suas ações. Esse(a) precisa compreender que somos parte integrante de um todo e um mundo melhor depende de nós, através das nossas atitudes e valores assumidos como princípios de vida.

# O CURRÍCULO TRANSDISCIPLINAR COMO INTEGRADOR DA ESCOLA E DA COMUNIDADE

GIVANILDO FREIRE DA COSTA  
KARLIANA LIMA DE MELO ALVES  
NATALIA DA SILVA NOGUEIRA  
WENDELL PEDRO FERREIRA DA SILVA  
DANIEL WAGNER ARAÚJO LUCENA  
GITANIA ELANINE NASCIMENTO ROCHA

Desde o início da nossa escola, embora trabalhando ainda de forma tradicional, buscávamos um currículo que integrasse a realidade do(a) educando(a), com os conteúdos curriculares das áreas e temáticas norteadoras, escolhidas a partir do planejamento pedagógico no início do ano letivo, junto com o(a)s educando(a)s e os pais. Assim, desenvolvíamos alguns estudos temáticos trazidos por nossos educandos que visavam a resolução de um problema da comunidade escolar, como o lixo e sua coleta, a falta d'água e outros.

Após a mudança da metodologia, em 2015, como costumamos dizer: viramos a escola de cabeça para baixo. Transformamos nosso trabalho pedagógico, retirando as seriações, as notas, as provas, o(a) educador(a) como detentor do conhecimento e o

currículo baseado nos conteúdos já pré-estabelecidos. Todo esse processo foi muito desafiador para todos e, assim, fomos aprendendo a caminhar dia a dia, na construção coletiva, dando as mãos e buscando meios de aprimorar cada vez mais nossa prática. Passando assim, dentre outros desafios da nova organização pedagógica, discutir entre nós e com nossa comunidade escolar uma concepção de currículo que correspondesse com a atual conjuntura das nossas práticas.

Sabíamos que não há um consenso sobre essa concepção, pois envolve vários fatores que estão interligados direta ou indiretamente com o processo educacional, tais como: fatores socioeconômicos, políticos e culturais. Existem vários posicionamentos teóricos, discussões e práticas que incorporam além do processo do ensino e aprendizagem, as relações sociais, bem como as transformações que se deseja efetuar com a implementação deste currículo. Porém, na medida em que nos propomos a trabalhar o desenvolvimento integral dos sujeitos e o fortalecimento do território foi necessário que todos internalizassem no comportamento organizacional atitudes que corroborassem com a construção, desenvolvimento e integração de vários saberes.

## COMO PENSAMOS O CURRÍCULO?

Na escola, o currículo foge da vertente tradicional, imposto de cima para baixo, pois tudo é construído a partir da curiosidade dos educandos, das necessidades da comunidade, no movimento do chão da escola, ao caminhar e no cotidiano. Tudo intrinsecamente interligado ao contexto do(a)s educando(a)s, em todas as suas dimensões: sociais, culturais e emocionais. Dessa forma, favorecendo o fortalecimento do vínculo da escola com a comunidade e o território.

Enquanto pensávamos na construção do currículo, refletíamos sobre que tipo de sujeitos queríamos ajudar a formar, que tipo de educadore(a)s somos e queremos ser, que tipo de sociedade queremos construir e que meio ambiente precisamos conservar e cuidar. Assim, julgamos o currículo como um instrumento eficaz para que possamos ir além de contribuir na formação para o

mercado de trabalho de nosso(a)s educando(a)s. Objetiva-se torná-los sujeitos conscientes, atuantes e transformadores de si e do meio, responsáveis pelo seu desenvolvimento pessoal e comunitário.

Dessa forma, ao pensarmos no currículo olhamos também para uma educação humanizada e humanizadora, integrada e integradora, liberta e libertadora, crítica e criticizadora, praxiológica e com vínculo-compartilhada, como vivências construtoras do ambiente escolar. Para que isso ocorra, é necessário que os diversos agentes da nossa comunidade escolar se façam presentes na discussão, planejamento e execução, na ação, reflexão e ação das nossas práticas curriculares.

Criamos uma postura em nós educadore(a)s de que o currículo não é algo pronto, fixo e desvinculado da realidade; mas, um caminho construído ao caminhar, que integra uma diversidade de elementos: a curiosidade do(a) educando(a), seu contexto sócio-histórico e cultural, habilidades (tanto as previstas pela BNCC, quanto as inerentes ao projeto), os valores e as ações desenvolvidas.

Vimos que é necessário ter a sensibilidade de trazer esse(a)s educando(a)s como sujeitos de sua vida escolar. Trazer suas necessidades enquanto indivíduos, enquanto membros de uma comunidade que tem várias demandas, sejam elas educacionais, sociais, culturais, ambientais, econômicas, ou seja, um currículo que esteja posto para a emancipação dos sujeitos.

Podemos nos questionar: quais os caminhos para ter uma escola que esteja disposta a colocar o(a) educando(a) como protagonista do seu processo educacional? É necessário que a escola construa constantemente estratégias para que possa planejar, executar, avaliar e, se preciso for, refazer tudo novamente, um constante movimento da práxis freiriana. Meramente com o objetivo de propô-los o melhor caminho (traçado juntos) para que não pensem, só no que eu quero ser, mas, principalmente, pensem quem eu sou e o que eu posso fazer por mim, por meu colega, pela minha comunidade, pelo planeta.

É fácil? Não. É desafiador. Mas, possível quando se deseja formar pessoas além do cognitivo e sim para a vida. Diante disso, iniciamos todo ano letivo com uma construção coletiva da

proposta educativa para o ano, envolvendo o(a)s tuteur(a)s, tutorandos(a)s e a família em planejamento conjunto do que temos e queremos fazer.

Optamos trabalhar com a pedagogia de projetos por acreditarmos que essa seja um dos caminhos que a escola pode abranger a diversidade de contextos socioculturais que tem, além de favorecer o protagonismo. Trabalhamos, anualmente, em torno de 12 a 14 comunidades da zona rural e urbana do município de Bananeiras, Borborema e Solânea, o que nos traz uma diversidade e um desafio enorme de como olhar para elas e tornar o processo de ensino-aprendizagem significativo. Por isso, a necessidade de partir da curiosidade dos educandos e das necessidades das comunidades envolvidas. Só assim, conseguimos romper a estrutura de um currículo único para toda a escola. Com isso, atendemos a diversidade de sujeitos, unindo o que ele(a)s querem aprender e o que precisa para se relacionar e viver em sociedade.

Como se dá a construção desse currículo a partir da prática de projetos no cotidiano da escola?

Nos projetos, o currículo vai se construindo numa costura entre as curiosidades, a integração das áreas do conhecimento na perspectiva transdisciplinar e com as habilidades, exigidas pelos documentos nacionais, estaduais, além das vivências e valores construídos pela comunidade escolar. Diferencia-se, com isso, cada sujeito, atendendo-o em sua individualidade e fazendo sentido em sua vida e em sua comunidade.

O olhar para as curiosidades, que normalmente é atravessado por uma demanda social, conduz a um currículo integrado à vida. Esse pode trazer contribuições mais objetivas, como uma problemática que uma comunidade está enfrentando, como: a falta d'água; a necessidade de uma unidade básica de saúde; o desejo de ter uma praça pública; a solução de um problema temporário, como animais abandonados na comunidade, etc. Além disso, curiosidades que nascem do desejo de melhorar o meio ambiente, com questões de saneamento básico, energias renováveis e desmatamento. Dessa forma, toda nossa busca é fazer com que o currículo se constitua integrado, dinâmico e vivo, promovendo uma relação e uma interação entre a escola e a

comunidade, fortalecendo os vínculos, a interação, a cultura, a identidade e o território.

Por que pensamos e buscamos um currículo transdisciplinar? Porque não nos apoiamos nas disciplinas, isoladamente, com recortes de conteúdos; buscamos em nossas práticas o conhecimento para além dos conteúdos curriculares, de modo a formar o sujeito como um todo, desenvolvendo suas capacidades nas diversas dimensões, de forma humanizada. A transdisciplinaridade é uma corrente de pensamento, onde buscamos romper as barreiras existentes entre uma disciplina e outra, formando relações entre elas através da pedagogia de projetos.

No entanto, trabalhar com a transdisciplinaridade não é fácil; é algo desafiador, requer muita dedicação e amor pelo que se está construindo. Inicialmente, o entrave foi nossa formação acadêmica, em que cada educador(a) tinha sua área de domínio, especialidade e com isso, evidentemente, ninguém tinha o domínio de todas as áreas de conhecimento. A insegurança dificultava as construções dos roteiros na transdisciplinaridade. Assim, foi preciso sairmos de nossa zona de conforto, romper os paradigmas, ir em busca de mais conhecimento e aprofundamento de como poderíamos melhorar nossas práticas com base na transdisciplinaridade. Isso requereu nos debruçarmos sobre o objeto, com meses nos círculos de estudos em nossas formações pedagógicas. A partir de então, começamos a sair do próprio quadrado, das caixinhas, romper as barreiras do medo e mergulhar no novo.

Foi fácil fazer tudo isso? Não. Podemos afirmar que hoje dominamos todas as áreas de conhecimento? Também não. Trabalhamos a língua portuguesa de uma forma, em que os textos dos projetos e das produções do(a)s tutorandos(a)s são o ponto de partida e de conexão com os diversos eixos da língua portuguesa e das demais áreas do conhecimento. Hoje, ainda, um dos maiores desafios é trabalhar com a matemática na perspectiva transdisciplinar. Alguns conteúdos conseguimos interligar trazendo e relacionando com o dia a dia do(a) educando(a), porém é necessário ter uma atenção maior com a contextualização dos conteúdos desta disciplina junto aos projetos de modo que fique

de forma clara para ele(a)s.

O caminho que atualmente trabalhamos na construção dos roteiros, usando a transdisciplinaridade, foi nos dar as mãos, aprofundando nossos estudos, compartilhando os conhecimentos das diferentes áreas, através do trabalho em equipe. Nesse, um vai auxiliando o outro naquela área, onde se apresenta certa insegurança ou dificuldade, tornando o trabalho mais leve e produtivo.

Esse desafio em trabalhar um currículo transdisciplinar não ocorre apenas por parte do(a) tutor(a), mas também do(a) educando(a) que inicia os estudos pela primeira vez na escola, tendo em vista que se faz necessário uma adaptação à metodologia da pedagogia de projeto, pois não é comum trabalhar assim nas demais escolas da nossa região. Para sanar esse desafio, o(a)s tutor(a)s e demais educadore(a)s, com muito cuidado, engajam esses educando(a)s para que se sintam parte integrante, atuante do meio e do seu processo educacional.

Nesse momento, laços são construídos e fortalecidos ainda mais entre todos que compõem a comunidade escolar. É isso que faz a escola ser vida, movimento, relação de pessoas e é nesse ambiente que criamos, fortalecemos e estreitamos laços entre os sujeitos que ali convivem e vão tecendo o currículo.

## MAS COMO DESENVOLVEMOS ESTAS RELAÇÕES NA ESCOLA?

Em nossa prática, essas relações são trabalhadas em um currículo fortalecido diante de uma postura de respeito e valorização dos conhecimentos que o(a)s educando(a)s trazem na bagagem, nos estudos de sua realidade, nos valores trabalhados, na cultura e na construção de identidades locais. Dessa forma, os vínculos entre educando(a), educador(a) e comunidade se estreitam e se fortalecem cada vez mais.

Entendemos que a escola é um espaço social, emancipatório e libertador, para isso, o currículo precisa ser compreendido como um trabalhado de forma integrada e processual, orgânico e sistêmico. Acreditamos que todos os sujeitos que pisam o chão da escola, precisam ser não apenas vistos, mas enxergados além do

externo, com um olhar aguçado, profundo, visto com o coração, considerando suas necessidades, anseios, serem acolhidos e respeitados em suas singularidades.

Como o currículo perpassa nos diversos núcleos de aprendizagens da escola?

Inicialmente, para compreendermos o trabalho pedagógico desenvolvido na escola é importante ressaltar que o(a) educando(a)s estão divididos em três núcleos de aprendizagem.

O Núcleo de Iniciação compreende o processo de inserção e sociabilização do(a) educando(a) no espaço escolar, apropriação dos instrumentos pedagógicos, eixos norteadores e valores, até seu processo de apropriação do sistema de escrita alfabética e dos conceitos elementares da matemática.

O Núcleo de Desenvolvimento compreende todo o processo de letramento, da oralidade, leitura, compreensão e produção na relação com as múltiplas linguagens, do desenvolvimento da autonomia e de pensamento mais organizado, bem como ao letramento matemático, das competências e habilidades relacionadas à aplicação da matemática em situações contextualizadas.

O Núcleo de Aprofundamento compreende a elaboração do pensamento mais complexo, na apropriação das diferentes lógicas de organização dos conhecimentos relacionados às diferentes áreas, bem como no amadurecimento da autonomia, no exercício dos valores e de uma atitude crítica diante dos estudos.

A proposta curricular e as situações de ensino para o Núcleo de Iniciação, desenvolvidas por meio da pedagogia de projetos, estão organizadas levando em consideração as atividades e experiências de aprendizagem, de acordo com os eixos estruturantes da interação e brincadeira.

No Núcleo de Desenvolvimento, a proposta curricular é desenvolvida também por meio da pedagogia de projetos, a partir de dois eixos pedagógicos: a autonomia e a prática da liberdade, que apontam para questões significativas e determinantes na mediação e orientação da proposta curricular, propondo na sua organização uma estrutura que se define por questões referenciais do contexto sociocultural do(a) educando(a).

A proposta curricular e as situações de ensino para o Núcleo

de Aprofundamento assume o objetivo de ampliar a capacidade de aprendizagem, utilizando variadas formas de aquisição do saber, de expressão, de linguagens e de compreensão do ambiente natural, social, político e cultural, que promova uma consciência crítica e ativa e expresse suas emoções, valores e ideias.

Dessa forma, o desenvolvimento do currículo transdisciplinar proposto na escola, nos diversos núcleos, favorece uma integração entre toda comunidade escolar, ao unir as curiosidades das crianças, as demandas apontadas por todos e às habilidades a serem alcançadas. Isso conduz a uma prática que faz sentido à vida e que se desdobra não só no contexto escolar, como também na melhoria do seu ambiente de vivência.

## OS CAMINHOS NA CONSTRUÇÃO DE UMA GESTÃO DEMOCRÁTICA

BÁRBARA EUSÉBIO DA SILVA  
DANIEL WAGNER ARAÚJO LUCENA  
EMILIANA MARIA ALEXANDRIA DAS NEVES  
GITÂNIA ELANINE NASCIMENTO ROCHA  
LEILA ROCHA SARMENTO COELHO  
MÁRIA DE FÁTIMA BARBOSA PEREIRA

*Escola é ...  
O lugar que se faz amigos.  
Não se trata só de prédios, salas, quadros,  
Programas, horários, conceitos...  
Escola é sobretudo, gente.  
Gente que trabalha, que estuda;  
Que alegre, se conhece, se estima.  
O Diretor é gente,  
O coordenador é gente,  
O professor é gente,  
O aluno é gente,  
Cada funcionário é gente.  
E a escola será cada vez melhor  
Na medida em que cada um se comporte*

*Essa vida chamada escola*

*Como colega, amigo, irmão.  
Nada de “ilha cercada de gente por todos os lados”  
Nada de conviver com as pessoas e depois,  
Descobrir que não tem amizade a ninguém.  
Nada de ser como tijolo que forma a parede,  
Indiferente, frio, só.  
Importante na escola não é só estudar, não é só trabalhar,  
É também criar laços de amizade,  
É criar ambiente de camaradagem,  
É conviver, é se “amarrar nela”!  
Ora é lógico...  
Numa escola assim vai ser fácil!  
Estudar, trabalhar, crescer,  
Fazer amigos, educar-se, ser feliz.  
É por aqui que podemos começar a melhorar o mundo.*

Paulo Freire

A escola é um espaço vivo composto por gente. Gente que se alegra, gente que se relaciona, que ri, que chora, que se faz gente no processo de interação com as demais pessoas. Lugar onde se aprende a se relacionar, a viver em grupo, a saber dar e receber, a estabelecer limites, fortalecer os ideais e os vínculos e ainda, construir convivência.

A escola é lugar de gente, gente essa que pensa, planeja e faz acontecer. A escola é o lugar propício para que o indivíduo se desenvolva em todos os aspectos, no cognitivo, no afetivo, no cultural, social e em todos os outros aspectos. É através da escola que os sujeitos têm a oportunidade de ampliar seus conhecimentos acerca dos diversos temas que circulam no mundo e aprende a ser cidadão desse mundo.

Quando Paulo Freire diz que 'na escola todo mundo é gente', nós pensamos na vida que pulula dentro da escola, na efervescência dos movimentos gerados nas/pelas interrelações. A escola que faz sentido na vida de todo(a)s precisa olhar para esses movimentos e potencializá-los, por meio de uma escuta atenta e de uma participação efetiva no cotidiano para a construção das identidades. Isso é formar para a cidadania.

Quando iniciamos a escola, sempre quisemos fazer dela uma nova escola, onde de fato, todos fossem construtores dela. Daí,

passamos a nos questionar: a escola valoriza os diferentes saberes nos processos educativos? A escola educa com e para os valores humanos e para as várias dimensões da pessoa? A escola se constitui em espaço de vivências democráticas e participativas? É a escola um espaço de transformação social?

Para o desenvolvimento de uma proposta educativa que leve em consideração todos esses princípios, subjaz uma educação coletiva, construída com os sujeitos que dela fazem parte. Um trabalho com as pessoas e não para as pessoas, como sugeria por Paulo Freire.

Pensar em uma gestão democrática dentro da escola é também definir o tipo de sociedade que se quer fortalecer, de cidadão que se quer ajudar a formar. Por meio da educação reproduzimos saberes ou construímos conhecimentos. Ao definirmos qual caminho queremos para a escola, definiremos nossas práticas, metodologia, currículo e gestão, que fortaleça a concepção de sujeito, de cidadão e sociedade.

Essa busca de uma construção coletiva dentro da escola gera um movimento dialético de ação-reflexão-ação, que ocorre em todas as esferas (na metodologia, no ambiente, no currículo, na gestão e articulação com outros agentes educativos). Os instrumentos constituídos para implementação da gestão democrática são potencializadores desse movimento dialético. São eles os veículos que trazem as problematizações para nos debruçarmos sobre e a partir delas buscar aprofundamentos, reflexões e resoluções na constituição de um constante processo de melhoramento de nossas práticas educativas.

Percebíamos que para a implementação de uma gestão democrática na escola era necessário que houvesse uma prática dialógica entre os sujeitos envolvidos no processo e que atravessasse todo o processo educativo. A construção de uma gestão democrática trazia em seu bojo vários desdobramentos, tais como a construção do sentimento de pertencimento, de apropriação da escola como sua, onde a partir desse sentimento fosse surgindo o amor e zelo pela escola. Esse sentimento de pertencimento, do cuidado, do zelo, passa necessariamente pelos valores do respeito e da solidariedade e, principalmente, por uma relação de amorosidade.

Um outro valor que queríamos era de nos reconhecermos no outro, nos percebermos como semelhantes na diversidade, nem mais, nem menos, nem maior, nem menor; diferentes, mas feitos do mesmo “barro”. Se colocar no lugar do outro é um grande desafio, sempre tentamos buscar formações para trabalhar conosco e com todos da escola a empatia. Precisamos dialogar com o outro, percebendo suas ações e sentimentos, fortalecer a empatia, pois como diz Paulo Freire “Como posso dialogar, se alieno a ignorância, isto é, se a vejo sempre no outro, nunca em mim?” (FREIRE, 2005, p. 92). E acrescenta: “Como posso dialogar, se me admiro como um homem diferente, virtuoso por herança, diante dos outros, mero “isto”, em quem não reconheço outros eu?”.

Ainda víamos uma gestão democrática como forma de estreitar as relações, os vínculos afetivos, onde promovêssemos um ambiente no qual o outro é acolhido de forma humana em um processo de escuta, entendendo sua particularidade, compreendendo que cada um é único e traz consigo uma história de vida, que influencia e contribui no crescimento e existência humana no mundo. A relação existente entre todos e nos diversos segmentos que envolvem nossa escola faz com que os laços sejam fortalecidos diariamente na construção de uma vivência harmônica e fraternal. Nesse sentido, possibilitamos a compreensão das diversas situações que surgem no dia a dia e de forma humana buscamos ajudar esses sujeitos a se encontrarem consigo e aceitar o outro com suas diferenças.

Um outro valor que buscávamos evidenciar em nossas práticas por meio da gestão democrática era a amorosidade, uma vez que esse é o valor básico da humanidade que permeia as relações no convívio familiar e social. De acordo com Freire (2005, p. 91/92): “Não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há amor que a infunde”. Isto é, não há diálogo se não houver amor por e entre os homens.

Segundo Brandão (2005, p.33), falar de amor é “falar de preceitos, de gestos e de atos que tornem a vida uma experiência de crescente e generosa solidariedade. Que vocacionem a educação a uma aventura dirigida ao diálogo”. Ou seja, a educação é, antes de tudo, um ato de amor, para conosco, pois ao ensinar,

estamos aprendendo, como também para o outro, ao doar parte do que aprendemos, numa partilha recíproca. Nessa perspectiva, Brandão (2005, p.47) acrescenta que “se o afeto do amor que se vive também se aprende a viver, um dos seus lugares é a educação que se comparte na escola”.

As relações no ambiente escolar devem ser fundamentadas no respeito mútuo entre as pessoas, a partir da difusão e transmissão contínua da importância de se respeitar a opinião do outro. Além disso, de cumprir com os acordos de boa convivência constituídos por todo(a)s, bem como buscar a defesa permanente dos recursos naturais e as condições satisfatórias do meio em que se está inserido, num processo de conscientização e de diálogo transversal.

Ainda de fundamental importância, queríamos fortalecer o valor da responsabilidade, como algo primordial para a efetivação de um trabalho sério. Todo(a)s precisam ser responsáveis com suas atribuições, tomando conta e dando conta de suas atividades. Contamos com a responsabilidade de cada um, para que o nosso trabalho seja desenvolvido de maneira ética e respeitosa com os indivíduos.

Com a clareza do que queríamos alcançar com a implantação de uma gestão democrática, só nos restava — mãos à obra. Passamos a constituir instrumentos que promovesse esses espaços de construção colaborativa.

Passamos a instituir as assembleias gerais; nelas, todo(a)s se reúnem (docentes, discentes, funcionários, pais e comitê gestor), sempre que surge a necessidade de avaliar a relação ensino-aprendizagem, tomar decisões e construir combinados, metas e estratégias.

Pensamos no “parabenizo, critico e proponho” como um instrumento que muito nos auxilia por uma educação como prática da liberdade. Passamos, então, a utilizá-lo entre todo(a)s: docentes, discentes, pais e demais funcionários. Para os docentes e demais funcionários, é utilizado mensalmente no conselho de classe, onde se avalia as ações e relações escolares inerentes à prática e ao comportamento docente e dos demais funcionários. Para os discentes, utilizamos quinzenalmente rodas com o objetivo de avaliar as ações e comportamentos na escola. Muito

do que se registra se transforma em pauta para as reuniões de colegiado estudantil. Para os pais, esse instrumento é utilizado nas assembleias gerais, realizadas semestralmente, com o objetivo de avaliar a escola como um todo.

Na busca de saber sua importância perguntou-se aos pais, educandos, funcionários e educadores, sobre a percepção que tem desse instrumento na Escola.

Para os pais, o “parabenizo, critico e proponho” é visto como um instrumento de avaliação, onde se tem a liberdade de falar, de cobrar e, sobretudo, de interação: “Você é cobrado e, ao mesmo tempo, você pode cobrar. Vocês dão esse espaço para gente”. Para os educandos é um momento muito importante porque é o momento em que se fala o que quer sobre a escola e que se pode propor: “É um momento que a gente vê que tem o direito de falar, de interagir com as coisas da escola”. Para os educadores e funcionários se constitui como um momento de construção dialógica: “É um instrumento de dialogar também, de debate, de conversa, isso é muito importante”.

Os comitês estudantis foram criados com o objetivo de movimentar os educandos a assumir uma função no processo pedagógico, com atividades que promovessem a integração entre si, como também entre eles e a escola, propiciando autonomia, gerando posicionamento crítico e melhorando a autoestima. Um trabalho educativo que agregasse ao cotidiano escolar a promoção do desenvolvimento cognitivo, psicossocial e humanístico.

No início do ano letivo, em assembleia geral, os alunos elencam quais comitês gostariam de criar e, por afinidade, escolhem um para se integrar. Em seguida, já nos seus respectivos comitês, constroem um plano de ação para ser desenvolvido naquele ano letivo, constando o objetivo do comitê, o que planejam fazer nele, como e quando. Embora esse processo de constituição dos comitês sejam livres, existem comitês que tem se tornado recorrentes nesses anos, como os comitês de Recepção, Cultura, Eventos, Economia Solidária, Esportes e Mediação de Conflitos.

Eles se constituem como um instrumento de fundamental importância no fortalecimento da proposta educativa, que se evidencia pela fala dos educandos ao descreverem sobre eles: “A

gente mesmo, da cultura, é responsável para organizar peças, danças para as datas comemorativas”; “Nós, do comitê de solidariedade, fiscalizamos se os alunos não desperdiçam o lanche; pregamos, também, os cartazes que ficam caindo das paredes”; - “Nós, de notícias, procuramos saber o que tá acontecendo na escola, o que estão fazendo os outros comitês, aí publicamos no jornal e colocamos no mural”.

O colegiado estudantil é formado por um representante de cada comitê, escolhido pelo grupo. Alternam suas reuniões com as dos comitês. Assim, duas vezes ao mês, se reúnem no pátio da escola, juntamente com os demais educandos, com a finalidade de acompanhar o processo de aprendizagem, os resultados da avaliação escolar, de discutir os fatos e acontecimentos, promover o zelo por todos e da estrutura física do espaço, mobiliário e equipamentos e decidir sobre o que deve ser levado para o conselho escolar.

O colegiado torna-se um grande instrumento na efetivação de relações de compromisso, parceria e corresponsabilidade no espaço escolar, com vistas à melhoria da qualidade social da educação. Se configura como um espaço amplo de fala e de escuta importante para os educandos: “Você vai discutir com todo mundo o que tá bom e o que precisa melhorar”; - “Teve um professor que foi muito criticado essa semana. E aí a gente discutiu quem é que ia falar na frente, no colegiado, e aí a gente decidiu que todos iam, porque todo mundo concordou com o que estava sendo criticado”.

Os grupos de responsabilidade são constituídos no início de cada ano letivo, por livre escolha dos educandos para a formação de pequenos grupos, que auxiliam no dia a dia da escola, quanto à organização e limpeza do ambiente, empréstimos de livros, material escolar (lápiz, cola, papel, tesoura...), dos instrumentos utilizados durante as pesquisas como notebook e tablets, empréstimos dos jogos e materiais esportivos, além do auxílio no lanche.

Esses grupos se configuram como elementos importante na construção dos valores referenciados pela proposta pedagógica da escola, que extrapolam suas fronteiras e se estendem para a vida.

O conselho escolar foi constituído desde o primeiro ano da

escola. É formado por representantes: de pais; de educadores de cada núcleo de aprendizagem; de funcionários; do colegiado estudantil; e do comitê gestor. Os membros do conselho são escolhidos na primeira assembleia geral, no início de cada ano letivo, com um mandato de dois anos. O conselho se reúne nos segundos sábados de cada mês.

É nele que se discute todo o andamento da escola, os fatos e acontecimentos. Após isso, se tomam as decisões de refletir sobre o processo educacional e sua dinâmica de funcionamento, bem como campanhas de arrecadação de recursos para manutenção da escola. Também analisamos o desenvolvimento do processo educativo e o alcance das metas e propostas educacionais, bem como diagnosticamos os fatores que afetam o processo ensino-aprendizagem, o ambiente de trabalho, as relações interpessoais. Por fim, propormos estratégias para resolver os problemas diagnosticados.

É um instrumento de grande importância para a busca de uma construção coletiva, como pode ser percebido pela fala de seus sujeitos: - “Acho importante porque é o balanço do que se está conseguindo acertar ou errar” (Cozinheira); - “O objetivo do conselho é esse, é a gente falar, porque se a gente ficar guardando, guardando, faz até mal e com esses conselhos a gente pode participar ativamente” (Auxiliar de serviços gerais); - “Acho importante, porque ali a gente vai ver os problemas da escola, as necessidades. É bom porque não envolve somente os problemas da sala, mas envolve tudo” (Educanda); - “É o momento em que o aluno tem sua vez de falar, o pai tem sua vez, a gente, a escola” (Educadora); - “É uma forma de melhorar as ações que vem sendo trabalhada e os acontecimentos que vão surgindo aqui, no dia a dia, porque, às vezes, para discutir uma coisa numa assembleia com muita gente, fica ruim discutir. Então se tem todos os representantes que participa do conselho ativamente, então é uma coisa positiva, porque não é só você que vai decidir, mas é todo o grupo que faz parte do conselho” (Mãe).

O conselho escolar tem sido um instrumento de grande valor na escola por sua integração com todos os participantes dela, pelo momento de interação entre seus sujeitos, pelo sentimento de pertencimento gerado, pela autonomia desenvolvida, bem como

pela identidade da escola delineada.

O conselho de classe, também criado desde o início da escola, é constituído pelos educadores e comitê gestor e se reúnem também nos segundos sábados de cada mês.

É da competência do conselho de classe avaliar o processo ensino-aprendizagem desenvolvido pela escola e a proposição de ações para a sua melhoria, bem como a análise da prática docente, no que se refere à metodologia, ao currículo e à totalidade das atividades pedagógicas realizadas. É um instrumento relevante, como pode ser percebido pelas falas de alguns educadores: -“E nesse momento a gente não só coloca as dificuldades, mas também é um momento que a gente pode sugerir coisas para melhorar em cima desses pontos negativos, por isso que é importante” (Membro do comitê gestor); - “Também é um momento de estar interagindo nos núcleos, porque trabalhamos em turnos diferentes, então esse momento é uma ocasião em que estamos todos juntos, discutindo, para dar uma proposta” (Educadora).

Pensar em uma gestão democrática na escola a primeira coisa necessária é a institucionalização dos instrumentos que permitem a escuta de todos os seus sujeitos. Esse é um passo importante, mas, o funcionamento orgânico e sistêmico entre eles é um grande desafio.

Diante de tantos instrumentos constituídos um grande desafio tem sido a clareza das competências de cada órgão colegiado e de nossa função dentro deles. Por vezes, acabamos misturando as competências desses órgãos, nossa função neles e a contribuição de cada órgão desse para uma gestão democrática. Por vezes, geramos escolhas insatisfatórias ou inferências por uma relação de poder ou mesmo tomamos decisões que acabam não sendo cumpridas e recorrentes nesses órgãos. Mas, isso faz parte de todos os processos democráticos.

Uma gestão democrática pode nos levar ao pensamento de que todos podem fazer o que quiser e na hora que quiser. Um dos grandes desafios é o equilíbrio nas horas de decisão, para não se eleger aquilo que é conveniente para apenas um grupo, que acaba persuadindo a maioria e votando por afinidades. Pensar numa escolha que seja o melhor para o funcionamento da escola como

um todo, orgânico e sistêmico e não em interesses grupais é um enorme desafio nesse tipo de gestão.

Outros desafios são: a tomada de consciência por parte dos envolvidos em compreender o seu papel dentro da organização e que esse papel não é o único tomador de decisões, mas sim um papel coletivo, em que se deve levar em conta os múltiplos olhares para a mesma situação, antes de se tomar qualquer decisão; é saber o limite entre sua autonomia dentro do lugar que ocupa na escola e o compartilhamento de decisões em um órgão colegiado. Saber até onde vai sua autonomia de fazer escolhas, tomar decisões pelo cargo ou função exercida, sem, contudo transformá-la em relação de poder e o que precisa ser partilhado e decidido em colegiado, seja como educador, funcionário, educando, pais, coordenador/orientador pedagógico, vice-diretor ou diretor.

Equilibrar a funcionalidade dos instrumentos dentro da rotina da escola, fazer como que todos tenham uma visão orgânica e sistêmica das decisões tomadas com os instrumentos é desafiador.

Esse processo cria além dessa consciência coletiva, um autoconhecimento por parte dos agentes que compõem a escola em compreender seu papel e sentir-se parte da comunidade, Isso se dá por uma transformação em seu modo de ser e agir durante os anos que atuam na escola, diante dos acontecimentos e das tomadas de decisões. Um exemplo nítido, é quando as crianças/pais/tutores/funcionários passam ao longo de um tempo a expor mais suas ideias, sentimentos e decisões no colegiado e assembleias.

Buscar desenvolver uma comunicação não violenta, já que nós nos constituímos na/pela linguagem é muito importante em todos os espaços coletivos. Compreendemos com Freire que todo processo de transformação ocorre pelo diálogo. Daí então, passamos a buscar o diálogo como fundamento de nosso fazer educativo, como seta do caminho para se alcançar o propósito educativo almejado. Nessa perspectiva, ficava clara a necessidade de implantar uma gestão cujo diálogo flua naturalmente e onde as pessoas possam falar o que está bom na escola, o que não está e propor alternativas de transformação, por meio de uma comunicação não violenta e sem reflexo de uma relação de poder hierárquico.

O diálogo é um meio capaz de estreitar os laços, é através dele que buscamos ouvir e entender o outro. Tudo se resolve com o diálogo; a partir dele, vamos desmanchando possíveis arestas que podem surgir e impedir o crescimento do grupo.

Buscamos formar uma escola unificada, onde todos tem vez e voz, tentamos ver o outro em sua singularidade e assim vamos atrelando as diversas características de todos, fortalecendo os vínculos e usando os dons de cada um em favor dessa grande roda que a escola se transforma. Porém, para isso ocorrer, se faz necessário o trabalho em equipe, onde todos os agentes dessa gestão estejam aliados com o pensamento organizacional — as ideias que movem o ideal da escola.

Esse processo coletivo também se desdobra em um processo individual. Ao se constituir em um exercício diário dentro da escola, essa vivência acaba se incorporando em nossa vida, não só como profissional, mas como indivíduo. Esse movimento é de muita riqueza. Esse hábito de parar para refletir sobre algo, de pensar antes de agir, acabamos trazendo para nossa vida.

Somos parte integrante desse todo chamado universo, numa vivência íntima com tudo o que nos circunda. A evolução ou involução de nossa espécie está diretamente ligada à maneira como convivemos em harmonia, com a capacidade de diálogo nas relações intra, inter e trans relacionais. Está, sobretudo, relacionada à nossa capacidade de se emocionar, de sair de si, de olhar em todas as direções, de responsabilidade, de respeito e de cuidado como atitude fundamental. Enfim, está relacionada à nossa capacidade de acolher o outro e de perceber que eu estou no outro e o outro está em mim, assim como partes integradas e integradoras desse imenso universo.

## COMO SINTO MINHA ESCOLA: RELATOS DE VIVÊNCIAS DE EDUCANDOS E EDUCANDAS

### ESCOLA NOSSA SENHORA DO CARMO

*A escola é algo transformador  
Que sempre nos ajuda  
Com muito amor  
Todos os funcionários têm muito o que ensinar  
Não sobre escola, mas coisas que podem te emocionar  
Lá tem tudo o que há de bom  
Muito carinho e dom  
Muitos amigos concordam comigo  
A escola é como o colo de um amigo  
A escola é muito mais do que amor  
Fique sabendo ela nunca trará rancor*

Alana Mari de Azevedo Gomes  
(Educanda no Núcleo de Desenvolvimento)

### MEU DIA A DIA NA ESCOLA

Hoje eu vou contar sobre o meu dia a dia na Escola Nossa Senhora do Carmo. É bem legal, porque todos os tutores são bem

legais e claro a escola toda.

Bom, vamos continuar. Quando eu chego lá vou loguinho para o espaço e lá faço o meu plano do dia e as atividades do roteiro. Depois que eu e meus colegas terminamos tudo, a gente vai brincar no parquinho da escola e quando o sinal toca a gente volta para o espaço e faz a roda para dizer o que aprendeu no dia. Depois cada um tem um dia para limpar o espaço, deixar ele limpo como a gente encontrou.

Quando terminamos de organizar o espaço, vamos para o pátio esperar o carro para ir para casa. Bem, minha história termina por aqui. Até mais gente!!!

REGYANE ANDRADE SANTOS  
(Educanda do Núcleo de Desenvolvimento)

---

Quando entrei na escola do Carmelo percebi que a escola era muito boa, fiz muitos amigos e conheci vários diretores e professoras, também conheci a história da escola e foi bem legal! Depois de um tempo estudando e aprendendo um pouco mais sobre a escola conheci a professora Leila que foi uma pessoa que ajudou na construção da escola, também conheci o coordenador Daniel e estudei com as professoras Aline, Jeorgeana, Karla e Joana, obrigada as minhas professoras, eu conquistei vários amigos.

O pátio da nossa escola é bem grande, lá é o melhor lugar do mundo.

Tivemos muito momentos maravilhosos na escola: um deles foi a visita na casa da professora Aline, onde vimos como as abelhas fazem mel e aprendemos muito sobre a vida das abelhas, passeamos de pônei, brincamos no balanço e foi muito legal; também tivemos um passeio no lixão da cidade de Bananeiras, lá aprendemos que precisamos jogar o lixo no lugar certo para cuidar do ambiente porque se não cuidarmos do meio ambiente o mundo vai morrer e ninguém quer que o mundo morra porque se isso acontecer todos vamos morrer.

Tivemos também o campeonato de futebol com a professora

Jeorgeana foi muito bom.

A professora Karla também nos levou para aprender como é feita a produção de banana, aprendemos que devemos nos alimentar bem. Também tivemos um piquenique com a professora Karla na gruta da Luzia, onde a família também participou, onde teve muitas comidas gostosas, meus amigos e meu irmão estavam presentes e brincamos muito na piscina.

Neste ano estamos em um momento diferente, temos muitos encontros online, mas estamos aprendendo muitas coisas como enfrentar o preconceito e o racismo cultural. Este ano de estudo está sendo bom e difícil porque não estou acostumado com essa nova forma de estudo. Mas, espero que essa pandemia passe logo para poder voltar à escola. A escola do Carmelo me ajuda a aprender muito sobre as coisas da vida.

Um abraço e um beijo em todos meus professores e amigos,

SÉRGIO ADRIANO MARTINS DO NASCIMENTO  
FILHO  
(Educando do Núcleo de Desenvolvimento)

---

Bananeiras, 02 de novembro de 2020

Olá amiga escola, tudo bem? Como você está?

Hoje, fizemos um encontro virtual eu (Marianne), Klébia Vitória e Rhaynara para matar um pouco a saudade que estava sufocando nossas vidas nessa pandemia. Relembramos momentos passados, onde as velhas risadas, brincadeiras, birras e descobertas faziam parte do nosso dia a dia, que saudade amiga! Lembramos o quanto você é importante para nossas vidas, uma amiga que sempre nos ensinou que podemos ir além dos livros, da simples pesquisa na internet, do olhar único e que sempre nos impulsionou a insistir, persistir e nunca desistir. Amiga que nos faz acreditar que somos capazes, que nossa opinião é importante, que precisamos aprender a ouvir, mas que também podemos falar o que pensamos ou acreditamos. Tudo que nós quatro passamos juntas foi importante e chegamos à conclusão que todo aprendizado construído durante os anos que estamos juntas, tem

nos ajudado bastante em meio ao momento em que a Covid-19 nos tirou de cena e nos prendeu dentro de casa. Enfim, não sei por quanto tempo ainda vamos passar distantes umas das outras, porém sei que muito em breve sentiremos juntas para colocar nossos assuntos em dia e refletir sobre todo esse momento em que a distância tem nos mostrando o quanto é bom ter amigos de verdade e poder contar com eles mesmo que distante. Te mandamos, mesmo que de forma virtual, um forte abraço e saiba que te amamos muito.

Das amigas de sempre para a eterna amiga ENSC,

(Educandas do Núcleo de Aprofundamento)

---

Me chamo Marianne, tenho 12 anos, estudo na ENSC há 9 anos. Acompanhei todos os processos de transformação do início, até os dias atuais, porém, nada se compara a esse ano que estamos vivendo onde o Coronavírus me afastou dos amigos e professores que me acompanhavam sempre. Estou com tanta saudade! A escola é muito importante para mim, pois foi lá, que eu entendi o verdadeiro significado da amizade.

(Tutoranda do Núcleo de Aprofundamento)

---

Eu, Moisés Cardoso Estevam da Silva, com 4 anos entrei na Escola Nossa Senhora do Carmo não tinha entrado em nenhuma creche e nenhuma outra escola. Minha mãe me colocou no Carmelo, ia de 12 horas e voltava de 17 horas, o tempo se passou, eu já tenho 9 anos e continuo na escola. Em 2020 passei a estudar no turno da manhã, vou para escola de 6 horas e volto ao 12 horas. Gosto muito de estudar nessa escola, pois ela a tem um tipo de metodologia diferente das outras escolas. Na Escola Nossa Senhora do Carmo não tem provas, ela tem tutorias. A tutoria é quando uma tutora ou um tutor se junta com o tutorando e pergunta sobre o que ele estudou naquele roteiro e o que

aprendeu, podemos também escolher o que estudar, aí você me pergunta: como assim escolher o que estudar? É fácil de te explicar: a sala toda se reúne para decidir o que estudar, um aluno dá uma opinião e se a turma concordar vai ser esse roteiro que vai ser estudado e depois fazemos a tutoria. A escola tem horários bem definidos: no turno da manhã os educandos começam a chegar às 6:30hs, às 7:00hs dão início às atividades, às 9:00hs e feito uma pausa para o lanche e recreio, às 10:00hs retomam as atividades e às 12:00 todos retornam para suas casas. Cada sala tem nomes, não números exemplo: espaço Paulo Afonso, Tereza D'Ávila, etc. Também na escola tem locais para brincar ao ar livre.

A metodologia da escola contribui para educação cidadã, uma vez que somos estimulados a tomar decisões e a assumir responsabilidades. Tenho orgulho de estudar em uma escola com a metodologia inovadora e transformadora que tem como principal objetivo a formação como seres de transformação social. Nós somos estimulados a ser mais para melhor servir.

(Educando do Núcleo de Desenvolvimento)

---

Me chamo Klébia Vitória, estudo na escola há 8 anos, tive e tenho orgulho de ser uma tutoranda da Escola Nossa Senhora do Carmo. Essa escola faz parte de quem eu sou, porque toda vez que eu entro nela, posso sonhar alto, aprender cada dia mais com os meus erros, me expressar, expor minha opinião, correr atrás dos meus desejos e sonhos. Que saudades das risadas, brincadeiras, dos tutores e tutorandos, mas quando tudo isso passar, irei finalmente matar a saudade, sinceramente espero que em breve.

(Educanda do Núcleo de Aprofundamento)

---

Somos alunas da Escola Nossa Senhora do Carmo há 10 anos e é uma escola onde, nós como alunos, temos oportunidades de

estudar o que a gente quer.

Onde nós não só aprendemos matérias, mas sim valores que vamos levar para a vida. E temos a oportunidade de participar do projeto da escola dos sonhos onde alunos, professores e pais também pensam juntos, uma relação de escola e família. Não é só uma escola, mas sim uma segunda casa, nós não temos uma relação de aluno e professor, gestão e aluno, mas sim como amigas, como família.

RAFAELLY OLIVEIRA DE MEDEIROS  
MARIA ALICE CHAVES DE LIMA  
(Educandas do Núcleo de Aprofundamento)

---

Olá, viemos falar sobre nossa escola. Ela tem uma metodologia diferente e eficiente, onde temos o plano do dia, tutoria, mediação, comitê, oficinas, colegiado e avaliação do dia. Algo legal da nossa escola é que podemos estudar o que quisermos e onde quisermos. As oficinas foram muito importantes no momento de pandemia, pois foi uma forma de nos aproximarmos das pessoas e aprender coisas novas. O colegiado é quando toda a escola se reúne para falar sobre o que está bom, ruim e propor sugestões para o que não estiver bom, melhorar. Um método muito bom é a tutoria, pois é oral e achamos que é muito mais fácil para explicar e o tutor entender. O plano do dia é eficaz para organizar seus horários dentro e fora da escola. Adoramos o projeto da Escola dos Sonhos e estamos muito felizes e ansiosas para ver o resultado.

Beijos,

ALICE RAMIRO E LÍVIA GOMES  
(Educanda no Núcleo de Aprofundamento)

---

A Escola Nossa Senhora do Carmo é diferenciada na sua metodologia. Aprendemos a partir do que queremos e os tutores

nos acompanham através das atividades desenvolvidas nos roteiros. Aprendemos a respeitar o espaço do outro e a partir dos estudos desenvolvidos com projetos, entrevistas, visitas, pesquisas em livros, leituras e escrita. Com a conclusão da culminância do que estudamos e aprendemos no projeto. Nossos pais participam das nossas atividades realizadas, trabalhando assim o conceito de família, resgatando os costumes e sentimentos.

LEYLA CARLA COSTA DA SILVA  
(Educanda do Núcleo de Aprofundamento)  
Maria Elizabete M. de Oliveira Souza  
(Mãe)

---

Meu apelido é Manu, eu tenho nove anos, meu nome completo é Maria Manuela de Souza Santos e eu gosto muito da minha escola. O nome dela é Nossa Senhora do Carmo, lá é muito legal, muito mesmo. Estudo nela desde que eu era muito pequenininha. Não tem prova, tem tutoria, onde a professora pergunta o que você aprendeu. É muito fácil fazer isso. Não leva lancheira; a gente come lá e o lanche é natural e não frituras. Não tem cadeira separada; é tudo junto. Tem comitês, oficinas, tem meus amigos, professores que ensinam muito. Vamos dizer que comitês e oficinas são um tipo de entretenimento para a criança aprender muito e também desejar ficar. Tem comitê de várias coisas na escola e, às vezes, tem comitês para ajudar a escola, como exemplo, o comitê do grupo de conflitos. Ele é igual quando um grupo de alunos se reúne e quando tem uma criança que fez alguma coisa que não foi legal aí o comitê de conflito se reúne e vai lá conversar pegar a criança para conversar, não pegar sabe, pegar pela mão e levar para conversar e as oficinas servem para as crianças se entreter, gosto muito da minha escola. Minha escola é muito diferente das outras escolas. Os professores são muito legais, eu gosto porque eles não são, tipo, bravos, nem obriga a pessoa a fazer. Eles só querem que a pessoa aprenda e desenvolva da melhor forma. A gente aprende coisas e tem que interagir com ela, vamos supor: um dia a gente estudou sobre plantas e aí a gente

foi no jardim e conheceu vários tipos de flores, a gente faz muitas excursões para interagir. Quando fui estudar na escola, aprendi muito, na sala de tia Dani, a minha professora quando tinha cinco anos, foi quando aprendi a ler e muitas outras coisas, como quem criou o rádio, as tarefas que a gente fazia parecia de primeiro ano, mas era de jardim, por isso, como a escola ensina muito bem, passei de ano em junho, alguns colegas também.

MARIA EMANUELLA DE SOUZA SANTOS  
(Educanda do Núcleo de Desenvolvimento)

---

Me chamo Marcella Barros, estudo na Escola Nossa Senhora do Carmo mais de 3 anos. O Carmelo é um escola que todos devem respeitar, porque os professores tratam seus alunos como fossem filhos. A escola mostra carinho aos seus educandos e a metodologia de ensino é maravilhosa porque nela aprendemos coisas que em nenhuma escola aprendemos, por exemplo, lá eu aprendi como cuidar do nosso planeta, aprendi sobre a nossa sociedade, aprendi sobre advocacia, entre outros. Na escola aprendemos a conviver com qualquer tipo de situação, aprendemos a trabalhar em equipe, aprendemos a debater com os outros, aprendemos a resolver pontos que não tinha como resolver. Aprendemos tantas coisas que se estivéssemos em outra escola não teríamos aprendido tanto, na escola aprendemos a mexer na internet, na escola temos o livre arbítrio para estudar o que queremos. A gente tem professores toda hora que estão à disposição para nos ajudar em qualquer matéria, a gente tem uma direção que está à disposição para ajudar os tutorandos em qualquer momento. Sempre que precisamos eles estão ali para conversar conosco, na escola nos acolhe todos os dias as pessoas são atenciosas, os professores são atenciosos, tudo que fazem é com carinho para nos ajudar. A escola está sempre à disposição, em qualquer momento podemos contar com eles. A Escola Nossa Senhora do Carmo é uma escola de respeito, uma escola que quando vamos visitar a gente percebe o carinho dos alunos, dos tutorandos. A Escola Nossa Senhora do Carmo me ensinou

muitas coisas e hoje eu tenho que agradecer a cada pessoa quem faz parte do projeto Escola Nossa Senhora do Carmo por tudo que eles me ensinaram até hoje. Muito e muito obrigada.

(Educanda do Núcleo de Aprofundamento)

---

Ah!!! O que falar dessa escola. Se eu fosse falar tudo, passaria dias, meses ou até mesmo anos.

Mas, vamos lá. Quando cheguei nela pela primeira vez, soube que ali seria meu lugar, um lugar onde me acolheram de uma maneira que me senti em casa. Quando comecei os estudos, achei estranho porque nela tudo era diferente das outras escolas, mas, depois, chegou perto de mim uma tutora e me ensinou tudo com um amor, uma paciência que parecia que o tempo não passava.

Todos que estão nesta escola são pessoas incríveis, amorosas, dedicada e acima de tudo batalhadoras.

Ah!!! Tia Leila sempre está fazendo de tudo por nós e por nossa escola. O que eu tenho a dizer a todos que lerão este livro é que, quando você pensar no melhor lugar do mundo, pense na Escola Nossa Senhora do Carmo.

Meu muito obrigada por poder fazer parte dessa história.  
Amo vocês.

JAMILLY COSME SANTANA  
(Educanda do Núcleo de Aprofundamento)

## A ESCOLA COMO PARTE INTEGRANTE DA FAMÍLIA: RELATO DA VIVÊNCIA DE PAIS E MÃES

A Escola Nossa Senhora do Carmo tem um grande valor para mim, através dela eu pude me reerguer como pessoa humana, pois venci muitos desafios na vida, inclusive o de ser mãe solteira, principalmente, na sociedade de hoje em dia. Agradeço a toda escola pelo apoio que recebi. Que Deus pague grandemente a todos que fazem a Escola Nossa Senhora do Carmo

MARIA DE LOURDES ALVES SE ALEXANDRIA

---

Conheci a Escola Nossa Senhora do Carmo em 2010, quando deixei meu filho Luan Renner, com 3 anos de idade, desde de então passei a conhecer melhor a escola. Todas as metodologias e competência dos tutores, carinho amor e dedicação. Isso compõe a escola onde há 10 anos meu filho continua na mesma, concluindo em 2021. Orgulho para nós como pais em ver tanta competência da escola, sem repetição de ano. Nossa escola é

diferente, aconchegante onde o bem maior é a família!  
Gratidão!!

MILENA LUCIANO

---

ENSC

*Escola que acolhe  
descobre, realça,  
estimula o que é nato.  
Revela dons,  
remove fardos.*

*Escola buscadora,  
criadora de infinitas possibilidades.  
Respeita os ciclos da vida,  
brinca e equilibra.*

*Escola que inspira!  
Pois se inspira  
na natureza para ensinar,  
onde há fraternidade  
e a esperança é guia.*

*Escola cultivadora de pessoas e sonhos,  
produtora dos novos tempos.  
Lança boas sementes,  
cuida dos rebentos  
sem medo de fortes ventos.*

*Escola audaciosa,  
encara a tempestade.  
Amorosamente em movimento,  
cresce junto da comunidade,  
transforma-se a todo momento.*

LUÍZA E LAURA ZAFALAN  
(Mãe e Educanda do Núcleo de Desenvolvimento)

Minha experiência começou no ano de 2016 com o chamado para meu filho fazer parte do corpo discente da escola. Lembro que foi um momento feliz, pois sempre desejei muito que meu filho fizesse parte da escola por ser estudante de pedagogia sempre ouvi falar muito bem da escola através dos meus professores da Universidade Federal da Paraíba que sempre apoiou o trabalho da Escola do Carmelo.

Lembro que na primeira reunião todos os pais fomos recebidos pela professora Leila Rocha, diretora da escola, que explicou a dinâmica da escola e o novo jeito de ensinar adotado pela equipe.

Confesso que demorei um pouco para entender melhor o funcionamento da escola, a vivência do dia a dia que esclarece o processo pedagógico da escola.

Hoje, me sinto muito feliz porque tenho certeza que fiz a melhor escolha para meu filho. Sempre percebi que todos os momentos proporcionados pela escola ajudam a construir uma aprendizagem significativa.

A aprendizagem por meio da vivência do meio é muito importante. Meu filho, ele pode até esquecer os conceitos, mas sabe explicar os processos de aprendizagem que aprendeu. Isso mostra que ele realmente aprende e não fica só decorando termos e conceitos. Eu fico muito feliz em ouvir do meu filho o aprendizado do dia.

Desde de 2017 meu filho faz parte da escola do Carmelo, estamos em 2020 já são quatro anos de estudo e convivência na escola, já nos sentimos parte da escola e sentimos como uma grande família.

O relacionamento com escola sempre foi muito harmonioso. Quando preciso, a escola nos chama e dialogamos para resolver algumas dificuldades, o que é muito bom essa proximidade com a escola.

Nessa pandemia surgiu muitos desafios, mas também nos mostrou muitas coisas boas. Na minha casa conseguimos estabelecer uma rotina de estudo, graças ao apoio recebido pela Escola do Carmo, aqui agradeço imensamente pela paciência e insistência da tutora Joana Darc que nesse ano foi o grande

alicerce para a construção dos estudos.

Eu, Valdilene Soares, mãe de Sérgio Filho só ratifico que nossa família tomou a melhor escolha em buscar a Escola do Carmelo para meu filho estudar e agradeço a oportunidade recebida por essa maravilhosa escola em acolher meu filho, me sinto feliz e agraciada.

Meus sinceros agradecimentos a toda equipe da Escola Nossa Senhora do Carmo, que posso chamar de família, que Jesus abençoe grandemente nossa escola, nossa família.

VALTILENE SOARES SANTOS DO NASCIMENTO  
(Mãe de Sérgio Adriano Filho, educando do Núcleo de  
Desenvolvimento)

---

A Escola Nossa Senhora do Carmo tem como objetivo maior o Amor. Digo até que esta escola não é só um lugar de se aprender a ler e a escrever. É um lugar de muita acolhida e carinho.

Sua meta é uma só coisa, ensinar com o seu jeito democrático e divertindo, onde todos ensinam, todos aprendem. Do jeito certo, onde os ensinamentos e aprendizados são levados para o resto da vida.

A escola ensina muito, além de ensinar a ler e escrever, ensina o que união, amor, ajuda mútua, que se faz a força e consegue o objetivo real do sentido de ler e escrever.

É isso que como nós pais gostamos desta corrente, equipe gestora, os alunos e pais fazendo trabalho de formiguinha.

E diante do projeto da Escola dos Sonhos, irá precisar muito desta união, amor, para continuar mantendo este projeto, para nossos filhos e toda comunidade. Temos muita gratidão a Deus por estar escola existir e pelas vidas das pessoas idealizadoras desta escola, Madre Terezinha e Leila.

A nossa gratidão!

JOÃO BATISTA COSTA E MARIA DE LOURDES  
BARBOSA  
(Pais de Mariana)

## A IMPORTÂNCIA DA ESCOLA NOSSA SENHORA DO CARMO PARA NOSSA FAMÍLIA

A Escola Nossa Senhora do Carmo, tem uma proposta de educação humanizada, pautada nos valores dos seres humanos como sujeitos de transformação social. A escola não trabalha apenas o cognitivo dos educandos e educandas, mas um conjunto de ações centrada em valores humanos de dignidade, respeito, fraternidade e solidariedade.

Conhecemos a escola em 2007, neste período, acordamos que quando tivéssemos filhos colocaríamos para estudar nessa instituição. Por ter uma proposta de ensino inspirada no mestre Paulo Freire, nos encantamos pela metodologia desenvolvida pela a escola. Percebemos a alegria dos educadores e educadoras em contribuir para efetivação de uma proposta educacional transformadora e incluyente, principalmente, os mais pobres do sítio Carmelo e adjacência.

Atualmente, temos dois filhos estudando na escola: Heloisa, de 13 anos e Moises, de 9 anos. Os dois gostam da forma de ensino desenvolvido na escola. O método, permite que eles mesmos escolham o que vão estudar, temos percebido uma boa evolução, tanto nos aspectos cognitivos quanto nos aspectos das relações humanas, sociais e ambientais.

A Escola Nossa Senhora do Carmo tem uma grande importância na nossa família, pois além de ter uma metodologia de ensino transformadora e libertadora para os educandos e educandas, também trabalha de forma integrada com as famílias, considerando as especificidades de cada uma, contribuindo na missão árdua de educar nossos filhos.

A escola é um espaço acolhedor, que dar voz e vez aos educandos e educandas e suas famílias, motivando-as a fazerem parte de todo este processo de ensino e aprendizagem. Somos felizes por ter os nossos filhos estudando em uma escola que reforça os valores familiares e educar para a vida.

MARIA CILENE CARDOSO E IVANILSON ESTEVÃO  
DA SILVA  
(Pais de Heloísa e Moisés)

VOU AQUI EXPRESSAR A MINHA VISÃO, GRATIDÃO E AMOR PELA ESCOLA, ESPERO QUE A LEITURA SEJA COMPREENSIVA.

Considerando a Escola Nossa Senhora do Carmo, sou apaixonada por educação e conhecer de perto o amor desenvolvido nessa escola me apaixonou mais a ter esperança na educação em nosso país.

Ela é predominantemente pública, o que faz ver que realmente a esperança existe. Ela é o arregaçar as mangas literalmente e o fazer acontecer. Ela é muito rica. Seu potencial vai muito mais além... Seu futuro também.

Suas riquezas está na sua essência, nas potencialidades de cada aluno quando trabalha sua cultura e exercita sua curiosidade dia a dia.

Seu futuro promissor serão as novas gerações, produzindo e reproduzindo conhecimentos.

Sou JÔSE, VÓ DE PABLO  
(Educando do Núcleo de Desenvolvimento)

---

Sou grata a Madre Teresinha, a Leila e a Fátima e a muitas que tiveram a coragem de tornar um sonho possível.

Sou Lauride, mãe e avó de alunos que foram beneficiados por este amor, esforço, doação; que tiveram suas vidas transformadas, cuidadas pela dedicação de todos que estão, que passaram e que continuam ainda nesta luta de uma boa educação e formação de nossos jovens adolescentes e crianças na sua plenitude. Não se preocupando só com o conhecimento científico, mas na essência do ser humano; corpo e espírito no seu todo. Chamando a atenção de nós, família, que não basta só conforto, cuidado físico e boa educação, mas que nossas condutas e exemplos de fé, de amor e de cuidado com o espiritual de nossos filhos faz deles pessoas melhores, profissionais melhores, cidadãos honestos, pessoas dignas.

Seis filhos meus e hoje netos tem a graça de serem educados e

cuidados como “pessoas importantes”, como assim Deus nos tem sonhado.

Com a ajuda de todos vocês vi isso ser realizado.

Obrigada. Deus lhes pague!!!

LAURIDE DOS SANTOS BALBINO E GISSILENO

PEREIRA BALBINO

(Pais de Miguel Daniel e Pedro Paulo e avós de Adrian

Kevin, Douglas e David)

## A ESCOLA EM MIM E EU NELA: RELATO DE VIVÊNCIAS DE EDUCADORES

### Um espaço chamado vida

Em 2005, perto da minha comunidade Chã do Lindolfo, dava-se início uma escola para alfabetizar os lavradores desse entorno. Os dias iam passando o empenho e a dedicação das primeiras educadoras iam sendo reconhecida por toda comunidade. As primeiras fundadoras dessa escola, vendo a necessidade de não atenderem apenas os adultos, pensaram em fundar uma escola que atendessem pais e filhos. Essa escola passou a se chamar: “Escola Nossa Senhora do Carmo”. Quanto mais eu sabia dos trabalhos desenvolvidos por essa escola, eu me apaixona e me encantava. Nesse período eu lecionava em duas escolas: uma particular e a outra pública. Mas, o meu sonho, meu desejo era desenvolver meu magistério naquela pequena escola perto da minha comunidade. Minhas esperanças não paravam aí, passei a pedir a Deus que me ajudasse a fazer parte daquela história. Não demorou muito, minhas preces foram atendidas.

Era fim de tarde de janeiro de 2007, estava em casa, quando recebo um recado de que a Madre Teresinha, fundadora daquela instituição queria falar comigo. Meu coração disparou, já pressentia que algo muito bom e importante estava prestes a acontecer. No dia seguinte, me dirigi até o mosteiro carmelita que ficava no centro da cidade de Bananeiras, minha terra natal. Ao chegar lá, a Madre já me aguardava, onde fui recebida com um longo abraço, que recordo até hoje. Um abraço tão acolhedor como de uma mãe. Sentamo-nos e ela começava a querer saber um pouco sobre minha história de vida. Conversamos um longo tempo, quando para minha surpresa ela diz: “A partir de hoje, confio o seu ofício em minha instituição”. Não era para menos, não contive as lágrimas. No silêncio do meu coração, muito sentimento de gratidão a Deus por aquela grande oportunidade. Agradei muito a querida Madre Teresinha por me confiar tamanha responsabilidade em sua escola.

No dia seguinte, muita ansiedade e adrenalina. Já era hora de fazer parte daquela história tão sonhada e esperada. Cheguei na escola e foi recebida por alguns profissionais que já trabalhavam na mesma. Nesse momento passei a conhecer uma mulher muito incrível, “Leila”, uma das fundadoras, coordenadora e gestora daquela instituição. Ela me passou as primeiras instruções para o planejamento que estava programado para aquela semana. Ao adentrar aquela escola senti algo muito mágico, algo que não se explica apenas se sente!

Iniciamos o planejamento para aquele ano letivo. Tudo era muito diferente! Tudo estava voltado e pensado para os valores da pessoa humana. Vi que aquele lugar era muito mais do que eu imaginava. Cada momento era único e ímpar. Aprendi muito naquela semana de formação. Mas, o importante não era apenas aprender o desafio era pôr em prática tudo aquilo que era novo. Tive que me desconstruir para que eu fosse sendo construída gradativamente naquele ambiente que me proporcionava tantas coisas novas e positivas. Pois, naquela escola aprendi que eu não era a detentora do saber, coisa que estava acostumada em outras escolas. Aprendi que uma criança não é uma página em branco, ela traz em sua essência alguns saberes. Aprendi que o trabalho coletivo fazia a diferença, que eu tanto aprendia como ensinava.

Naquele espaço eu passei a ser eu mesma! Descobria-me a cada dia, como profissional e ser humano. Tudo que aprendi e aprendo no chão dessa escola, a qual eu chamo de “vida”, tenho colocado em prática em minha família, na minha comunidade e no meu trabalho. O amor, o respeito, a persistência a alegria é o combustível que move esse lugar. Vai completar 14 anos que faço parte dessa grande família chamada ENSC, a qual tenho orgulho de fazer parte. Sou muito grata a Deus e a todos que fazem parte da minha história, nesse grande espaço chamado vida, que é a Escola Nossa Senhora do Carmo.

EMILIANA MARIA ALEXANDRIA  
(Membro do comitê gestor)

---

Meu nome é Gitânia Rocha, estou na escola desde 2007, dois anos após a sua fundação. Inicialmente a gente veio para a escola com a proposta de dar continuidade a um trabalho que tinha iniciado em 2005 com alfabetização de lavradores que residiam nos arredores do Carmelo. A convite de Leila Rocha Coelho, fundadora e gestora atual da nossa escola, cheguei à escola para colaborar no processo de alfabetização dos filhos dos lavradores que já eram assistidos em salas multisseriadas por meio do programa Brasil Alfabetizado e Saberes da terra. Com uma proposta já diferenciada por meio do programa Escola Ativa, os tutorandos já eram partes e participantes envolvidos em todo o processo metodológico que oferecíamos. Uma metodologia que envolvia a todos até nas tomadas de decisões e transformação de educação que tínhamos e a que desejávamos. A escola foi ganhando forma e a notícia de um lugar onde as crianças e suas famílias eram vistas e ouvidas, respeitadas e atendidas de forma igual se espalhava, mais o número de alunos cresciam e a busca por oportunidade de fazer parte dessa educação era ainda maior, ao ponto de termos uma lista de reserva de vagas que daria para abrir uma nova escola, foi aí que vimos a necessidade de ampliar e tornar possível para outras famílias essa educação transformadora. Foi com muitos encontros, discussões, após estudos em rodas de formação que participávamos aos sábados e

na leitura do livro de Rubem Alves sobre a Escola da Ponte que encontramos a oportunidade de oferecer a tão sonhada e desejada educação para as nossas crianças. Visitamos o Projeto Âncora em Cotia e mediante ao que estudamos durante anos dentro da escola, em rodas de conversa com os pais e as comunidades que atendemos, decidimos juntos que mudaríamos todo o processo metodológico da escola, eliminando espaços seriados, provas que rotulavam nossos alunos pela nota que tiravam, saindo da sala de aula e deixando nossos tutorandos livres para estudar onde desejavam, possibilitando que o menor estude com maior, que o maior ensine ao menor em um processo de construção coletiva, formando cidadãos pensantes e críticos, com a visão mais ampla de mundo, permitindo que de forma autônoma os mesmos possam construir seus próprios conhecimentos de acordo com suas curiosidades, respeitando seus limites, vencendo suas dificuldades e acima de tudo potencializando as nossas crianças e adolescentes, mostrando que o sonho de fazer a diferença na vida do outro e transformar as comunidades em que estamos inseridos é possível. Hoje podemos dizer que somos o começo da escola dos sonhos, com processo de transformação diária, onde procurando sempre o melhor, avaliando o que fizemos, refletindo e criando novas possibilidades, com a oportunidade de provocar nas partes envolvidas, dentro e fora da escola a visão de uma educação transformadora que os auxiliam na transformação de si e do outro e mais ainda na transformação da família e comunidade onde estão inseridos. Durante esse tempo passei por diversos processos na escola, entre eles, a oportunidade de me aproximar dos tutorandos e sua família, no reconhecimento da história de vida dos nossos tutores para conhecê-los mais de perto, respeitando suas histórias e o lugar onde estão inseridos, possibilitando um olhar voltado para este sujeito de forma mais humana. Deixei de ser eu e passei a trabalhar o “nós”. Isso provocou a saída da minha zona de conforto onde eu apenas transmitia o que sabia, passando a construir juntamente com os funcionários, famílias e tutorados todo conhecimento a partir da sua realidade de vida e de seus sonhos. Me reconstruindo a cada dia. Cheguei como professora de uma turma multisseriada em 2007, passei a educadora em 2008, na turma de educação de jovens

e adultos, no período da noite. Além disso, acumulava como educadora na turma de alfabetização, tutora da educação infantil, oficinaira de Educação Física no Ensino Fundamental II, tutora do núcleo de iniciação e atualmente orientadora pedagógica do núcleo de aprofundamento. Sou um vaso que mesmo tendo passado por diversos processos, ainda tenho muito que aprender e constituir. Hoje tenho a oportunidade de construir juntamente com os nossos tutorados o processo de estudo e construção dos conhecimentos, em uma relação amiga e respeitosa, mostrando aos mesmos que todos são capazes de construir de forma autônoma sua própria aprendizagem. Acompanho juntamente a coordenação pedagógica, a construção dos roteiros de aprendizagem, distribuídos por quinzena para os tutorandos em sua individualidade, potencializando esse sujeito a vencer seus próprios limites, fortalecer os conhecimentos já existentes e ampliando os necessários para vida e o preparando não para o mercado de trabalho, mas para ser um ser humano mais humano e justo, no agora e no futuro. Além de trabalhar com os nossos tutorandos, também mantemos contato direto com as famílias dos mesmos para que a parceria família e escola cada dia mais seja fortalecida e para que os resultados obtidos sejam cada vez mais ricos. Um processo contínuo e prazeroso para ambos, FAMILIA E ESCOLA, contando assim com o envolvimento da família como um todo. Os vínculos construídos mostram não apenas o resultado acadêmico desta criança e adolescente, mas, como mudamos o jeito de ver e ser escola, mesmo com todos os desafios enfrentados, as batalhas que travamos no decorrer dos quase 15 anos de história que a Escola Nossa Senhora do Carmo vem construindo, percebo que muito ainda se tem para ser vivenciado e plantado no chão da pequena zona rural de Bananeiras, interior da Paraíba. Sonho com espaço onde o nosso tutorando e sua família possam construir juntos e de forma mais presente a educação do futuro, um lugar onde sonhar se torne realidade, onde o filho possa ensinar a seus pais, bem como os pais e responsáveis possam não apenas construir de forma mais atuante o futuro acadêmico e profissional do seu filho ou filha, como também auxilie no processo de formação de bons cidadãos para o mundo. Hoje, olho para trás e percebo que muito fizemos e que

mais ainda precisamos fazer, lutamos para que nossos sonhos e desejo de uma educação de qualidade seja possível para todos e mais ainda que outras pessoas e famílias, sejam tocadas por esse amor maior de construir um mundo mais humano e justo, que acreditem no futuro plantando a semente do amanhã no agora. Por mais desafios que enfrentamos, o desejo expressado no olhar e sorriso dos nossos tutorandos me impulsiona a querer continuar lutando para que esse sonho se torne cada vez mais real e que nossa escola não seja apenas modelo, mas a realidade de que sonhar e transformar a educação que temos na educação que queremos é possível. Sou grata a Deus pela pessoa que sou hoje e a todos que fazem parte da Escola Nossa Senhora do Carmo que me ajudaram a ser um ser humano melhor e mais humano, aos nossos tutorandos por acreditarem e lutarem juntos conosco e as famílias pelo respeito e credibilidade no trabalho e educação que oferecemos. Até breve.

GITÂNIA ELANINE  
(Membro do Comitê Gestor)

---

Quando conheci a escola ainda em construção, jamais imaginei que faria parte dela. Estava sendo construída e, ao mesmo tempo, funcionando e no ano seguinte, em 2008, eu estava lá. A minha única pretensão era ajudar minha irmã “Joselma”, pois na época ela trabalhava na cozinha. Não demorou muito, ela foi trabalhar em sua área, na sala de aula, como professora. Desde, então, assumi o lugar dela na cozinha, onde me identifico e gosto do que faço.

A escola é responsável por várias mudanças em minha vida. Os encontros espirituais, com psicólogos, formações e tantos outros momentos, que me ajudaram no dia a dia com meus colegas, compreendendo as diferenças um do outro. Aprendi a ouvir, se preciso falar e a refletir. A espiritualidade, a oração, o amor nos fortalece e nos sustenta.

Admiro a escola pelo trabalho desenvolvido, onde tudo e

pensado, planejado e feito com amor e doação.

Somos uma cooperativa e todas as decisões são tomadas nas reuniões de conselho, onde há a participação de todos.

Todos têm sua importância, cada um na sua área. Nós também somos educadores e educamos quando pedimos para os tutorandos se organizarem na hora do lanche, não tomar a frente do colega, não desperdiçar o alimento, para fecharem as torneiras, enfim, em tudo o que fazemos e nossa postura é também um ato educativo.

JANETE DA SILVA SANTOS  
(Auxiliar de Cozinha e Limpeza)

---

Eu sou Maurício, mais todo mundo me chama de Mauro. No começo eu fui convidado para ajeitar o telhado da escola que tinha muita goteira e depois me convidaram para fazer parte da escola. Depois disso, eu comecei ajudar não apenas nos serviços de limpeza como também ajuda as meninas na organização das coisas da cozinha e sempre no que é preciso fazer para deixar a escola sempre ajeitada para receber os meninos que estudam na escola. Já faz 3 anos que estou aqui e sempre ajudo no que é preciso, e tenho fé em Deus de ainda contribuir muitos anos nessa escola principalmente na escola dos sonhos que estamos construindo. Eu fico muito feliz quando estou na escola, gosto de todo mundo, todo mundo é companheiro, todo mundo ajuda todo mundo, os professores são legais, os alunos também são legais e gostam de estudar, todo mundo respeita as pessoas da escola e a gente recebe muitas visitas e eu gosto muito de trabalhar aqui.

MAURÍCIO DOS SANTOS DANTAS  
(Auxiliar de Serviços Gerais)

---

Cheguei na Escola Nossa Senhora do Carmo no ano de 2010,

fui chamada para tirar uma licença de uma educadora que tinha se afastado para fazer um tratamento de saúde por um mês. Tirei a licença dela e logo surgiu uma vaga para atuar como professora. Sempre ouvia falar da prática desenvolvida da Escola que desde sempre teve um olhar diferenciado para educação, eu tinha muita vontade de conhecer a escola. A escola sempre trabalhou com projetos de aprendizagem e baseada nos valores que são a base na formação humana. Fiquei muito feliz em poder participar da escola como professora, mesmo sendo chamada para tirar apenas uma licença. A escola me acolheu e uma semente foi plantada em mim, eu sentia algo diferente toda vez que pisava no chão da escola, lá criei laços de amizades fraternas, muitas pessoas já passaram por ela e seguiram suas vidas, mas os laços criados lá perduram até hoje. Minha prática na escola me fez crescer, tanto humanamente como profissionalmente, lá eu me sinto em casa, somos uma verdadeira família onde um sempre está disposto a ajudar o outro. Quando um não está conseguindo desenvolver um trabalho ou está passando por alguma dificuldade, sempre pedimos ajuda e assim todos se unem para tentar ajudar o outro. Ações como essa nos faz refletir e perceber que a escola representa para nós, uma verdadeira família. As emoções na escola são afloradas em todos os momentos de nossas vidas, quando estamos felizes, quando estamos tristes, quando estamos passando por momentos difíceis encontramos no outro a abertura para se abrir. Não temos vergonha de nos expressar com o outro. Isso mais uma vez vem reafirmar que a nossa Escola é um lugar diferenciado, já passamos por muitos desafios juntos, mas com a fé, a força e a união conseguimos vencer. Aqui estou há 10 anos, onde aprendi muito, me tornei uma pessoa melhor e também me superei como profissional.

BÁRBARA EUZÉBIO  
(Membro do Comitê Gestor)

O meu nome é Josenilda e estou na escola Nossa Senhora do Carmo desde o início de sua história. No começo eu era aluna da EJA, à noite, com outras pessoas que moram aqui na Chã e tinha também alguns alunos que vinham da cidade com os professores. Nesse tempo eu já sonhava em aprender um pouco mais para ajudar meus filhos que ainda eram pequenos, eram muitos desafios, porém eu nunca desisti, pois, sabia que um dia Deus me ajudaria a realizar todos os desejos do meu coração. Depois fui chamada para trabalhar na escola ajudando na cozinha e na limpeza, foi como eu comecei a cuidar melhor da minha família com menos preocupação, pois na época eu já sustentava minha casa e meus quatro filhos, todos de menor, sozinha. Durante todo esse tempo que eu trabalho na escola tenho aprendido muitas coisas e também.

Do meu jeito, ajudo na educação dos meninos, pois até quem faz a merenda, quem limpa a escola está contribuindo para que eles tenham um lugar limpo e organizado para estudar e uma alimentação saudável, servindo de exemplo para que eles possam dar continuidade ao que aprendem na escola em sua casa e no lugar onde eles moram. Hoje, estamos lutando para construir uma escola dos sonhos, onde nossos alunos tenham um lugar próprio para que continuem aprendendo coisas boas e que no futuro, assim como eu, eles possam olhar para trás e ver como é importante fazer parte dessa família chamada Escola Nossa Senhora do Carmo, que faz as pessoas se sentirem gente, um lugar onde somos respeitados e mais ainda um lugar onde nossa família é valorizada independente da classe social que pertencemos. Sou grata a Deus por ter me dado a oportunidade de trabalhar nessa escola e ajudar no que é preciso para manter ela sempre aberta para todos.

JOSENILDA FERREIRA DE SANTOS  
(Cozinheira)

---

Durante toda minha trajetória de educadora, vejo a educação uma forma de grande importância de se transmitir os valores

éticos e morais para o ser humano nos dias de hoje. Isso me fez querer ser uma educadora, como eu poderia contribuir para meus pequenos grandes educandos. Eu menciono, pequenos, porque sempre tive uma paixão pela educação de primeira fase; crianças essas que está tendo seu primeiro contato com esse mundo chamado escola. É nessa primeira fase que o educador tem seu papel fundamental de transmitir segurança e amor nessa relação de construção do conhecimento, podendo contribuir na formação de educandos livres ou frustrados. Isso me fez pensar mais em como eu poderia passar para os educandos amor, carinho e ética para que eles pudessem com esses valores transformar em sucesso as oportunidades existentes ou futuras na vida deles.

Isso me fez querer ser uma educadora que pudesse construir uma relação afetiva e fraterna, sem barreiras de distanciamento entre educador e educando, uma relação sem medo, sedimentada no profundo respeito de um para com o outro, construindo uma relação aberta e franca. Quebrar esse tabu dentro de uma sociedade e famílias tradicionais não é nada fácil, mostrar que existe sim, uma forma de ensino que alunos aprendem através de uma relação com sensibilidade e não uma relação de punição.

A ENSC nos dá essa oportunidade de sermos educadores livres, ou seja, educadores que veem seus alunos como seres humanos pensantes, com desejo próprios; sujeitos que possam opinar e se expressar sem medo de ser quem realmente são.

Hoje, estou dentro da escola na função de secretária, que também não deixo de ser educadora. Educo através de conversas, silêncio e escuta. Os educandos não têm medo de ficar onde estou, eles veem a secretaria da escola como um local onde se pode conversar sobre seus problemas, planos, falar como estar sendo suas manhãs/tarde, se sentem livre para pedirem ajudar com as atividades. Ou seja, eles também me veem como educadora independente da função que ocupo na escola, contribuindo na formação deles. Dessa forma não deixo de exercer meu papel de educadora, através de conversas, da atenção e, principalmente, de uma relação franca e respeitosa entre ambos. Dessa forma, pude me encontrar como profissional e transmitir o amor e carinho que tenho pela minha função hoje, que essa função hoje é fazer com eles possam se permitir a ver o mundo com outros olhos e não

terem vergonha de se expressar e serem quem realmente são em qualquer lugar onde estejam, com esse autoconhecimento farão escolhas adequadas para serem bons profissionais e adultos mais capazes e bem resolvidos.

Essa é a educação que buscamos, uma relação de humanização, de ver o sujeito como todo; de podermos enxergar que alunos, famílias e profissionais como pessoas, que todos têm vez e voz nesse espaço chamado escola.

LILIANE RODRIGUES LOPES DA COSTA  
(Secretária)

---

Sou Lorenzo Delaini, tenho 65 anos, sou padre casado, formado em Arquitetura e Teologia na Itália e com especialização em Direitos Humanos na UFPB e sou secretário executivo (há 17 anos) da Rede Margaridas Pró Criança e Adolescente — REMAR/PB, articulação política em defesa dos Direitos Humanos de crianças e adolescentes.

O meu primeiro contato com a ENSC, apesar de ter já antes ouvido falar dela superficialmente, aconteceu no Encontro de Educação da Escola do Carmo: “Por uma Educação mais humanizada e humanizadora” realizado nos dias 22 a 24/08/2012 no Campus III/UFPB em Bananeiras. O que me atraiu, a participar do encontro, foi a presença de figuras significativas a nível nacional, na área da educação, como Frei Betto e Carlos Brandão, além de amigos como Ricardo Brindeiro, Ana Gusmão e Giovanni Pizzetti. A qualidade das reflexões estava garantida, mas o que me surpreendeu foi a acolhida, o envolvimento, a participação ativa de toda a comunidade escolar (educadores, alunos, merendeiras, pessoal de serviço, familiares) no evento e que nos hospedaram, com muito carinho, na própria escola. Assim pude conhecer mais de perto o clima, o compromisso, a seriedade do trabalho, a colaboração desta comunidade escolar e a originalidade da proposta pedagógica da ENSC. Completou a obra o contato com o Carmelo (sobretudo com a priora Ir Teresinha), mosteiro contemplativo de clausura, mas aberto e sensível aos problemas sociais e dos pobres; eu já tenho uma

ligação significativa á anos com o Carmelo de Verona, minha cidade natal, e a espiritualidade carmelitana. Senti em mim um forte apelo a apoiar e colaborar com uma experiência tão viva e profética. Ir Teresinha, com a sugestão de Giovanni, me convidou para apoiar, naquele momento, a gestão da escola sendo que Leila, então diretora da ENSC, estava vivendo situações de saúde difíceis em família. Aceitei de ir regularmente em Bananeiras, apoiando a escola e a OCDS, ordem terciária carmelitana, a partir do segundo semestre 2012. Em seguida, Giovanni, que acompanhava a formação espiritual da escola, sofreu um AVC e não tinha mais condições de colaborar e assim eu fiquei substituindo-o nesta missão até hoje (não neste ano de pandemia). A formação espiritual é uma dimensão fundamental da ENSC, não como confessionalidade, privilégios, doutrina, identidade rígida como acontece em muitas escolas católicas, mas como inspiração de fundo, motivação, valores evangélicos de referência na proposta e vivência comunitária e pedagógica, com abertura ecumênica e inter-religiosa.

Por isso, ao longo destes anos, seja com educadores e pessoal de serviço, seja com familiares, estudamos e partilhamos sobre a figura e a proposta de Jesus (a partir do texto “Jesus na contramão” de Carlos Mesters), sobre a importância da Bíblia, das parábolas, sobretudo dos 3 evangelhos sinóticos, tudo isso na perspectiva de aprofundar o conhecimento bíblico e na vivência espiritual e orante. Foram momentos mensais ricos de aprofundamento, abastecimento e partilha que enriqueceram a caminhada comunitária e pedagógica e ajudaram a superar momentos difíceis e angustiantes. Encontrei uma abertura e disponibilidade muito importante por parte de toda a comunidade escolar, de forma simples e humilde, mas comprometida.

Algumas coisas que me chamaram atenção foram: a real busca de vivência de uma gestão democrática da escola; a participação e protagonismo de educandos e familiares; a busca da autonomia deles e uma pedagogia centrada nos interesses dos alunos e não do currículo e dos professores; a seriedade e a fidelidade da formação permanente.

Aprecei a busca de mudança e aperfeiçoamento sempre presente e a construção coletiva vivida em todas as etapas da

escola: acompanhei a elaboração do Projeto Político Pedagógico inicial na perspectiva da visão de escola rural e freriana e sucessivamente a coragem, ousadia e determinação na busca de construir uma nova proposta pedagógica na modalidade de escola transformadora na perspectiva da escola da Ponte (Portugal) e do projeto Ancora de Cutia(SP). Acompanhei os momentos difíceis financeiros e de relacionamento nas parcerias com o município e o estado, além das divergências com o Carmelo e a diocese, a criação da cooperativa e a elaboração do projeto e começo de construção da “escola dos sonhos” e muitos outros acontecimentos destes intensos anos letivos. Tudo isso sempre vivido com fé, seriedade, busca de diálogo e solidariedade apesar das preocupações e ansiedades.

A ENSC sempre demonstrou uma busca de crescimento e amadurecimento interno, mas também externo. Neste sentido liderou a tentativa de construção de uma rede de educação no Brejo Paraibano em 2012 – 2013, organizou um segundo encontro chamado de Educação Transformadora do Brejo Paraibano em Bananeiras, sempre na UFPB, (nos dias 07 – 09/06/ 2018), colaborou no surgimento de um Núcleo de Educação Transformadora na Paraíba (do qual participo ativamente), em articulação com outros núcleos a nível nacional e internacional, que, além de se encontrar regularmente, promoveu a Iª CONANE Paraíba (Conferencia Nacional de Alternativas para uma Nova Educação) no Conde nos dias 29 – 31/03/2019. Esta Conferencia reuniu mais de 300 pessoas, palestrantes e assessores muito qualificados a nível nacional e local, promoveu a troca de experiências educativas de muitas instituições governamentais e não governamentais, a busca de enculturação da educação em comunidades afrodescendentes e indígenas, e foi um marco histórico na reflexão e partilha para uma educação transformadora na Paraíba.

Muitas outras coisas eu poderia dizer e testemunhar, mas me limito a estas considerações essenciais, nascidas de anos de convivência, a partir da minha visão e sensibilidade.

Sou grato a Deus e a ENSC por ter-me concedido a graça de participar desta construção coletiva, de ter aprendido muitas coisas, de ter crescido muito, de poder renovar a esperança na

possibilidade concreta de uma educação de qualidade, alternativa e transformadora no Nordeste do Brasil. Acredito, porque já está sendo assim, que a ENSC poderá, junto com outras iniciativas, ser exemplo, inspiração, luz e fermento por muitas outras experiências e contribuirá significativamente para uma mudança urgente e indispensável da educação brasileira.

LORENZO DELAINI  
(Formador da Dimensão Espiritual)

---

Ser educador numa escola transformadora que busca educar não só o intelecto, mas, o ser como um todo é uma tarefa árdua, que exige de nós a nossa própria transformação contínua e diária.

Sou educadora quando faço a limpeza com amor e por amor.

Posso educar quando faço o meu trabalho com esmero, mostrando assim aos educandos que toda profissão é digna, quando feita com organização e boa vontade. Sinto que sou educadora quando nos intervalos para brincar os educandos veem perguntar se necessito de ajuda. É aí que sinto que posso educar com o meu trabalho.

Educo quando nas minhas tarefas cotidianas ao vê-los fugindo do foco do estudo, paro e peço que possam se concentrar nas suas tarefas escolares.

Educo com minha atenção e preocupação quando vejo um educando que se exclui de estar junto dos outros colegas e indo até ele, pergunto o que está acontecendo e se precisa de ajuda.

Posso educar quando me envolvo nos comitês e presto minha assistência, mas particularmente no ano passado quando pude semanalmente junto com o comitê de espiritualidade fazer as orações relativas ao evangelho nas orações semanais e assim contribuir para o crescimento espiritual dos nossos educandos.

Educo quando me proponho fazer tarefas corriqueiras que ninguém se dispõe a fazer quando estou junto aos meus colegas de trabalho.

Educo quando não transfiro meus problemas pessoais para o meu ambiente de trabalho e sendo assídua no mesmo.

Posso educar me deixando educar ao transferir para o meu trabalho as práticas que vou aprendendo a cada dia na área relativa as minhas tarefas cotidianas e as transmito, também, os meus companheiros de trabalho. Educar é fazer da vida um eterno aprendizado e essa escola nos ensina a sermos sempre aprendizes para podermos cada dia sermos pessoas melhores e convictas da nossa missão na sociedade.

JANEIDE DOS SANTOS BALBINO  
(Auxiliar de Cozinha e Limpeza há 12 anos)

---

Como educadora há oito anos? Comecei como voluntária, ajudando as meninas na cozinha porque tinha duas filhas estudando por dois anos. Depois surgiu uma vaga na cozinha e fiquei como fixa.

Na escola Nossa Senhora do Carmo eu me vejo participante porque na simples tarefa de preparar a alimentação das crianças eu consigo perceber em seu olhar se elas estão precisando de algo a mais, algumas até trocam informações familiares. A gente participa desse processo formativo da criança, minhas filhas foram alunas e o meu filho também estuda na escola. Então, desde o início eu me sinto parte da escola e parte dessa ação social que a escola faz. Minha história na Escola Nossa Senhora do Carmo começa no voluntariado, onde sempre gostei de participar dos processos pelos quais a escola passou. Hoje como funcionária, parte dessa grande história, me sinto maravilhada e agradeço a Deus por pertencer a esta equipe do qual faço parte, da equipe da cozinha.

ROSIMEIRE ALVES SILVA DE OLIVEIRA  
(Cozinheira)

---

Cheguei na escola em meados de 2007. Vim por intermédio do Carmelo, mais precisamente da Madre Teresinha que era priora nessa época. A escola, naquele momento precisava de alguém que fosse acolhedor, aseado, cuidador e que tivesse certa experiência

com criança. Segundo a Mãe, esse alguém era eu. E me convidou. Deixei minha casa, meus pais, minha terra. Tomei esse chamado como um chamado de Deus, já que naqueles dias passava por um momento difícil. Confiei que Deus estava me guiando para uma terra escolhida por ele. “Não tinha nada a perder”, pensei. Então, com meu marido, minha filha de 11 meses e minha irmã, em menos de uma semana, mudei para Bananeiras.

Minha função na escola era fazer de tudo que precisasse, desde faxina e lance, até olhar as crianças ou substituir algum professor quando houvesse necessidade. Nesse período, tanto a escola física quanto a escola gente, estava em construção. E aí já me encantei. Ver planejando, sonhando com cada cantinho, ver as crianças e os pais participando de tudo. E nesse olhar, fui percebendo que a escola era diferente das outras que conhecia. Fiquei nessa função dois anos. Nesse período, já havia as formações que a escola promovia. Para os professores/funcionários, formação espiritual, humana e pedagógica. Para os pais, formação espiritual, psicológica e alfabetização. Eu participava de todas. No início, por compromisso com a escola, com o trabalho. Mas depois pude perceber a grandiosidade de tudo aquilo. Era uma oportunidade de conhecimento. Conhecimento do grande amor de Deus, de si próprio, do mundo.

Foi nas formações (que não durou só os dois anos, mas permanece até hoje), que conheci um Deus misericordioso, que tem todo amor do mundo pelos filhos, que está perto, que está em mim, e não aquele Deus distante e castigador que me apresentaram um dia. Foi nas formações que conheci um pouco mais de mim, descobri talentos, mas também fraquezas. Enxerguei em mim coisas que me alegraram e coisas que me fizeram sofrer. Foi nas formações que conheci “O pequeno príncipe” e aprendi o que é cativar. Que caminhei (na minha imaginação) por cada cantinho da Escola da Ponte, descrita por Rubem Alves. Que ouvi pela primeira vez o nome de Paulo Freire e Emília Ferreiro, por exemplo, dentre tantos outros estudiosos da educação. Como não se deixar tocar por tudo isso?

Depois desses dois anos, consegui, por incentivo de algumas pessoas da escola e da Mãe Teresinha, entrar para o curso de Pedagogia da UFPB virtual. Meu sonho se realizando! Sim. Esse

sempre foi meu sonho desde criança. Ser professora! Embora com algumas experiências na minha cidade, tinha que ter a formação acadêmica para dar continuidade na vivência. Felicidade completa foi quando, paralelo à aprovação no curso, veio o convite da direção da escola para assumir uma turma. Foi mais um desafio. A turma precisava de atenção para melhorar em seu processo de alfabetização, mas sobretudo de incentivo, motivação e fortalecimento da autoestima. Procurei dar o meu melhor e cuidar daquelas crianças como se fossem minhas. Foi difícil, mas a escola estava sempre comigo. Não fiquei só nenhum dia. Aliás, é assim até hoje, a escola é um todo. Algumas crianças conseguiram dar passos, porém lentos, porque cada pessoa é única e se desenvolve em ritmos e tempos diferentes. Outros mostraram resultados incríveis! Estou descrevendo um pouco essa turma porque foi através dela que ousei sonhar um pouco mais sobre o sonho de estudar, depois da pedagogia, a psicopedagogia. Digo ousada porque, se estava iniciando uma graduação, imagina pensar numa pós? Pois, pensei mesmo! Queria poder ajudar um pouco mais, não essas crianças, que certamente já seriam adolescentes, mas muitas outras que necessitassem dessa atenção. Infelizmente não consegui concluir o curso virtual, pois precisei parar por motivos de saúde na família. Fiquei dois anos sem estudar, mas, em 2016, fiz um novo Enem e retomei os estudos, dessa vez presencial, aqui mesmo no Campus de Bananeiras, também pela UFPB. O sonho demorou para ser totalmente concretizado e depois de muitas lutas, consegui concluir no início desse ano de 2020, bem no começo da pandemia. Como tudo na vida tem seu tempo, esse foi o meu, que valeu a pena cada segundo!

Depois dessa primeira experiência em sala de aula, passei pela educação infantil, que também foi uma vivência riquíssima, e pelas séries iniciais do ensino fundamental. Primeiro com turmas entre 6 e 8 anos, depois com a faixa etária entre 9 e 10 anos. Nessas experiências, vivi com a escola muitos desafios, desde a parte financeira, que mesmo com alguns benfeitores, precisava (e ainda precisa) se mobilizar, através de bazar, pedágio, rifas, entre outras ações, para continuar funcionando, até a parte pedagógica, que se construía e reconstruía na busca de uma educação de qualidade, humanizada, transformadora. Estive lá quando, em consonância

com toda a comunidade escolar (pais, professores, funcionários, educadores e educandos) a escola, depois de muito estudo, discussões, pesquisas, vivências em lugares que viviam essa experiência, adotou a metodologias de projetos. Foi um giro de 360 graus que veio para transformar verdadeiramente a rotina. Foi aí onde eu comecei aprender a aprender. Era uma verdadeira reconstrução. Reconstrução no pensar, no agir, no sentir, no planejar, no ensinar, no viver. Todo o novo que era vivenciado me encantava, mas, o nascimento dos projetos realmente era fascinante, já que as crianças escolhiam o que queriam estudar e como queriam buscar o conhecimento. Aos professores cabia ouvi-los, conduzir o diálogo, orientar em suas escolhas e em seguida estruturar todo o planejamento do projeto, unindo o que as crianças queriam estudar com o que elas precisavam aprender (conteúdo programático dos documentos nacionais).

Posso dizer que nesse trabalho desenvolvido na escola, fui sendo formada diariamente, aprendendo cada dia um pouco mais, tanto com as crianças, quanto com o grupo de professores da escola. A universidade foi necessária, mas afirmo com certeza que foi na escola onde aconteceu realmente minha formação. Lá eu conseguia viver na prática, tudo que estudava na teoria, desde o planejamento à avaliação, PPP, construções coletivas, gestão democrática, participação dos pais, enfim, tudo só confirmava que a escola seguia pelo caminho certo. Tanto que foi reconhecida como Escola transformadora, por seu trabalho diferenciado e inovador.

Hoje não estou na escola. Precisei pedir um tempo para que pudesse me cuidar um pouco mais e me dedicar aos estudos, já que não estava conseguindo conciliá-los com o trabalho que a proposta pedagógica da escola necessita. Sinto que sai da escola, mas a escola não saiu de mim. Gosto de pensar que estou me cuidando e me preparando para um dia poder voltar e de fato fazer aquilo que ousei sonhar lá no início. Sei que todas as crianças merecem um olhar especial em seu processo de aprendizagem, mas existem aquelas que precisam de um apoio mais específico, para que possam desenvolver suas habilidades e competências. É por elas e para elas que hoje, cursando a pós em Neuropsicopedagogia, estudo dia e noite. Cada aula, cada

aprendizado aqui, lembro de todos de lá. “Isso aqui dá certo para tal criança! Nossa! Tal professora ia adorar trabalhar com essa ferramenta”! É assim que penso neles, com o coração cheio de saudades.

A escola é transformadora, não só por transformar as crianças, mas por transformar a mim também. Já diz os estudiosos, é preciso ser transformado para poder transformar outras pessoas. Desde o dia que cheguei lá, até o dia em que sai, nesses doze anos, fui sendo lapidada a cada dia, humanamente, espiritualmente, pedagogicamente. Foi lá que sonhei e realizei um grande sonho. Que aprendei muito mais do que ensinei. Que recebi muito mais do que doe e hoje, embora ainda esteja em processo de amadurecimento, sei que sou alguém muito mais segura, confiante e, porque não dizer, mais ousada! A minha palavra é gratidão por tudo que vivi e que aprendi. Que Deus continue abençoando cada pessoa que faz parte desse projeto lindo, para que a escola possa continuar transformando vidas (como transformou a minha), por muitos anos.

JOSELMA DA SILVA SANTOS MARTINS  
(Ex-educadora da Escola Nossa Senhora do Carmo)

---

SABERES E FAZERES PEDAGÓGICOS: POÉTICAS  
DO COTIDIANO

*“Meu aviãozinho de papel e você”*

*Você que vejo  
Você que amo  
Você que sinto  
Você que chamo  
Você me ensina  
Você me encanta  
Você me chama  
Para brincar*

*Vento faz alegria  
Vento faz correria  
Vento faz ventania  
Para meu avião voar*

(Pablo Roberto, 7 anos)

Estes versos inscritos pelo educando Pablo Roberto, em setembro de 2020, período em que estamos distantes fisicamente devido a situação de pandemia da Covid-19, foram escolhidos como disparadores de sentidos, memórias, afetos, experiências e aprendizados que atravessaram minha trajetória na escola.

Ao narrar de forma sensível e profunda como se deu a criação do poema para os colegas e educadora, Pablo contou que teve o apoio especial de sua avó e, inicialmente, construiu dois aviões de papel; depois desenhou três casas em uma folha de caderno, colorindo cada uma de cor diferente; como tinha duas aeronaves pensou em duas crianças brincando com os aviõezinhos em frente das residências e, assim, colou-os em suas mãos. Contudo, ao mostrar sua obra de arte através da tela afirmou que “do desenho nasceram as palavras”.

Assim, antes de prosseguir a leitura das palavras que subjazem os saberes e fazeres pedagógicos, permita-se imaginar o avião e tudo aquilo que o ar em movimento pode deslocar-se; escutar o som do vento percebendo o ritmo do dia e da estação; refletir o que ele leva e o que ele traz. Que tal, também, deixar o vento brincar com o seu próprio corpo, desarrumar seu cabelo; construa suas próprias observações e formulações, pois, talvez isso possa te conduzir na compreensão de tramas em si próprio, no outro e no mundo.

Ao escrever esse texto nos ventos da primavera do ano 2020, mais calmos e brandos, sobre as poéticas do cotidiano na ENSC, me desloco para minhas experiências enquanto voluntária, tutora e oficinaira em duas tramas: a primeira trama trata-se de um relato da minha chegada na escola e dos saberes e fazeres pedagógicos da experiência como educadora; e na segunda trama o encontro com os estudantes através da oficina de cinema de maneira remota e as marcas presentes em torno da temática “nossos ventos-

emoções”.

### TRAMA I

Em 2012, durante um evento do Curso de Agroecologia, realizado no auditório da Universidade Federal da Paraíba, no Campus III, com a presença do Professor Carlos Brandão, as estudantes e gestores da Escola Nossa Senhora do Carmo, ouvi pela primeira vez pessoas da escola contando sobre sua origem, princípios, ideais e práticas pedagógicas, apesar de ter conhecimento de sua existência. Nessa ocasião, dois educandos fizeram uma apresentação cultural cantando repente e tocando pandeiro com simplicidade e alegria deixando a plateia encantada.

No mesmo ano, minha irmã desenvolveu seu trabalho de pesquisa para conclusão de curso de Pedagogia na escola, e então, eu pude colaborar na realização de filmes a serem produzidos com os adolescentes, objeto de seu estudo. Ao frequentar o espaço soube que algumas crianças estavam precisando de orientações mais particulares para avançar, principalmente, na leitura, escrita e matemática. E assim, me tornei voluntária da instituição indo uma vez na semana para desenvolver atividades com um grupo pequeno de educandos, e também ajudei no registro em vídeos e fotos do primeiro Encontro de Educação, com o tema “Por uma Educação mais humanizada e Humanizadora”.

No ano seguinte, 2013, fui convidada para fazer parte da equipe como professora do quinto ano. Era a minha primeira experiência como docente, e logo, o sentimento de pertencimento do lugar, da história e da luta por uma educação que fizesse sentido aos seus sujeitos me transformaram. Ali, onde as relações se fortalecem em prol de um sonho coletivo, é possível sentir uma energia muito intensa ao pisar no chão da escola.

Muitas vezes li para os educandos o texto “O sentido dos Gansos” e com ele trago reflexões importantes dessa força coletiva, de estarmos reunidos indo na mesma direção, com os mesmos propósitos. Há um impulso mútuo constante no alcance dos objetivos, quando um tem alguma dificuldade o outro encoraja, sempre um ao lado do outro.

Os pilares da instituição na busca de uma educação integrada e integradora, liberta e libertadora, humanizada e humanizadora,

se traduziam nas ações diárias em diferentes formas de agir, pensar e fazer. Primeiro, era importante que, nós, educadores, nos sentíssemos integrados, libertos e humanizados para semear estes princípios. De modo contínuo, conversarmos entre os pares para planejar, executar e avaliar tarefas e valores que, também, eram dialogados com os educandos e familiares. Todos tinham direitos de opinar, sugerir, concordar e discordar, bem como o dever de assumir responsabilidades diante dos interesses comuns.

A presença dos pais na escola como voluntários na preparação do lanche, na limpeza dos espaços e no cuidado das crianças no momento do intervalo aconteciam com frequência e, isso, nos aproximava de uma relação família-escola mais profícua para o desenvolvimento do educando.

O diálogo com os educandos, professores e pais permitia avaliar os processos vividos em relação ao que estava bom e o que precisava melhorar. E no início de minha prática docente na escola, a cada início do ano todos da comunidade escolar definiam uma temática, por exemplo: água, e um valor, por exemplo: respeito, para permear o trabalho do ano letivo. Como trabalhávamos bimestral, para cada bimestre era determinado, de acordo com o tema e o valor escolhido, ações com foco na escola, na família, nos outros e na comunidade. A temática a ser estudada surgia de visitas realizadas pelos estudantes e educadores nas mais de 12 comunidades rurais e urbanas com intuito de conhecer os problemas locais, os anseios e desejos das pessoas. Ao final, eles retornavam na comunidade para apresentar suas culminâncias e apresentar suas descobertas.

Um dos aspectos que mais me chamou atenção na escola, por nunca ter vivenciado na vida estudantil e por perceber a potência que é constituir espaços objetivados a dar vez e voz para as crianças e adolescentes, foram os instrumentos e ações desenvolvidas pelos educandos para colaborar na gestão escolar por meio do colegiado estudantil e comitês.

Outro aspecto que pude sentir fortemente foi a afetividade. Considerando que, somos seres interdependentes, a construção de vínculos afetivos é fundamental. Nessa perspectiva, é preciso abertura para se ligar com o outro, o que implica respeitar às diferenças e criar conjuntamente relações para o bem viver. O

vínculo é a base das relações afetivas, e contribui efetivamente na aprendizagem dos educandos, pois a proximidade com o outro é um porto seguro. Dessa forma, eles sentem confiança em pedir ajuda quando precisar, se abrem para lidar com as frustrações, e falarem o que pensam e sentem.

Contudo, os vínculos passam a ser fortalecidos quando demonstramos interesse por cada um educando e por sua história de vida, assim, os espaços de diálogos são extremamente importantes para que haja partilha e trocas sobre a vida e os sentimentos. Nas rodas de conversa buscamos ouvir a história de cada um para entender suas angústias, dificuldades, fortalezas. Um dos pontos interessantes é quando um interfere na situação do outro com intuito de ajudar na superação dos desafios por ter vivenciado algo parecido. Algumas vezes, faz-se necessário esperar o tempo do outro para se abrir e contar sua história, por isso, os momentos pensando para expressão dos sentimentos e emoções são primordiais. É preciso que o educando sinta que alguém se importa com ele de forma legítima.

Em 2015, imbuídos no desejo de transformar ainda mais as práticas educativas com intuito de respeitar as individualidades de cada uma e cada um, como também na busca por uma educação que pudesse fazer sentido, passamos a pensar na escola e na sociedade que queremos. Não há um modelo e a escola vai se condicionando nas relações, e são nelas que se vão construindo o que vai ser a escola.

A experiência de vivenciar as mudanças, de repensar a escola, sua proposta pedagógica, seu currículo e as relações de ensino e aprendizagem, nos fortalecem perante a ampliação dos nossos sentidos para acompanhar a aprendizagem e o desenvolvimento dos estudantes a cada instante de escuta, diálogo e do reconhecimento dos objetivos estabelecidos pelo grupo. Como também, ao perceber o potencial do trabalho dentro do contexto que auxilia em processos criativos, éticos, estéticos, políticos mais significativos para formação do sujeito.

O movimento de construção e reconstrução traduzido no processo reflexivo nos aproxima de forma inteira consigo mesmo. A ação reflexiva nutrida diariamente, essencialmente, dialógica se constitui a partir da valorização dos sujeitos e dos diferentes

saberes construindo e reconstruindo os caminhos fundamentos pela práxis.

Ao considerar seu papel na transformação da sociedade, é fundamental que a escola seja um espaço de produção e construção do conhecimento, não de reprodução, mas sim de reflexão. Dessa forma, devemos contribuir na formação de sujeitos que possam criticar, refletir e criar conhecimento superando o ensino com base na transmissão de conteúdo descontextualizados da vida real.

As ações educativas precisam ter intencionalidade e fazer sentido. Por isso, desde quando o educando está elaborando o seu planejamento diário, é preciso estar atento para perceber se o mesmo consegue planejar seus horários, de como está na escrita, se aceita sugestões para se reorganiza.

As perguntas para formulação do roteiro de estudo são o ponto de partida, por meio delas conseguimos articular diferentes saberes e dialogar com variadas formas de aprender. As conversas direcionadas ao entendimento das motivações, curiosidades, interesses sobre algo instiga, também, o educador na busca pelo conhecimento. Constantemente, é necessário desloca-se e sair da zona de conforto.

Nessa relação estamos juntamente, educandos e educadores, aprendendo e ensinando. Ajudando na procura das fontes de pesquisa, oferecendo ferramentas para lidar com o conhecimento com autonomia, observando o que faz sentido estudar e se buscam ajuda dos seus pares. Como também, dialogar sobre os objetivos estabelecidos, como a formação do senso crítico e coletivo.

## TRAMA II

Os ventos do fim do inverno, no começo de agosto de 2020, conduziram-me ao encontro com as crianças e adolescentes na oficina de cinema que se iniciava em formato remoto. Durante dias planejava como seria nossa reconexão por meio das telas e de como tornar os momentos juntos, virtualmente, prazerosos e de acolhimento aos sentimentos, as novas descobertas e experiências, resultando assim, em um espaço de construção de conhecimento e de novas sensibilidades.

As oficinas pedagógicas fazem parte da proposta pedagógica da escola e a cada início de ano os(as) educandos(as) escolhem em ação colegiada as que irão prosseguir de um ano para o outro e/ou sugerem novas oficinas. Como também, nomeiam as que gostariam de participar formando grupo diversos, e uma vez na semana são desenvolvidas as atividades artísticas e pedagógicas.

Neste ano, com o grande desafio de desenvolver a oficina de cinema fizemos encontros online, em situações síncronas, e usamos outras ferramentas audiovisuais para auxiliar na comunicação e compartilhamento de materiais, ideias, fazeres e saberes, como o WhatsApp e o padlet. Participaram crianças e adolescentes de sete a doze anos de idade e, nas ocasiões ouvimos sobre como estavam os seus dias, o que pensavam, os anseios, superações e o que desejavam aprender nos encontros.

Com o propósito de desenvolver uma oficina imersa na relação do(a) educando(a) consigo, com outro e com mundo, realizamos atividades com os “nossos ventos-emoções”. A escolha do fenômeno da natureza — o vento — vinculado as ações de parar, respirar, sentir, observar, explorar, brincar e conversar pautaram experiências singulares do/a estudante com sua casa, seu quintal, seu corpo, seus sentimentos e emoções. Criando novos olhares para o mundo e estimulando a percepção sobre o próprio lugar, o próprio corpo e as próprias narrativas.

O som do vento, gravado numa madrugada daquelas que o vento faz barulho intenso e algumas dicas, como: é algo que está em todo lugar, mas que não podemos ver e nem toca, impulsionou as primeiras descobertas e pensamentos ligados diretamente com a capacidade de sentir.

O cinema, uma das artes mais completas pela sua capacidade de produção de sentidos, inspirou o desenvolvimento de diversas atividades por meio de dispositivos cinematográficos, cineclube, áudios-poesias, desenhos e da criação fílmica. Com olhar sensível e de modo excepcional os(as) educandas(as) produziram imagens e sons de maneira poética, enveredando por caminhos peculiares inventam novos mundos.

As observações, formulações e constatações de algo percebido por meio de um exercício de cinema, provocado pelo ver, sentir e fazer, evocavam motivações, tensões, enfrentamentos e desejos.

Por isso, ao considerar que cada um é afetado pela arte de maneira diferente, preconiza-se que a escola é espaço de reflexão e criação. Os processos que se dá pelo olhar, pelo pensamento e pelas emoções, tendo a linguagem do cinema como mediadora das relações, reconfiguram a educação.

As práticas valorizam a experiência sensorial, estética e de fruição. Ao assistir um filme compreende-se que é importante que o/a educando/a se sinta enriquecido pelo que viu e que, com isso tem o conhecimento mundo. O que é experimentado tem mais sentido para aprendizagem, aguça a curiosidade e desperta desejos.

Através da potência criadora do cinema somos capazes de “transver o mundo”, com diz o poeta Manuel de Barros.

ELIDIANA OLIVEIRA DAS NEVES  
(Ex-educadora e Oficineira de Cinema)

---

## SÓ UMA ESCOLA TRANSFORMADORA É CAPAZ DE TRANSFORMAR

*Novo olhar para educação  
Educando para vida  
Em fase de transformação*

*Escola família em construção  
Melhorando a educação  
Com empenho e dedicação*

*Aluno centro do processo  
Participando, interagindo  
Fazendo valer de verdade  
Nova metodologia  
Para formação e prosperidade*

*Compromisso e responsabilidade  
Em prática de verdade  
Para transformar a sociedade.*

Para mim, foi uma experiência maravilhosa, porque é uma escola que visa, sobretudo, o bem comum; sobretudo, a solidariedade. Foi uma experiência viva.

Agradeço essa rica oportunidade de vivenciar essa experiência. Sou grata a nossa coordenadora Leila, a Fátima e as mães e, sobretudo, o carisma e a dedicação da professora Aleuda, que sempre para mim, é um exemplo de profissional, é uma guerreira.

Ali se vive uma escola onde o aluno é o centro do processo. Você chega lá e vê aquela harmonia; é como você estar na sua casa; é uma aprender para a vida; é lindo o compartilhando a merenda entre eles, todos sentados em uma mesa; lá eles mesmos organizam as festas, eles mesmos fazem os docinhos, eles mesmos fazem de um tudo, trabalhando na cozinha.

Gostaria de agradecer, ainda, que mesmo fazendo um trabalho de depressão há quatorze anos, a escola foi uma riqueza na minha autoestima.

A minha gratidão  
MAGNA DE FÁTIMA R. CAVALCANTE

(Educadora pública aposentada, que desenvolveu um trabalho voluntário com as mães com artesanato de pintura em tecido e trabalhos manuais para geração de renda familiar)

---

## A ESCOLA EM MIM E EU NELA

Quando adolescente sonhava em ser cantora, atriz, dançarina, arquiteta... Jamais imaginei ser educadora.

Acabei me formando em Letras e exercendo a docência em escolas particulares e públicas, com experiência em ensino fundamental e médio, bem como professora substituta na UFPB/Campus Areia.

Hoje, não sei se seria outra coisa, que não educadora. A docência dá sentido a minha vida. A interação promovida no espaço escolar, as relações tecidas, as emoções vividas me fazem

sentir que a escola é o meu lugar.

Conheci o Carmelo, quando morava em Solânea, cidade vizinha a Bananeiras, por ocasião de minha família ter sido refém de um assalto e termos ido buscar um conforto espiritual com as irmãs carmelitas.

À sombra do Carmelo, me fortaleci, me encontrei como pessoa humana, sedenta de viver um mergulho mais profundo na fé. Vínculo constituído que gerou muitos frutos e mudou a rota de minha vida.

Quando tudo isso aconteceu, em meados nos anos de 2004, eu lecionava de manhã em uma escola particular, à tarde na escola pública e à noite dando aula em cursinho pré-vestibular. Em 2005, passei a lecionar como professora substituta da Universidade Federal da Paraíba, no Campus de Areia, cidade localizada a uns quarenta quilômetros de Solânea. Quando lá entrei, achei que ali era meu lugar, trabalhando bem menos, ganhando bem mais. Tratei de fazer o mestrado para ali firmar meu lugar.

Mas, minha vida se tecia por caminhos que nem imaginava.

Por um lado, na Universidade, preparava um projeto de extensão de alfabetização para funcionários terceirizados; do outro lado, na ligação com o Carmelo, o apelo da Piora da época a alfabetizar os lavradores do entorno onde se localizava o Mosteiro. Unindo o útil ao agradável, comecei a coordenar uma turma de alfabetização de lavradores, que começou se reunindo na sala da casa de um lavrador aluno, em julho de 2005.

Pelo estilo de vida contemplativa, de clausura das irmãs, coube a mim o exercício de desenvolver e executar a proposta pedagógica do projeto social que se constituía. Essa liberdade outorgada, mudou o desejo de ser professora universitária e me trouxe uma “determinação determinada”, como diz Santa Tereza D’Ávila, de construir a escola dos meus sonhos e a me realizar como educadora de uma escola popular.

O convívio com a priora e os lavradores crescia um desejo ardente de fazer da escola uma escola de todos, onde todos fossem sujeitos. Uma escola feita com e para as pessoas que dela participava.

A essa altura, estava terminando um mestrado em Linguística, como havia planejado para o ingresso definitivo na universidade.

Como proposta de dissertação, uma pesquisa teórica para a aplicabilidade no doutorado. Mas, minha relação com o projeto social já era tão intensa, que me fez repensar os estudos.

Sentia necessidade de estudar mais sobre os ideais freirianos e de buscar referenciais teóricos que subsidiassem essa nova escola. Embora a aplicabilidade da pesquisa teórica desenvolvida fosse importante, uma força maior me impulsionou a buscar fazer o doutorado em educação popular. E assim, se cumpriu.

Lá estava eu, feliz da vida, me aprofundando em estudos que subsidiavam as mudanças epistemológicas, filosóficas e metodológicas na escola.

Lembro-me como hoje, que quando passei na seleção de doutorado fui interpelada por meus filhos sobre o porquê de fazer doutorado, se a essa altura, eu já não queria ser mais professora da universidade e, então, esse título pouco importaria para estar na escola. Também lembro a resposta, ainda muito presente nos dias de hoje. De fato, essa titulação, em si, já não era importante na ocupação do cargo e no lugar que exercia. Mas, ela traria outros benefícios, ainda mais importantes. Queria que servisse de espelho para meus filhos e para os demais educadores da escola, que não parassem de estudar na graduação; ainda, queira dar orgulho aos meus pais, que não tiveram muito acesso à escolarização, mas fizeram questão de lutar para que seus filhos tivessem; por fim, para contrapor que lugar de “doutor” é na universidade e mostrar que no campo também é lugar de “doutor”.

Hoje, olho para atrás e vejo um caminho percorrido na busca de outra educação, construído com muitas conquistas, alegrias; uma boniteza de se ver. Mas, também, muitas vezes exaustivo e que pelo cansaço, pensei até, algumas vezes, em acreditar que já tinha cumprido com o dever, que já era hora de alçar outros voos. Embora, acredito, que por uma força maior, impulsionada pelos momentos de oração, me faz olhar para frente e ver que ainda a muito para fazer na busca de educação cujo primeiro passo seja o coração da pessoa humana e que as relações tecidas na e pela escola, revigoram minhas energias. Cada vez que adentro em seus espaços e, ao adentrar, recebo o calor humano e o abraço acolhedor das crianças, dos pais e dos meus colegas de trabalho me faz sempre voltar e me sentir parte integrante dessa vida

*Essa vida chamada escola*

chamada Escola Nossa Senhora do Carmo.

LEILA SARMENTO  
(Gestora da Escola desde sua fundação)

## PELOS OLHOS DE QUEM BUSCA NOVAS ALTERNATIVAS EM EDUCAÇÃO: RELATOS DOS QUE PISAM NO CHÃO DA ESCOLA COMO VISITANTE

### Impacto diante das práticas pedagógicas inovadoras

Sou educadora da rede municipal do município de Conde/PB, atuo no apoio pedagógico junto aos educadores e educadoras, além do apoio aos educandos no processo do ensino, aprendizagem, a partir do olhar psicopedagógico, pois como especialista vivencio a prática na instituição escolar, que atualmente é na escola municipal Professora Lina Rodrigues do Nascimento, situada no sítio Gurugi/Conde, comunidade quilombola, na área rural, voltada para educação no campo.

Bem, como educadora sempre fui muito inquieta, na busca de uma educação significativa, que fizesse sentido na vida do sujeito. No ano de 2017 ouvi falar numa escola que desenvolvia práticas

pedagógicas numa visão de Educação Transformadora, situada no município de Bananeiras/PB. Então, juntamente com uma equipe de educadores da escola Albino Pimentel, Gurugi/Conde, comunidade quilombola, agendamos uma visita à escola Nossa Senhora do Carmo, para nos inteirarmos das devidas práticas lá desenvolvidas.

Para mim, foi um dia impactante ao me deparar com práticas educativas tão inovadoras. Uma escola onde não há seriação, educador específico em uma sala de aula e educandos em espaços determinados. No entanto, me deparo com uma equipe educacional bem preparada e educandos autênticos, empoderados. Pude acompanhar crianças de 5 anos elaborando o plano do dia, foi assim que eles me responderam, quando me aproximei e perguntei aos três reunidos em grupo, o que estavam fazendo? Em seguida, perguntei qual o tema do plano do dia? E um deles me respondeu: “estamos elaborando projeto de vida”. Para mim, foi incrível perceber tal autonomia, espírito de coletividade, naquelas crianças, oriundas da zona rural, filhas de agricultores, tendo um espaço escolar que proporcionava oportunidades, para cada um expressar o seu potencial, dizer o que queria aprender, ou seja, o protagonismo em ação o tempo todo. Nesse contexto, percebi a educação transformadora acontecer. Percebi a visão de Paulo Freire na prática pedagógica da escola. E aqui eu cito uma de suas falas ao expressar que “ensinar exige o reconhecimento e a assunção da identidade cultural”. Essa assunção num sentido mais radical diz que:

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque é capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto. (Freire, 1996, p. 41).

Encantada com o que estava vivendo na ocasião percebi que o tempo não era suficiente para beber daquela fonte de saberes e, juntamente com os demais colegas combinamos para retornar em outro momento com mais tempo, como de fato aconteceu. Foram três dias de muito aprendizado, desta vez com direito a participar

dos planejamentos com os tutores, ou seja, denominação à aqueles que acompanham os educandos. A escola tem uma gestão democrática, envolvida em tudo e com todos. Os tutores e tutoras são admiráveis, comprometidos, responsáveis com um trabalho belíssimo. A experiência se tornou um divisor de águas em minha prática pedagógica. Minha gratidão a toda equipe que faz a diferença na transformação da vida de pessoas, pois a assistência às famílias é muito presente, isso torna-as primeiras a serem parceiras da escola.

MARIA DE FÁTIMA BARBOSA  
(Coordenadora no município de Conde-PB)

---

Acompanho a Escola Nossa Senhora do Carmo, em Bananeiras-PB, desde o início dos anos 2010...

Aquele espaço educacional sempre me chamou atenção, por ser formado por pessoas que amam o que fazem e pelo cuidado dedicado à formação de pessoas, que irão fazer diferença no mundo em que vivem. Uma proposta inovadora em pleno brejo paraibano.

E como toda coisa boa que a gente conhece, imediatamente, queremos que toda a nossa rede de relacionamentos, também tenha conhecimento, convidei algumas pessoas para me ajudarem a organizar festas de final de ano para toda a comunidade daquela escola.

Numa dessas festas, com direito a presença do Papai Noel e presentes, convidamos algumas escolas municipais para celebrar, junto com a Escola Nossa Senhora do Carmo, a chegada do Natal e do Ano Novo.

Nesses eventos eu fazia o papel de animador e junto com meus familiares, organizávamos diversas brincadeiras, como pular corda, dança da cadeira, corridas e o famoso cabo de guerra.

Em um momento da festa, na brincadeira do cabo de guerra, convidei professores e professoras das escolas para participarem. Acho que eu vi as crianças brincando de uma forma tão à vontade, que eu imaginei que as professoras e professores iriam gostar de

voltar a ser criança naquele dia tão especial.

Separei os times por escola e começamos a competição.

O mais interessante foi que a Escola Nossa Senhora do Carmo, ganhou todos os “combates” do Cabo de Guerra.

Eu fiquei impressionado, pois, era uma união tão incrível e a vitória era tão comemorada, que isso me chamou muita atenção.

Depois fiquei pensando naquela dinâmica e percebi, que o “Cabo de Guerra” fazia parte do dia a dia da Escola Nossa Senhora do Carmo. Afinal, desenvolver atividades numa entidade que sobrevive através de doações e de alguns convênios com a Prefeitura e Estado, que nem sempre são pontuais nos pagamentos, não é uma tarefa fácil. O “Cabo de Guerra” que aqueles e aquelas profissionais enfrentam diariamente é puxar a Motivação e o Talento para se doarem àquelas crianças e a crença, que somente através da educação transformadora é que será possível mudar o mundo que nos cerca.

Sou um privilegiado de ser testemunha ocular dos avanços que a Escola Nossa Senhora do Carmo tem alcançado a cada ano. Torço muito para que um dia, a Metodologia Pedagógica desenvolvida naquela escola seja adotada por outras escolas da região.

Que a Santíssima Trindade continue inspirando Educandos(as) e Educadores(as) da Escola Nossa Senhora do Carmo a continuarem ganhando os desafios impostos pelos “Cabos de Guerra” da vida e que a Escola dos Sonhos, tão idealizada por todas as pessoas que conhecem esse Projeto tão incrível, torne-se uma realidade concreta!

Minha profunda admiração,

NELCIMAR RODRIGUES DOS SANTOS

(Visitante e benfeitor da escola)

---

Era Dezembro do ano 2016, o então prefeito eleito de Remígio, Paraíba, me convidara, após um processo seletivo de

entrevista entre os professores efetivos do Município para ocupar a função de Secretário Municipal de Educação. Aceitei o desafio mesmo temendo pela enorme responsabilidade na pasta. Montamos a equipe que comporia a secretaria, os gestores e coordenadores escolares vislumbrando mudanças significativas.

O então prefeito e atual deputado estadual Melchior Batista é apaixonado por educação e muito insatisfeito com os sistemas até então conhecidos, pois achava muito “na caixa” e buscando alternativas para a educação se deparou com as escolas transformadoras e em especial com a Escola Nossa Senhora do Carmo em Bananeiras, Paraíba.

Chegou o dia de visitarmos e conhecermos as práticas da referida escola. Eu até então “dentro da caixa” e incrédulo nas colocações dos mesmos, pois não acreditava que nos rincões do nosso Estado havia alguém que pensasse que a educação pode sair das imposições e partir para transformar a si e ao outro.

Ao chegarmos à escola me assustei, pois, os portões eram abertos e o silêncio reinava absoluto no prédio, Eu que era tão acostumado aos muros e barulhos das nossas escolas que mais pareciam prisões. Adentramos o prédio, pequeno, mas acolhedor e me deparei com ilhas de alunos que se debruçavam nas mesas, bancos embaixo de árvores, em cadeiras circulares e o que me deixou pasmo foi que nesses agrupamentos o conhecimento fluía e os alunos não eram “segregados” por idade, mas por afinidade sobre determinado conteúdo.

Os alunos da escola interagiam entre si e em determinados momentos de dúvida um tutor era chamado e ali, na troca de conhecimentos, surgia o aprendizado. Meus olhos brilhavam com tudo aquilo, pois era a educação que eu sonhava; libertadora, sem imposições, sem enquadramentos. Era uma verdadeira “desordem” dentro uma ordem apaixonante e que resulta em processos significativos do processo ensino-aprendizagem.

A coordenadora Leila nos mostrou e explicou todos os processos de vivências e experiências e com participação dos alunos de forma tão protagonista e lúdica que saímos de lá encantados e vimos que pensar a educação diferenciada e com foco nos agentes principais do processo é possível e que gera resultados de transformação vivencial, atitudinal e educacional.

Eu acredito na educação. Eu acredito na Escola Nossa Senhora do Carmo.

ALEXANDRE RUFINO DA SILVA  
(Professor e Coordenador Pedagógico do município de  
Remígio, PB)

---

Os frutos do brejo paraibano

A viagem foi longa... Para mim, começou desde às 05h30min da manhã, mas a chegada às 10:00h naquela cidade tão linda, tão bucólica no brejo paraibano me deixou encantada. Bananeiras traz em seu nome a naturalidade do lugar, suas verdes paisagens, sua arquitetura rústica, sua Igreja imponente; tudo parece combinar perfeitamente, formando uma linda harmonia sob o olhar de Deus. É nesse lindo lugar que está guardada a Escola Nossa Senhora do Carmo, a qual tivemos o prazer de visitar, naquela nublada sexta-feira, 27 de outubro de 2017.

Ao chegarmos à escola, fomos recepcionados pela diretora Leila. Ela nos deixou à vontade para conhecer cada pedacinho daquele lugar, cada detalhe nos mostrava o quanto aquele espaço é especial; onde o professor é tutor e os alunos são tutorandos, cujos olhares curiosos nos rodeavam. Em uma das mesas do pátio estava a tutora Elidiana Oliveira compartilhando uma deliciosa leitura com as crianças, prontamente explicou-nos que o momento estava acontecendo, em especial, por no mês de outubro comemorar-se o dia nacional da leitura, também porque nas sextas-feiras as atividades são diferentes dos outros dias. Em uma das salas estava o simpático e prestativo tutor Jonas Santos, que nos apresentou um pouco de seu trabalho como tutor e especialista em Língua Portuguesa, falando com brilho nos olhos a proposta pedagógica e o incentivo à liberdade de cada educando que a escola proporciona.

O melhor estava por vir. Leila preparou-nos um cantinho para que pudéssemos conhecer mais a fundo a escola. Acolhidos por toda equipe, nos deliciasmos com tudo que ela nos falava. A escola surgiu em 2005 a partir das orações das Irmãs Carmelitas. A sala

da casa de um dos lavradores, tornou-se uma sala da busca pelo saber, ali eles aprendiam as letras, como por seus nomes em um papel, etc. Em 2007, a escola foi tomando forma e através de doações conseguiram um prédio próprio, a esta altura os filhos dos lavradores também participavam das aulas, passando a atender desde os primeiros aos últimos anos do ensino fundamental, não como séries, mas como núcleos de aprendizagem.

A Escola Nossa Senhora do Carmo não se contenta em ser uma escola qualquer, ela busca levar autonomia, respeito, solidariedade, afetividade, gratuidade, responsabilidade e o autoconhecimento a cada educando, através de uma proposta pedagógica transformadora. Sua metodologia é baseada no projeto, roteiro, plano do dia, o qual cada tutorando tem a liberdade de escolher o que irá estudar no seu dia, nas rodas de apreciação do dia eles se deleitam apresentando as conquistas, inclusive que o que não pode ser alcançado, na certeza de que há um amanhã e tudo será consertado. Na tutoria, cada educando poderá tirar suas dúvidas com seu educador, que está sempre disposto a lhe apontar o norte, o momento com especialista é aonde as dúvidas podem ser tiradas. Nessa escola maravilhosa ainda há oficinas, momentos de relaxamento e uma avaliação diferente, pois é feita através do diálogo, da mediação, acompanhamento e a intervenção mútua entre o ensino e a aprendizagem; prova NÃO!

Como se não bastasse tudo isso, o trabalho educativo tem por base grupos de responsabilidade, planejamentos pedagógicos, comitês e colegiado estudantil, assembleia geral, conselho de classe e escolar, formação continuada para ser renovado o espírito, o psicológico e a formação acadêmica daqueles que querem o melhor de seus tutorandos. E os pais? Também tem vez e voz e fazem parte desse trabalho na “Escola de Pais”.

Ouvir Leila falar com tanto amor, tanta propriedade, com tanta empolgação daquele lindo projeto me fez pensar o quanto vale à pena conhecer outros pontos de vista. Quem imaginaria que em um pedaço de chão no brejo paraibano brotasse tantos frutos, frutos do saber, do saber diferenciado, que não impõe regras, mas dá responsabilidades, que não se preocupa com números atribuindo notas, mas com o que foi realmente aprendido e posto

em prática, que sabe que brincar e relaxar também são saberes, que sabe que a ajuda de todos pode transformar a realidade dos lavradores e de seus filhos. Eles ainda são sementinhas, como diz Leila Rocha, mas com os produtos certos irão germinar e dar novos frutos e são esses frutos do amanhã que farão com que todo o esforço daqueles educadores guerreiros tenha valido à pena.

MARIA DE OLIVEIRA PEREIRA  
Estudante de Pedagogia da UEPB

---

Nossa visita à Escola Nossa Senhora do Carmo aconteceu um pouco por acaso e muito pelos encontros com pessoas que nos mostraram o caminho.

Fui uma das primeiras pessoas da equipe Nativa juntamente, com Carolina, minha amiga de ensino médio, conhecemos José Pacheco em uma palestra organizada no Colégio Marista Pio X. Ele falava de uma escola em que os alunos poderiam estudar o que gostariam e que poderiam realmente se transformar e transformar a sociedade em um mundo melhor. Uma escola sem salas de aula, sem lousa e cadeiras enfileiradas, sem seriação e com liberdade para aprender e viver sua infância e adolescência. A escola de que ele falava era a Escola da Ponte, em Portugal. Parecia algo tão distante e impossível para nós que, apesar de irem germinando, as ideias ficaram muito tempo embaixo da terra.

Anos depois, já convidadas por Lindally, fundadora da Escola Nativa a participar da formação da sua fundação, a primeira escola com uma proposta pedagógica abrangendo o veganismo no Brasil, as ideias encontraram a luz do dia quando buscamos referências dessa forma de fazer educação. Falaram-nos do Professor Aluizio Lopes de Brito, nosso antigo professor e que havia convidado o professor Pacheco para a palestra que assistimos. Ele nos falou pela primeira vez da Escola Nossa Senhora do Carmo, para a nossa surpresa, que já existia no mesmo Estado que o nosso. Imediatamente buscamos marcar uma visita e fomos muito gentilmente atendidas e acolhidas.

Em nossa primeira visita vimos a escola viva, as crianças e os

jovens estavam presentes na escola, cada qual com suas atividades conforme a metodologia da escola funciona. Ficamos fascinadas com a alegria que vimos, tanto das educandas e educandos quanto das educadoras e educadores. Fomos aos poucos conhecendo os papéis de cada um, as tutorias, as oficinas, os ciclos de aprendizagem, os projetos das educandas e educandos, o espaço ressignificado pelas pessoas o projeto da Escola dos Sonhos.

Quando fomos havia chovido e as crianças estavam brincando no campinho, correndo nas poças e aproveitando a lama que havia se formado. Era nítida a felicidade das crianças em estar em uma escola que era verdadeiramente sua. Em que eles podiam descobrir e desfrutar do espaço em que estavam sem serem repreendidos por isso.

Para nós, conhecer a Escola Nossa Senhora do Carmo foi sinônimo de começar a fazer parte do Núcleo de Educação Transformadora. Já nessa visita fomos convidadas a participar do ENEDU (Encontro de Educação Transformadora no Brejo Paraibano), marcado para acontecer alguns meses depois de nossa primeira visita. Nesse encontro conhecemos ainda mais a fundo as práticas educativas da ENSC e de outras escolas e também foi iniciado o Núcleo de Educação Transformadora, que temos a felicidade de fazer parte junto com a ENSC e muitas outras iniciativas inspiradoras.

Voltamos à Escola fisicamente mais 2 vezes e nos encontramos com educadoras, educandos e seus familiares muitas outras. A cada encontro, nos encantamos mais. Redescobrimos que a educação é um processo dialógico, que educandas e educandos têm muito mais potencial do que nós somos ensinados a acreditar e que a comunidade inteira participa na sua aprendizagem.

Em uma das visitas nós pudemos conhecer com mais detalhes as ferramentas que são usadas pela escola, a forma com que a democracia funciona em todos os espaços, desde a gestão dos recursos até a organização das salas. E, mais do que a democracia que vemos hoje na maioria dos espaços públicos, realmente conta com a participação de todos: educadoras, educadores, gestão administrativa, alunas, alunos e familiares.

Desde muito pequenos eles compreendem o seu papel na

escola, suas responsabilidades para com as outras pessoas e principalmente com a comunidade. É uma educação contextualizada, enraizada na localidade e que se reinventa a cada momento.

Algo que sempre fica marcado a cada reencontro é a alegria e a união de todas as pessoas da Escola. Sabemos que todos passaram por dificuldades juntos e que o consenso não acontece o tempo inteiro, mas vemos o quanto existe confiança e companheirismo entre todas e todos que constroem a ENSC. Admiramos muito essa união e toda a animação que trazem onde quer que vão. São muitos sentimentos e memórias para descrever em poucas palavras, mas podemos dizer com certeza que a Escola Nossa Senhora do Carmo continua sendo uma inspiração e referência de escola para nós.

RAYSSA BATISTA

(Escola Nativa/João Pessoa — PB)

---

Tomei conhecimento sobre a Escola Nossa Senhora do Carmo em 2017, devido às minhas pesquisas acerca de projetos de educação integral na Paraíba. Naquele ano, organizei uma “aula passeio” com a colaboração das Professoras Maria das Graças Ferreira e Vagda Rocha e de 37 alunas do curso de Licenciatura em Pedagogia do referido Departamento, objetivando conhecer a comunidade escolar e seu projeto pedagógico. Fomos recebidos pela Prof<sup>a</sup> Leila Coelho, por outras professoras e por alunos no dia 27/10/2017. Como registrou uma das pedagogas em formação: “Conhecemos um projeto de amor, inspirador, no qual as crianças têm liberdade de fala e autonomia para pensar e agir, o que acontece porque elas participam de todo o processo de ensino e aprendizagem” (BRITO, 2017, p.23).

A experiência foi registrada pelas alunas por meio de crônicas e avaliada/analisaada por meio de rodas de conversa e portfólios, que evidenciaram o caráter inovador, competente, humano, amoroso e encantador do projeto. Após a aula passeio, organizamos o projeto “Sarau literário com múltiplas linguagens:

diálogos e experiências com a educação básica”, quando a professora Leila Coelho e 11 crianças visitaram a UEPB/campus I e demos continuidade aos diálogos sobre o projeto. Ressaltamos que as crianças foram as principais interlocutoras, expressando-se com maestria e segurança sobre os projetos e as atividades que realizavam, mediadas pelas suas educadoras.

Tomando de empréstimo o título de um dos livros de Rubem Alves (2001), um dos referenciais do projeto da escola, podemos asseverar que conhecemos “a escola com que sempre sonhamos sem imaginar que pudesse existir tão próximo a nós”. O autor referia-se à Escola da Ponte, localizada em Portugal, e nós à “Escola dos Sonhos”, localizada em Bananeiras/PB, uma das mais belas e históricas cidades do Estado. Dentre poucas, a escola tem a autogestão como princípio, conteúdo e método. Constitui-se para nós como referência empírica de educação integral, que nos inspira a ressignificar os processos de ensino e aprendizagem, considerando suas dimensões cognitivas, socioemocional, cultural, política, econômica e, sobretudo, humana.

FRANCISCA SALVINO

(Professora do Departamento de Educação da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/campus I, Campina Grande/PB))

---

Bananeiras (PB) 5 de abril de 2019

Querida família Nossa Senhora do Carmo,

Hoje finalizamos uma semana de aprendizados intensos, não só no campo metodológico/pedagógico, mas no de relações humanas, de afetos e de valores.

Saio dessa escola uma pessoa melhor, porque tive a honra de conviver com vocês e o exemplo de amorosidade que me deram levarei para minha vida.

Educar para que o outro seja melhor que eu, para que o mundo seja melhor que o que temos hoje; é isso que acredito; é isso que vi vocês fazerem. Por um mundo e por pessoas mais amorosas, respeitadas, solidárias, empoderadas e abertas à vida.

Gratidão por cada sorriso, abraço, diálogo, cuidado,

aprendizado. Gratidão por nos receberem.

Escolas não são prédios, escolas são pessoas, entendi melhor o significado dessa frase aqui.

Acreditem sempre em vocês. O trabalho que fazem com cada um que passa por essa escola é transformador. Vocês potencializam o que há de melhor em cada ser humano.

Uma escola realmente transformadora só poderia gerar em quem se relacionasse com ela uma transformação profunda, ao mesmo tempo, delicada porque profundamente amorosa. Daqui, já parto pensando em quando retornar para colaborar e aprender mais. Para rever tantas pessoas queridas. A semana foi de aprendizados intensos, um deles foi como ser bem, aliás, sumamente bem acolhido; é engrandecedor. Outro grande, foi a motivação da equipe que leva a uma organização impecável, a uma busca contínua de estudar e uma confiança recíproca e equilíbrio emocional coletivo que, certamente, vem sustentando e expandindo esse projeto humano tão sensível, dialógico, popular e comunitário.

Escolas realmente transformadoras como essa, emancipa vidas, motivam sua comunidade a sonhar e, quando isso ocorre, tudo é possível. O contágio de positividade é inevitável e as conseqüências imprevisivelmente encantadoras. Por isso, retornarei, em breve, já para adentrar o terreno da Escola dos Sonhos, fortalecendo junto e impulsionado pelo exemplo de cada um(a) de vocês o sonho de realizar em meu contexto comunitário também uma transformação de tal envergadura. Muito grato, amigos! Muito grato,

Quando pensamos em fazer essa carta coletiva, confesso que já comecei a pensar em todas as palavras bonitas que poderia deixar a vocês. Hoje, no momento de escrever, todas as palavras me fogem e percebo que o que mais tenho para compartilhar é amor.

Foi uma semana incrível, cheia de aprendizados técnicos, pedagógicos, mais nunca imaginei ser possível existir um espaço que reverbere tanta amorosidade.

Escolas transformadoras são feitas por pessoas transformadoras. É assim que saio daqui: totalmente transformada e muito mais empoderada de mim mesma e da missão que tenho.

Que vocês consigam e tenham forças para seguir adiante transformando vidas e, portanto, transformando o mundo.

Gratidão por cada olhar, cada sorriso, cada palavra, cada abraço.

Se a dúvida do caminho surgir, saibam que o caminho que estão trilhando é o correto.

Até breve, sempre com saudade,

ADRIANA, EDSON E ALESSANDRA  
(Educadores do Educandário Humberto de Campos/ Alto  
Paraíso — GO

Obs: A mensagem acima foi deixada após uma vivência de uma semana na escola em 2019)

---

## MUNDO DA VIDA E AGIR COMUNICATIVO NA ESCOLA NOSSA SENHORA DO CARMO EM BANANEIRAS/PB

Após o estudo e discussão em sala de aula da teoria habermasiana do agir comunicativo e dos estágios de desenvolvimento do julgar moral, de teorias contemporâneas da aprendizagem e, especialmente, do construtivismo, seguiu-se um encontro de mundos entre o saber acadêmico universitário e o saber escolar.

A aula de campo foi na Escola Nossa Senhora do Carmo, localizada no Sítio Monte Carmelo — Morro da Graça, zona rural de Bananeiras/PB, a qual utiliza uma metodologia inovadora, baseada na “Escola da Ponte”, e que tem como um dos idealizadores o português José Pacheco.

Era uma manhã de quinta-feira, 15 de junho chuvoso e frio, quando a turma do Mestrado em Ensino chegou à escola. Formada em sua maioria por educadores, pedagogos, docentes da educação básica, de institutos federais, mas também por psicólogos e nutricionistas. Chegando à entrada das dependências da escola, fomos recebidos pelos alunos com um caloroso abraço

e um cartão de boas-vindas produzido pelos próprios educandos, que dizia:

*Que bom que você veio nos visitar!  
Lugar de disponibilidade  
Do riso aberto  
Do gesto de solidariedade!  
Sua presença nos fortalece, aumenta nossa alegria e a nossa fé.  
Obrigada,  
Seja bem-vindo (a)*

---

ESCOLA NOSSA SENHORA DO CARMO  
Bananeiras, 13/06/19.

Logo em seguida, a líder da escola e o coordenador pedagógico nos recebem e começam a explicar como se organiza a escola. Falam da sua origem e do projeto de construção da “Escola dos Nossos Sonhos”, pois atualmente funciona no prédio construído em terreno do Convento das Irmãs Carmelitas e não possui a estrutura adequada para a proposta pedagógica da escola.

A Escola Nossa Senhora do Carmo, conhecida como Escola do Carmelo, surgiu a partir de um projeto social das Irmãs Carmelitas no ano de 2005. Em 2017 se tornou uma escola da comunidade, possuindo, na data da visita, uma média de 280 (duzentos e oitenta) alunos matriculados por núcleos, ofertando a educação infantil e o ensino fundamental completo.

O núcleo 1 — iniciação, é composto por alunos de 4 a 5 anos de idade; o núcleo 2 — desenvolvimento, compreende as fases correspondentes do segundo ao quinto ano; e o núcleo 3 — aprofundamento, do sexto ao nono ano.

No início do ano, os alunos preenchem uma ficha de interesse acerca da temática e dos assuntos que desejam estudar no decorrer do ano letivo, e posteriormente, cada estudante desenvolve um projeto de pesquisa, em grupo ou de forma individual, a depender da fase e idade do educando, que pode ser executado durante todo o ano ou para um período menor, como semestre ou trimestre.

Em casos de projetos de grupo, apesar de estarem em um

mesmo projeto, os estudos feitos por alunos de uma idade menor são diferentes dos estudos produzidos por alunos de idade maior. Apesar de criados pelos próprios alunos, os projetos sempre contemplam o currículo, levando em consideração as diretrizes curriculares.

Cada aluno possui um portfólio, o qual consta o projeto de pesquisa com o objetivo geral e os objetivos específicos, o referencial teórico, a metodologia, os instrumentos avaliativos, entre outros. De cada um dos objetivos específicos surge, pelo menos, um roteiro com as habilidades e as competências da Base Nacional Comum Curricular — BNCC que desejam alcançar. São os próprios alunos que definem as datas e o cronograma das atividades.

No portfólio há o campo para inserção de valores e das competências a serem atingidas, havendo espaço também para a avaliação do próprio aluno, dos pais ou responsáveis, e do tutor, assim denominado o professor.

Ao final de cada projeto é realizada uma avaliação com o aluno para constatar as habilidades e competências desenvolvidas, e ao final de cada trimestre é feito um parecer pelo professor. Ambos consistem em instrumentos avaliativos.

Por sua vez, roteiros de aulas são elaborados para o período de três semanas, sendo duas delas destinadas à execução dos projetos de pesquisa. Na terceira semana acontece o momento “parabenizo, critico e proponho”, em que os alunos expõem o aprendizado, são parabenizados e pontuam o que pode e necessita ser melhorado.

No turno matutino, estudam os alunos do núcleo 3 e a metade dos alunos do núcleo 2. No turno vespertino, estudam a outra metade dos alunos que compõem o núcleo 2 e os alunos do núcleo 1. Mesmo assim, apesar de serem maiores, aos alunos que estudam pela manhã são ofertados café da manhã no intuito de ajudar no despertar para os momentos educativos.

Os horários são estruturados por demanda dos próprios pais, pois consideram que os menores necessitam dormir um pouco mais pela manhã, para não atrapalhar o desenvolvimento. Inclusive, todas as decisões da escola se dão de forma democrática, com a participação de alunos, pais ou responsáveis,

professores, direção e comunidade local. Em ambos os casos, verifica-se a relação anteriormente mencionada entre aprendizagem pessoal e aprendizagem comunicativa, isto é, entre os processos argumentativos de formação da vontade geral em contextos de mundo da vida.

A proposta idealizada pela escola seria a vivência no espaço escolar em período integral, e para tanto sua viabilização requer aportes financeiros. Nesse âmbito, a parceria da escola com o município de Bananeiras e o Estado da Paraíba é insuficiente, garantindo somente o custeio da remuneração dos tutores/professores.

O restante das despesas são custeadas por conta de doações e pelos fundos arrecadados em campanhas para manutenção, realizadas pela própria comunidade. Além dos vários colaboradores que atuam de forma voluntária, a força da comunidade é fundamental para o desenvolvimento e o sustento da escola e revela como essa escola se insere no campo e partir de diálogos com a própria comunidade rural.

Todos os dias, ao chegarem, as crianças fazem uma oração em círculo, de mãos dadas, denotando a fé e sua religiosidade. Logo em seguida, tutores e alunos iniciam o planejamento do dia, através da construção dos planos, os quais constam as atividades a serem desenvolvidas. Após o recreio, os alunos voltam para os espaços dos núcleos (as salas de aula são assim denominadas) e usufruem de um momento de relaxamento e quietude. Existe um quadro das dúvidas, no qual os alunos anotam seus problemas de aprendizagem (consta o assunto e o nome da pessoa) e o tutor agenda um horário para conversarem, de forma individual.

Em seguida, tem-se a conclusão das atividades finalizadas pela roda de avaliação, importante momento em que todos publicizam com seus relatos o que aprenderam durante o dia. No dizer de Ferreira e Carneiro (2009, s. p.): “Só através de um encontro intersubjetivo ou comunicativo poderemos pensar um espaço como sendo realmente público”.

A escola constituiria, assim, como um “espaço público comunicativo” no dizer de Carneiro (2007), constituído por sua natureza intersubjetiva produtora de entendimentos, portanto que vai além da ideia de propriedade pública ou de uso público do

espaço. Nesse sentido, a experiência dessas atividades lembra os pressupostos pragmáticos do agir comunitário para sala de aula, propostos para a disciplina mencionada.

Com uma concepção de educação voltada ao desenvolvimento integral, transformadora, humanizada e libertária, a Escola do Carmelo almeja que seus alunos adquiram a consciência de indivíduo atuante e transformador da realidade social, responsável pelo seu crescimento pessoal e coletivo. Esses princípios se coadunam com o que foi trabalhado por nós na universidade e na disciplina “Tópicos Avançados: Construtivismo, Aprendizagem e Competência comunicativa”. Notadamente o desenvolvimento da competência comunicativa está presente na própria ideia da Escola do Carmelo, a pessoa em primeiro lugar se constituindo para o estágio pós-convencional por princípios éticos, morais e universais de bondade, respeito e solidariedade.

Fica evidente essa condição nas próprias normas sociais do espaço escolar, estabelecidas de modo não violento, mas criadas por toda a comunidade, mediante processos argumentativos e sobre o juízo moral do que é bom para cada qual e justo para todos. Assim, para cada dia da semana revezam-se pessoas para a limpeza da sala e a guarda dos computadores, bem como também existem normas sociais para a utilização dos celulares como instrumento de pesquisa.

Ainda que uma atmosfera harmoniosa impere, em caso de conflitos, nunca inexistentes em nossos mundos da vida partilhados, há um grupo de mediação formado pelos próprios alunos. Apenas em raras situações quando a prática comunicativa cotidiana falha, seguem-se outros mecanismos de resolução consensuais, formalmente regulados como os Comitês Estudantis, o Colegiado Estudantil, os Conselhos de Classe e Escolar, a Assembleia Geral e a Escola de Pais. Nas palavras de Coelho (2015, 131),

Pode-se perceber na relação dos alunos com a Escola que existe uma predisposição ao diálogo, de se ter uma relação construída num ir e vir da interação como processo de aprendizagem e prática efetiva de construção de vínculos afetivos, que favorecem a construção do conhecimento.

Oportunamente, participamos de algumas das aulas, em uma

delas, voltada aos menores do Núcleo I, que estavam estudando as cores, presenciamos uma aprendizagem transdisciplinar. Foi possível perceber como se realiza a construção do conhecimento acerca de cores, frutas, nomes, obras de arte, português, matemática e emoções, mediante uma partilha finalizada pela produção artística dos pequenos. Essas experiências cheias de sentido e significado foram encantadoras e nos possibilitou enquanto universitários aprender com os ensinamentos escolares.

Nessa escola, os estudantes são protagonistas de suas próprias biografias, escolhendo quais conteúdos serão importantes para fazer parte do seu repertório cultural. O ensino acontece de forma transdisciplinar e o tutor facilita essa travessia, sendo um companheiro no processo de construção e desenvolvimento de competências e habilidades, tornando o processo de ensino e aprendizagem dinâmico, humano e inovador.

O tutor se encontra na condição de mediador, mas também de companheiro na travessia da aprendizagem, pois lhe cabe o dever de criar as condições para a construção de uma forma de pensar livre de qualquer tipo de dominação, e, ao mesmo tempo, compreensiva do viver com o outro. Dito isso, contribuindo para a formação dos estudantes como sujeitos de si mesmos, isto é, capazes de serem protagonistas de sua própria história e de seu próprio espaço. A proposta educacional da Escola do Carmelo é centrada, acima de tudo, no desenvolvimento humano.

Diante do exposto, a relação entre a aprendizagem pessoal e a aprendizagem comunicativa, entre aprender a ser pessoa e aprender falando com pessoas, tanto na teoria-prática na universidade, quanto, na prática-teoria na escola, se revelaram corretas. A resposta à nossa pergunta se demonstrou na possibilidade de se ter a linguagem comunicativa como meio de entendimento mútuo, eficiente quando conectado diretamente aos contextos de vida intersubjetivos e subjetivos, ao próprio mundo da vida.

Ao visitarmos a Escola Nossa Senhora do Carmo, conhecida por Carmelo, na cidade de Bananeiras/PB, pudemos conhecer de perto um modelo de escola que, consoante o que foi preconizado no relato da disciplina, busca situar o construtivismo para além da construção do conhecimento.

Ao vivenciar um dia de aula naquele espaço cheio de significados, nos encantamos com uma realidade inimaginável, um lugar de aprendizagens pessoais, do desenvolvimento do indivíduo e do crescimento de uma comunidade que sabe fazer uma educação transformadora. A competência comunicativa se revelou viva e com condição da sua existência.

É uma escola que queremos para nossos filhos e que almejamos ser ofertada, também, pelo Estado.

ROSALVO NOBRE CARNEIRO  
(Professor de Geografia da UERN/PPGE)  
MARIZETE BATISTA DO NASCIMENTO  
PALOMA BRECKENFELD ALEXANDRE DE  
OLIVEIRA

(Mestrandas do PPGE/ UERN)

---

Quando eu pus os meus pés na Escola Nossa Senhora do Carmo, eu senti uma alegria, um amor... Eu senti o verdadeiro sentido da educação. Me lembro que no meu primeiro dia de observação eu estava tão feliz naquele espaço que mandei uma mensagem para meu orientador, dizendo: estou feliz aqui. Eu me senti realizada naquela escola, enquanto professora e ser humano.

Eu passei cerca de 2 meses vivenciando o dia a dia da escola. É um ambiente maravilhoso. Eu poderia definir este espaço em três palavras: amor, alegria, respeito.

Ao final da observação, eu saí da escola com a certeza de que é possível existir uma escola diferente das que estamos acostumadas.

Inevitavelmente fiz comparações entre ela e as escolas que já trabalhei. É uma diferença enorme! Principalmente na questão do respeito entre todos que estão inseridos na escola.

No início dessa minha pesquisa eu cheguei a pensar em desistir, achei que isso não seria possível, que era apenas uma utopia, que a escola poderia não funcionar como eu imaginava... Eu realmente estava enganada. Ela é muito mais do que eu

esperava! É de uma organização incrível e resultados surpreendentes! Eu vi que é possível transformar nossas escolas! Não é fácil... Mas não é impossível!

Na minha vida enquanto pessoa e profissional, a escola me mostrou que a educação só funciona verdadeiramente com amor. Com entrega. Lá eu compreendi perfeitamente o sentido das palavras de Paulo Freire, quando disse que não podemos falar de educação sem amor.

A escola mudou meu olhar sobre a educação, sobre os alunos. Me trouxe novos horizontes enquanto docente. Me fez refletir sobre o que eu vinha pondo em prática esses anos enquanto professora. Hoje, eu busco passar para os meus alunos e a equipe de profissionais com a qual eu trabalho, mais amor, compreensão e respeito. Pois, eu vi com meus próprios olhos que a escola pode ser um ambiente muito mais agradável se olharmos melhor para o outro.

AMANDA NÁGILLA SILVA ALBUQUERQUE  
(Fragmento do trabalho de monografia de conclusão  
de curso em Licenciatura Plena em Geografia/UEPB)

## REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. Estórias para quem gosta de ensinar. São Paulo: Artes Poética, 1995.

\_\_\_\_\_. A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir. 8.ed. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

ANGOTTI, Maristela. Espaços de liberdade no método Montessori. In: Maria Montessori: o indivíduo em liberdade. Coleção Memória da Pedagogia. Rio de Janeiro: Ediouro; São Paulo: Segmento Duetto, 2005.

ANTIPOFF, Helena. A Fazenda do Rosário como experiência social e pedagógica no meio rural -1952. In: CAMPOS, Regina Helena de Freitas (org.). Helena Antipoff: textos escolhidos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002, pp. 277-278.

\_\_\_\_\_. Como pode a escola contribuir para a formação de atitudes democráticas - 1944. In: CAMPOS, Regina Helena de Freitas (org.). Helena Antipoff: textos escolhidos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002, pp. 221-226.

\_\_\_\_\_. O problema do bem-dotado no meio rural – 1971. In: CAMPOS, Regina Helena de Freitas (org.). Helena Antipoff: textos escolhidos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002, pp. 258-266.

ARDOINO, J. (1998d). A formação do educador e a perspectiva multirreferencial. Minicurso ministrado na Universidade Federal de São Carlos, Departamento de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, de 15 a 16 de outubro. Mimeo.

ARROYO, M. G. Educação Básica para os povos do Campo? In Educação Básica de Nível Médio nas áreas de Reforma Agrária. Textos de Estudo. Boletim da Educação, n. 11. MST/ ITERRA,

RS, 2006.

ARRUDA, Marcos. Humanizar o infra-humano: a formação do ser humano integral: homo evolutivo, práxis e economia solidária. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

\_\_\_\_\_. Educação para uma economia do amor: Educação da Práxis e economia solidária. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2009.

BATISTA, Maria do Socorro Xavier. Movimentos sociais e educação do campo: promovendo territorialidades da agricultura familiar e desenvolvimento sustentável. IN: JEZINE, Edineide; BATISTA, Maria do Socorro Xavier; MOREIRA, Orlandil de Lima (Orgs). Educação Popular e Movimentos Sociais: dimensões educativas na sociedade globalizada. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2008.

BAUER, Martin W. e GASKELL, George. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BELLO, José Luiz de Paiva. Renúncia à tirania. In: Maria Montessori: o indivíduo em liberdade. Coleção Memória da Pedagogia. Rio de Janeiro: Ediuoro; São Paulo: Segmento Duetto, 2005.

BETTO, Frei. O que a vida me ensinou. São Paulo: Saraiva, 2013.

\_\_\_\_\_. Sinfonia Universal: a cosmovisão de Teilhard de Chardin. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BETTO, Frei. Crise da Modernidade e Espiritualidade. In: VERÍSSIMO, Luís Fernando; BETTO, Frei; SOARES, Luiz Eduardo; FREIRE, Jurandir; BUARQUE, Cristovam. O Desafio Ético. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

BOFF, Leonardo. Espiritualidade: um caminho de transformação. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

BOFF, Leonardo e BETTO, Frei. Mística e espiritualidade. Rio de

Janeiro: Rocco, 1994.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A educação popular na escola cidadã*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. *O que é o método Paulo Freire*. 26 reimpr. da 1 ed. De 1981. Coleção primeiro passos; 38. São Paulo: Brasiliense, 2005a.

\_\_\_\_\_. *Aprender o amor: sobre um afeto que se aprende a viver*. Campinas, SP: Papyrus, 2005b.

\_\_\_\_\_. *O que é educação popular*. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 2006.

\_\_\_\_\_. *O trabalho de saber: cultura camponesa e escola rural*. São Paulo: FTD, 1990.

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira*. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>> Acesso em: 27 set, 2013.

\_\_\_\_\_. *Constituição Federal da República Federativa do Brasil de 1988*. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)> Acesso em: 06 dez, 2013.

\_\_\_\_\_. *Constituição Federal da República Federativa do Brasil de 1946*. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)> Acesso em: 06 dez, 2013.

\_\_\_\_\_. *Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil*. Vol. 2. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Brasília-DF, 2006. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Educinf/eduinfparqualvol2.pdf>>. Acesso em 05 nov., 2013.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Diretrizes operacionais para a educação básica nas escolas do campo. Brasília, DF, 2002.

CARDART, Roseli Salete. Elementos para construção do Projeto Político Pedagógico da Educação do Campo. In: MOLINA, Mônica Castagna (org.). Contribuições para a Construção de um Projeto de Educação do Campo. Coleção Por uma Educação do Campo, nº 5. Brasília, DF: Articulação Nacional “Por Uma Educação do Campo”, 2004.

CALDART, Roseli Salete. Pedagogia do Movimento sem Terra. 3 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

CAMPOS, Regina Helena de Freitas (org.). Helena Antipoff: textos escolhidos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

CASASSUS, J. A escola e a Desigualdade. Brasília: INEP/Plano, 2002.

CECCON, Claudius; OLIVEIRA, Miguel Darcy de; OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. A vida na escola e a escola da vida. 15 ed. Petrópolis: Vozes, IDAC, 1986.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA HELENA ANTIPOFF. Educação Rural. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, Coletânea das obras escritas de Helena Antipoff, V.4, 1992.

CHABOT, Daniel. e CHABOT, Michel. Pedagogia Emocional: sentir para aprender. Sá Editora: São Paulo, 2005.

CHALITTA, Gabriel. Pedagogia do Afeto. São Paulo: Editora Gente, 2001

CRUZ, Antônio. Novos paradigmas de produção e consumo: experiências inovadoras. São Paulo: Instituto Pólis, 2010.

FREINET, Célestin. Para uma Escola do Povo: guia prático para a organização material, técnica e pedagógica da escola popular. São

Paulo: Martins Fontes, 1996.

FREIRE, Paulo. Cartas à Guiné-Bissau. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980b.

\_\_\_\_\_. Paulo. Educação e Mudança. 18 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

\_\_\_\_\_. Educação como prática da liberdade. 32 reimp. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

\_\_\_\_\_. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. 29 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. Pedagogia do Oprimido. 43 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GADOTTI, Moacir. Pedagogia da Práxis. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2004.

GODOI, Christiane Kleinubing (et. all.). Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e Métodos. São Paulo: Saraiva, 2006.

GRUPO PERMANENTE DE TRABALHO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO, Ministério da Educação. Referências para uma Política Nacional de Educação do Campo. Caderno de subsídios, Brasília, Outubro, 2003.

KOLLING, Edgar Jorge; NERY, Ir. Israel José; MOLINA, Mônica Castagna (orgs.). Por uma educação básica do campo. V. 1, Brasília, DF, 1999.

LEUDEMANN, Cecília da Silveira. Anton Makarenko vida e obra – a pedagogia na revolução. São Paulo: Expressão Popular, 2002.

LIMA, Edimara de. O exercício da autonomia: um dos elementos fundamentais do método montessoriano. In: Maria Montessori: o

indivíduo em liberdade. Coleção Memória da Pedagogia. Rio de Janeiro: Ediouro; São Paulo: Segmento Duetto, 2005.

MATURANA, R., Humberto. Emoções e linguagem na educação e na política. 3 reimp. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

MOLINA, Mônica (org.). Educação do Campo e pesquisa: questões para reflexão. Brasília, NEAD, 2006.

MOLINA, Mônica Castagna; JESUS, Sonia Meire S. Azevedo de (orgs). Contribuições para a Construção de um Projeto de Educação do Campo (Por Uma Educação do Campo). V. 5, Brasília, DF, 2004.

MOLINA, Mônica Castagna. e FREITAS, Helena Célia de Abreu. Avanços e Desafios na Construção da Educação do Campo. Em Aberto, Brasília, v. 24, n. 85, p. 17-31, abr. 2011.

MONTESSORI, Maria. Para educar o potencial humano. 2 ed. Campinas, SP: Papirus, 2003.

NEILL, Alexander Sutherland. Liberdade sem medo – Summerhill: radical transformação na teoria e na prática da educação. 19 ed. São Paulo: Ibrasa, 1980.

PATTO, Maria Helena. A produção do fracasso escolar. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991.

PÉREZ, Francisco Gutiérrez. Desarrollo sociopolítico y educacion comunitária. In: GADOTTI, Moacir e TORRES, Carlos Alberto (Orgs). Educação Popular: Utopia Latino-Americana. São Paulo: Cortez, 1994.

PIAGET, Jean. Psicologia e Pedagogia. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

REVISTA VIVER MENTE&CÉREBRO. Coleção Memória da Pedagogia: Maria Montessori: o indivíduo em liberdade. Edição

Especial. São Paulo: Ediouro, Segmento-Duetto Editorial Ltda., 2005. V.3.

SALTINE, Cláudio J. P. Afetividade e Inteligência. 5 ed. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2008.

STEINER, Claude; PERRY, Paul. Educação emocional: um programa personalizado para desenvolver sua inteligência emocional. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

STOCKER, Michael; HEGEMAN, Elizabeth. O valor das emoções. São Paulo: Palas Athena, 2002.

VYGOTSKY, L. S. Pensamento e Linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

WALLON, H. A evolução psicológica da criança. Lisboa: Edições 70, 1968.

WILLIAMS, Raymond. O campo e a cidade: na história e na literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.